



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS - CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA DO BRASIL

FRANCISCO HUMBERTO VAZ DA COSTA

DE RELANCE:
a construção da civilidade em Teresina (1900 – 1930)

Teresina - PI
2009

FRANCISCO HUMBERTO VAZ DA COSTA

DE RELANCE:
a construção da civilidade em Teresina (1900 – 1930)

Teresina - PI
2009

FRANCISCO HUMBERTO VAZ DA COSTA

DE RELANCE:

a construção da civilidade em Teresina (1900 – 1930)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História do Brasil.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz

Aprovada em: 04 / 09 / 2009

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz - UFPI
Orientadora

Prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento - UFPI
Examinador

Prof^ª. Dr^ª. Shara Jane Holanda Costa Adad - UESPI
Examinador

À minha família, em especial, a Girlenne e Michel.

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos a todos os professores do Mestrado em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, em especial a professora Teresinha Queiroz, pela dedicação, disponibilidade, paciência e ensinamentos durante toda a escrita da dissertação.

RESUMO

Esta dissertação tem como tema a constituição da civilidade na sociedade teresinense das três primeiras décadas do século XX. Este recorte temporal se deu por ser este o momento em que Teresina vivenciara um processo de modernização na sua infraestrutura, além do embelezamento do espaço urbano, da arborização e da perspectiva da introdução da moda, do consumo e da propaganda comercial, que contribuíram para o surgimento de novas sociabilidades em Teresina. Neste estudo, os cronistas são utilizados como interlocutores privilegiados da cidade, por vivenciarem o seu cotidiano e produzirem crônicas que incorporavam claramente intenções reguladoras de comportamentos, com o objetivo de edificar uma sociedade civilizada nos moldes europeus. Dessa forma, foi objeto de estudo nesta dissertação a pretensão dos cronistas de formalizar uma sociedade baseada em novos hábitos de existir, de ser saudável, educado e civilizado, isto é, tanto a prescrição de formas de viver como o combate aos maus costumes. Nos discursos dos cronistas também perpassavam o desejo de construção de uma cidade ideal e moderna, que materializasse as novidades produzidas pelos homens. Assim, a sedução provocada pelas novidades vai aos poucos ganhando dimensões e um público consumidor, em que a civilidade passa a ser o ideal desejado por parte da elite teresinense. Também são analisados os diversos ressentimentos existentes na escrita de literatos e cronistas. Estes ressentimentos são analisados a partir de quatro perspectivas: primeiro, as resultantes das críticas dos viajantes sobre a cidade e as imagens construídas sobre esta devido à falta de infraestrutura ou à ausência de um aparato que a caracterizasse como uma cidade moderna; segundo, a dimensão das mágoas familiares resultantes dos embates entre os novos moldes de comportamento com os hábitos tradicionais da sociedade teresinense; terceiro, os ressentimentos com relação às mudanças de comportamento e aos novos hábitos femininos, que introduziam outros costumes nem sempre bem vistos; e, por último, a recusa à modernidade e as ambiguidades geradas com a aceitação e/ou a negação das mudanças que estavam ocorrendo no início do século XX. Neste estudo, demonstra-se que existe uma articulação entre a cidade, a civilidade e o processo de modernização de Teresina no início do século XX, em que a cidade ideal estava distante da cidade real e havia muitas dificuldades na construção da civilidade e em que o processo de modernização se dava de forma demorada.

Palavras-chave: Teresina, Civilidade, Cronistas, Sociabilidades.

ABSTRACT

This paper has as a subject the constitution of civility in the society of Teresina in the three first decades of the XX century. This temporal database is due to the time when Teresina was going through a process of modernization in its infra-structure, besides the embellishment of the urban space, the urban forestry and the perspective of fashion introduction, consumption and advertising which contributed to the appearance of a new sociability in the city. In this study, the columnists work as privileged interlocutors of the city since they live its daily life and write chronicles that would clearly incorporate regulating intentions of behaviors to build a civilized society in the European moulds. Thus, the subject of study in this paper was the claim of the columnists to formalize a society based on new habits of existence, being healthy, polite and civilized, that is, the prescription for living as well as the combat to bad customs. In the columnists' speeches there was also a desire to construct an ideal and modern city that materialized the innovations produced by men. So, little by little the seduction provoked by the innovations gains dimension and a consumer public, causing civility to be the desired ideal by part of the elite of Teresina. Also, the resentments in the writings of literary scholars and columnists are analyzed. These resentments are analyzed based on four perspectives: first, the travelers' criticism about the city and the image they created about it for the lack of infrastructure or an apparatus to characterize it as a modern city; second, the size of family sorrows from disagreement between the new type of behavior and the customs of the traditional society of Teresina; third, to analyze the resentment towards the changes in behavior and new feminine customs that introduced new customs not usually well accepted; and lastly the refusal of modernity and the ambiguities generated by acceptance and/or denial of the changes that occurred in the beginning of the XX century. This study shows there was a link between the city, the civility and the process of modernization of Teresina in the beginning of the XX century when the ideal city was far from the real city and the so many difficulties to construct civility and when the process of modernization was so slow.

KEY WORDS: Teresina, Civility, Columnists, Sociability.

C837d COSTA, Francisco Humberto Vaz da

De relance: a construção da civilidade em Teresina (1900-1930) / Francisco Humberto Vaz da Costa. - Teresina: 2009.

129 fls.

Dissertação (Mestrado em História do Brasil) Universidade Federal do Piauí, 2009.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz.

1. Piauí – História. 2. Teresina – Civilidade. 3. Sociabilidades. 4. Cronistas. I Título.

C. D. D – 981.22

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 TERESINA BELLE ÉPOQUE	18
2.1 As reformas urbanas e a modernização	19
2.2 Cidade real e cidade dos desejos	26
2.3 Moda, consumo e costumes	34
2.4 A constituição da civilidade: novos hábitos e costumes	42
3 A CIVILIDADE E O COMBATE AOS MAUS COSTUMES	55
3.1 Os cronistas e o combate aos maus-costumes	57
3.2 A saúde e os riscos da degeneração da sociedade	71
3.3 O lado obscuro da civilidade	77
3.4 Novos tempos que se anunciam através da prática da escrita.....	82
4 A ESCRITA RESENTIDA DE CRONISTAS E LITERATOS PIAUIENSES	88
4.1 A cidade ressentida à espera da modernidade	90
4.2 Os ressentimentos familiares na escrita de literatos piauienses	96
4.3 Mulheres pobres, decaídas e sem atrativos	101
4.4 A modernidade: recusas e ambiguidades	105
5 CONCLUSÃO	117
FONTES E REFERÊNCIAS	122

1 INTRODUÇÃO

“De relance”, parte do título desta dissertação, advém da coluna do cronista Caio Lima, que atuava no jornal *Correio de Teresina*. O nome da coluna é revelador, visto que relance está relacionado a um olhar rápido, a um primeiro instante de um olhar avaliador, a uma pré-avaliação e a um pré-julgamento da cidade e da sociedade presentes em suas crônicas¹. Esse era o olhar de Caio Lima, e nada escapava ao seu crivo. Tudo era motivo para a escrita de seus textos, fossem os bons ou os maus costumes, elogios, críticas refinadas ou mesmo mordazes, a prescrição de comportamentos ou a condenação de práticas.

Depois das crônicas com discussões acerca da política, as crônicas sobre o cotidiano, os costumes da população, a burla às normas da cidade e à boa convivência são os assuntos mais frequentes nos jornais piauienses do início do século XX. Assim, utilizei, nesta dissertação, as mais diversas crônicas, contudo, focalizei as que debatem especificamente os costumes e que tratam do cotidiano, evidenciando o dia-a-dia da cidade em movimento. Teresinha Queiroz, em *Os literatos e a República*², afirma que existe todo um universo de possibilidades que envolvem as crônicas produzidas nas primeiras décadas do século XX e que elas ainda não foram objeto de um estudo específico.

Nas primeiras décadas do século XX, Teresina mostra-se uma cidade sob forte tensão, com algumas práticas que revelam um conflito constante resultante da imposição de novas regras e de outras sociabilidades urbanas incidindo sobre certos hábitos que, para alguns, deveriam ser abolidos. Dessa forma, historiar a cidade de Teresina no início do século XX é ver a busca pela ideia de modernidade, e a luta pela superação da tradição. É perceber a atuação de diversos cronistas que através de seus discursos lutavam pela edificação de uma cidade civilizada, com novas sociabilidades.

A cidade seduz, mas também se constitui fonte de preocupações e de medo. Medo do distanciamento do passado e da perda dos referenciais que ligam a sociedade à tradição. Nos jornais que circulavam na cidade de Teresina nas primeiras décadas do século XX, percebemos que alguns cronistas revelavam essa ambiguidade, ora se deixando seduzir pelo

¹ O conceito crônica é o mesmo de Sidney Chalhoub ao analisar as crônicas produzidas por Machado de Assis. Assim, crônica corresponde a uma determinada escrita, numa seção de jornal, de publicação semanal, quinzenal ou mensal, que mostra um olhar diferente sobre cotidiano e flagra o dia-a-dia, o pitoresco, o debochado e o exótico. CHALHOUB, Sidney. *História em cousas miúdas*: capítulos de história social do Brasil. São Paulo: Editora da Unicamp, 2005, p. 9.

² QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 2. ed. Teresina/João Pessoa: EDUFPI/EDUFPB, 1998a.

desejo do novo, ora demonstrando um certo assombro perante as mudanças que estavam ocorrendo.

Constituem-se objetivos desta pesquisa analisar quais os novos costumes que estão se constituindo em Teresina e quais os velhos hábitos que estão sendo criticados pelos cronistas. Dos objetivos decorrem as questões de pesquisa: por que esses cronistas prescreviam novos costumes para a população? Quais os interesses desses cronistas? Quais os costumes considerados salutarés? Quais costumes deveriam ser combatidos? Esses são alguns questionamentos a que essa dissertação se propõe responder.

O interesse por esse período e pela temática deve-se ao fato de que, nesse momento, novas formas de se portar, vestir e falar estão se constituindo na cidade. Justifico a escolha pelas crônicas como fontes primordiais por elas conterem fragmentos concretos da história da cidade, visto que elas possuem um caráter efêmero, no entanto pulsante e revelador. As razões para a produção deste trabalho também estão ligadas à pertinência do assunto, além da sedução provocada pela escrita contida na obra *Os literatos e a República*, e o desejo de melhor compreender o viver em Teresina nas primeiras décadas do século XX, principalmente no que se refere aos aspectos culturais da cidade, às novas sociabilidades que estavam se constituindo e sua relação com a cultura letrada.

Dessa forma, o que mais contribuiu para a decisão de elaborar este trabalho e ao mesmo tempo o justifica, foi a possibilidade de inserção num campo que se mostra ainda pouco explorado, que é o universo das crônicas acerca dos costumes. Percebi que não existiam pesquisas sobre Teresina no início do século passado que privilegiassem os cronistas como protagonistas na construção discursiva. Vários aspectos podem colaborar para a inexistência de trabalhos em que as crônicas são elementos primordiais, entre eles talvez a tendência a subestimar esse tipo de texto literário, e de tratá-lo como um gênero menor, inferior, passageiro e sem muitas pretensões.³

Utilizei a crônica como elemento privilegiado para observação da sociedade teresinense e de suas transformações, apesar de uma dificuldade inicial: saber qual a interlocução que essas crônicas mantinham com o seu tempo. Para superar tal dificuldade, trabalhei sob a perspectiva de que a crônica é, por definição, um texto inserido no contexto dos acontecimentos de sua época de produção e dessa forma, está marcada pela história vivida dos personagens que aparecem ativos nas narrativas a despeito de não se saber, sequer, os nomes

³ CHALHOUB, 2005.

dos participantes, ou como viviam, o que pensavam. Correspondem também as narrativas com personagens fictícios, cujas histórias, muitas vezes, parecem reais.

Ao escrever sobre os fatos da semana, da quinzena, e/ou do mês, os cronistas demonstravam perplexidade face ao rumo dos fatos ou mesmo incerteza quanto aos possíveis desdobramentos dos acontecimentos. Percebi com esta pesquisa que os textos produzidos pelos cronistas tinham um interesse claro de modificar os comportamentos; em que espaços eram prescritos; que comportamentos eram aceitos e tidos como modernos; quais eram ditos como não civilizados e por vezes caracterizados como símbolos do atraso, do tradicional e da velha ordem que deveria ser superada.

O cronista é um expectador privilegiado dos fatos do cotidiano. Através da escrita, ele busca entender, comentar e participar ativamente da sociedade. Os cronistas de Teresina buscavam intervir diretamente nos comportamentos através de suas opiniões e influenciar diretamente no fluxo de vários aspectos do cotidiano, como a mudança de hábitos e a introdução de novos costumes. Assim, procuravam proximidade e cumplicidade com o leitor, cumplicidade que é pressuposto e qualidade essencial do gênero crônica.

Nessa perspectiva, Caio Lima defendia a necessidade de leitores mais críticos para o entendimento da sociedade da época e explicitava as razões da sua escrita. Para ele, a falta de uma educação de qualidade na cidade era elemento decisivo para dificultar o entendimento acerca do modo de viver das pessoas, ainda muito próximo do campo, e assim, da natureza.

Os cronistas se esforçavam para interpretar o seu cotidiano, para desvendar o significado do processo histórico em que estavam inseridos assim, seus textos enraizavam-se na história e sobretudo na vida cotidiana. Em sua escrita, os cronistas também demonstravam percepção aguçada da cidade, de suas transformações e das alterações nos costumes. Tinham a percepção da chegada dos elementos modernizadores, das transformações decorrentes, das mudanças gradativas dos costumes, e principalmente da persistência e do surgimento dos maus costumes.

Chalhoub, ao analisar as crônicas de Machado de Assis, procura explicar o surgimento do gênero, afirmando que elas aparecem geralmente de forma espontânea e ligadas a coisas ínfimas. Sua característica principal seria a leveza, na medida em que a crônica trata de pequenos acontecimentos de forma privilegiada. Para ele, esses textos estão ligados ao seu tempo e aos assuntos do cotidiano, e assim seriam efêmeros e passageiros, buscando, no entanto, a cumplicidade entre escritor e leitor.⁴

⁴ CHALHOUB, 2005, p.10-20.

Além das crônicas e textos literários, utilizarei outros registros históricos, como mensagens de governo, relatórios policiais, códigos de posturas. Estas fontes foram importantes na medida em que representavam o discurso oficial, institucionalizado, em contraste com a visão de cronistas e literatos. Os estudos anteriormente realizados sobre a cidade de Teresina, durante as três primeiras décadas do século XX, também foram importantes na medida em que contribuíram para a captura das transformações urbanas e para a compreensão das mudanças culturais que ocorreram na capital.

Sobre Teresina nas primeiras décadas do século XX já existe produção historiográfica⁵. A civilidade também é uma temática recorrente na historiografia piauiense. Observei em *Os literatos e a República*⁶ que as questões relacionadas à vida urbana, à atuação dos literatos e às querelas políticas estavam atravessadas por essa temática. Em *Mulheres Plurais* a discussão sobre a condição feminina na Primeira República é entrecortada pela questão da civilidade;⁷ nos discursos acerca da saúde e dos hábitos prescritos como higiênicos e corretos, a civilidade reaparece como condição indispensável para a construção de uma sociedade saudável,⁸ e até em obras que tratam da seca, da pobreza e do cotidiano das classes pobres de Teresina há evidências dessa discussão.⁹

Apesar de toda essa produção historiográfica, em que a temática da civilidade é recorrente, ela nunca apareceu como tema central de trabalho anteriormente proposto. A partir dessa constatação, procurei relacionar civilidade e cidade, através dos discursos produzidos por cronistas e literatos que buscavam prescrever novos costumes e condenar certos hábitos que existiam em Teresina no início do século XX, isto é, tratei da constituição da civilidade e das relutâncias em sua execução.

Todo e qualquer discurso está relacionado diretamente às suas condições de produção, as quais são também determinadas pelos lugares ocupados pelo emissor e pelo receptor. Assim, analisar as crônicas produzidas nas primeiras décadas do século XX é investigar toda uma produção de sentidos implicados pelas escritas dos cronistas.

⁵ Entre os clássicos da produção historiográfica piauiense que trabalham a cidade de Teresina ver: CHAVES, Monsenhor. *Obra completa*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998; FREITAS, Clodoaldo. *História de Teresina*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1988.

⁶ QUEIROZ, 1998a.

⁷ CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres plurais: a condição feminina em Teresina na Primeira República*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001.

⁸ FILHO, Antônio Melo. *Teresina: a condição da saúde pública na primeira República (1889-1930)*. 2000. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.

⁹ ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoíno de. *Cotidiano e pobreza: a magia da sobrevivência em Teresina (1877 - 1914)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.

Durante as três primeiras décadas do século XX, o espaço urbano no Brasil tornou-se um lugar privilegiado para mudanças. Várias cidades brasileiras receberam e incorporaram essas ideias de urbanização e modernização de forma lenta, porém contínua. São exemplos as reformas urbanas implantadas em Fortaleza;¹⁰ o emaranhado de possibilidades da cidade de Recife na década de 20, com os caminhos e os descaminhos do processo de modernização;¹¹ a relação entre o ritmo de crescimento e os signos da modernidade que se constituíam nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro expostos por Sevcenko.¹²

Essas leituras, além de servirem como influências teóricas, funcionaram como referências temáticas e como parâmetros para a escrita desta dissertação. Através dessas leituras pude perceber as relações que os autores estabeleceram com seus respectivos problemas de pesquisa, ter acesso a importantes chaves de leituras para compreensão dos primeiros anos do século XX, concomitantemente, buscar desvencilhar-me das amarras de produções já existentes e trilhar novos caminhos.

Michel de Certeau foi importante para a construção do referencial teórico desta pesquisa, na medida em que contribuiu para compreensão de que o planejamento da cidade está relacionado à pluralidade do real e, principalmente, resulta da prática dos caminhantes,¹³ que a todo instante subvertem a ordem pré-estabelecida. Esta tese foi útil na medida em que ajudou na percepção da cidade como um lugar de fluxo, e com dinâmica própria, sendo uma cidade constituída a partir da subjetividade. É desta subjetividade que as crônicas produzidas na cidade de Teresina estão repletas. As crônicas ratificam o espaço como sendo consumido pelos sujeitos de forma plural.

É sob a forma de cidade praticada que Certeau ajudou a construir o texto e entender a sociedade teresinense das primeiras décadas do século XX. Uma sociedade marcada pela burla, pelo descumprimento das regras de posturas, por personagens em movimento, e principalmente, que permite ver que é nas práticas cotidianas onde ocorrem as modificações na história.

Outros conceitos foram fundamentais no percurso do trabalho, como os de modernização e de modernidade. Berman entende a modernização como uma série de

¹⁰ PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/ Multigraf Editora Ltda, 1993.

¹¹ REZENDE. Antonio Paulo de Moraes. *(Des)encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Recife: FUNDARPE, 1997.

¹² SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982; SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

¹³ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. v. 1, p.169-175.

mudanças tecnológicas e estruturais que afetam diretamente o tecido social, são inovações técnicas que implicam novas configurações sociais. Modernidade relaciona-se à forma como essas inovações são significadas, subjetivadas, implicando, assim, uma relação cultural geradora de uma nova configuração histórica.¹⁴

Outro conceito importante para esta dissertação é o de civilidade, de Norbert Elias. Ao tratar da modificação e da constituição dos comportamentos típicos do homem ocidental, Elias afirma que nem sempre o homem se comportou de maneira civilizada. Essa percepção se dá a partir da transformação que os hábitos simples do cotidiano foram incorporando nos últimos dois séculos. Mudanças relacionadas a como se portar à mesa, comer carne, usar o garfo e a faca, assear-se, bem como às atitudes em relação ao sexo e à agressividade demonstram que novas formas de existir e de civilidade foram sendo constituídas.¹⁵

Esses aspectos abordados por Elias ajudaram a compreender as modificações que estavam ocorrendo na sociedade teresinense do início do século XX, transformações gradativas que demonstravam novas sensibilidades. Assim, este estudo busca compreender as mudanças de costumes que estavam ocorrendo em Teresina, bem como as mudanças nos padrões sociais, principalmente quanto aos modelos de conduta na sociedade, o que se proíbe e o que se condena em conformidade com os comportamentos instituídos. O conceito de civilidade de Elias permite perceber as modificações que estavam ocorrendo na sociedade e as reações que se seguiam, ora mais lentas, ora mais aceleradas apresentadas pelos cronistas¹⁶

Segundo Hobsbawm, o conturbado e acelerado século XX foi marcado pela revolução cultural e por grandes transformações, que foram significativas para mudar o mundo e revolucionar os costumes. A quebra da velha ordem no padrão dos relacionamentos social e humano foi decisiva para a “quebra dos elos entre as gerações, quer dizer entre o passado e o presente”.¹⁷

Outro teórico importante para a construção do trabalho foi Raymond Williams, com suas análises sobre a cidade e o campo. Segundo esse autor, a estrutura de sentimentos que liga as pessoas ao campo resulta não apenas da ideia de um passado feliz, mas sobretudo da ideia de inocência associada ao plano rural. Entretanto, Williams ressalta que não existe uma oposição simples entre a cidade pervertida e o campo inocente, pois muito do que acontece na cidade é gerado pelas necessidades do campo, onde a classe rural é dominante e possui o

¹⁴ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

¹⁵ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v. 1.

¹⁶ ELIAS, 1994, p. 130.

¹⁷ HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 24.

poder de mando. As análises de Williams permitiram ver algumas das transformações da sociedade teresinense, principalmente no aspecto da transição de um mundo rural para um mundo moderno.¹⁸

Procurei explorar cronistas, séries e periódicos buscando informações acerca da cidade e do cotidiano. A escolha das séries está diretamente ligada à necessidade de buscar subsídios acerca do seu cotidiano da cidade e de evidenciar uma cidade praticada. Assim, as séries analisadas foram: *De relance*, de Caio Lima¹⁹; *Em roda dos fatos*, *Aos domingos*, *Às quintas e domingos*, de Clodoaldo Freitas²⁰; *Pela cidade*, *Pela intendência*, *Pela comuna*, *Pela polícia*, sem autoria definida; as séries *Gisando* e *Piauí intelectual*, de Lucídio Freitas²¹; *A ciência e o matrimônio* e o folhetim *Proteção aos animais*, de Higino Cunha²², além das crônicas de Jônatas Batista²³ reunidas no livro *Poesia e prosa*.

Assim, o que nos aproximou da escrita dos cronistas e literatos do período (Raimundo Burlamaqui, Higino Cunha, Clodoaldo Freitas, Abdias Neves²⁴ e Antonino Freire²⁵) foi a possibilidade de estudar as crônicas que abordam temáticas ligadas aos costumes, pois através deste artifício os literatos enfatizavam sua função intelectual na sociedade. Os cronistas mostravam a cidade em construção pela ação de múltiplos atores sociais.

Dentre os periódicos²⁶ utilizados nesta pesquisa, destacam-se alguns exemplares do jornal *Correio de Teresina*, de 1913 a 1915; o *Almanaque da Parnaíba*, edições de 1925,

¹⁸ WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 69.

¹⁹ Caio Lima era o pseudônimo de Raimundo Mendes Burlamaqui.

²⁰ Clodoaldo Severo Conrado Freitas. Nasceu a 07 de setembro de 1855, na cidade de Oeiras e faleceu a 29 de junho de 1924 em Teresina. Bacharelou-se em Direito pela Faculdade do Recife em 1880. Em sua produção literária e historiográfica constam obras sobre a história de Teresina, obras de ficção e crônicas sobre diversos assuntos. Foi um dos fundadores da Academia Piauiense de Letras.

²¹ Lucídio Freitas nasceu em 05 de abril de 1894 em Teresina-PI, faleceu em 14 de maio de 1921 em Teresina-PI. Poeta, jornalista, professor, magistrado e conferencista. Formado em Direito. Foi o idealizador e o principal articulador da Academia Piauiense de Letras, sendo posteriormente escolhido para ser patrono da Cadeira 23.

²² Higino Cícero da Cunha. Nasceu em 11 de janeiro de 1858 em São José das Cajazeiras, hoje Timon (MA) e faleceu em Teresina em 16 de novembro de 1943. Bacharel em Direito pela Faculdade do Recife em 1885. Foi um dos fundadores da Academia Piauiense de Letras.

²³ Jônatas Batista nasceu em 18 de abril de 1885, em Monsenhor Gil-PI e faleceu em 15 de abril de 1935 em São Paulo. Poeta, teatrólogo, ator e jornalista. Participou ativamente da cultura de Teresina. Pertenceu à Academia Piauiense de Letras.

²⁴ Abdias da Costa Neves nasceu em 1876 em Teresina, faleceu em 1928. Bacharel em Direito, ocupou diversos cargos públicos, entre eles professor do Liceu Piauiense e da Escola Normal. Publicou vários livros, dentre os quais o romance *Um manicaca*.

²⁵ Antonino Freire, em certa medida, representa o novo modelo de homem de elite, civilizado pelas letras, atuante na sociedade e paradigma desejado por parcela da elite teresinense durante a Primeira República. Engenheiro Civil, professor do Liceu, Diretor de Obras Públicas de 1904 a 1908, oficializou a escola Normal em Teresina, fundou e participou de diversos jornais em Teresina e foi Governador do Piauí.

²⁶ Grande parte das fontes hemerográficas trabalhadas no texto são oriundas do Arquivo Público do Piauí, dos microfiches do Núcleo de Pesquisa e Memória da Universidade Federal do Piauí (NUPEM/UFPI), bem como de

1926 e 1928; *Pátria*, de 1906; *O tempo*, de 1905 e 1906; *A praça*, 1927; *Gazeta*²⁷, *O Monitor*²⁸, *O Apóstolo*²⁹ e *Diário do Piauí*³⁰, dentre outros jornais de circulação efêmera, além da *Revista Litericultura*.³¹

A dissertação está organizada em três capítulos. O primeiro capítulo, *Teresina Belle Époque*, traz visão panorâmica da cidade nas primeiras décadas do século XX, ressaltando as condições de existir da época bem como as possibilidades econômicas e a inserção de novas tecnologias e novos objetos, como o automóvel, que alterou gradativamente o ritmo da cidade, tanto na dimensão do tempo quanto do espaço. Também são destacados aspectos da cidade como a iluminação elétrica, o cinematógrafo, o abastecimento d'água, a sedução provocada pelas novidades com o consumo de produtos europeus; a construção de passeios públicos, a abertura e a ampliação de ruas; a moda; o futebol que desponta como nova forma de entretenimento, e de como esses vários aspectos contribuíram para a fundação de uma nova ordem na cidade de Teresina em busca pela modernidade.

No segundo capítulo, *A civilidade e o combate aos maus costumes*, o foco são as práticas discursivas³² dos cronistas e literatos acerca da necessidade de construção de novos hábitos civilizados³³. Busca-se, principalmente, observar as tensões discursivas presentes nas crônicas sobre o cotidiano, as posições dos diferentes cronistas, como Elias Martins³⁴, que registra seu assombro com as ameaças da modernidade, e Jônatas Batista, que apresenta seus dilemas para com a vida moderna. Neste capítulo serão evidenciados a busca da prescrição dos costumes ditos civilizados pelos cronistas, a alteração dos costumes tradicionais, bem como a gradativa apropriação de novas normas de civilidade e as tensões entre um modelo em

arquivos pessoais dos quais eu destaco: arquivos pessoais da professora Teresinha Queiroz, da professora Cecília Nunes, do professor Antônio Melo e do professor Pedro Vilarinho.

²⁷ Jornal *Gazeta* circulou regularmente de 1904 a 1919 e contava com colaboradores como Pedro Alcântara, Benedito Lemos, Da Costa e Silva, homens de grande inserção social no referido período.

²⁸ *O Monitor*, jornal anticlerical que circulou na cidade de Teresina entre os anos de 1906 e 1911. Contou com a participação de diversos literatos do período como: Zito Batista e Abdias Neves.

²⁹ O jornal *O Apóstolo* diocese de Teresina, 1907 a 1912, contou com a participação de Elias Martins, figura controversa e conhecida por seus posicionamentos radicais e tradicionais contra as mudanças e a chegada de novidades que estavam ocorrendo na cidade de Teresina, principalmente o cinema.

³⁰ O jornal *Diário do Piauí* que circulou entre 1911 e 1915, e que contava com a participação de muitos literatos importantes da época, como Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e Simplício Mendes.

³¹ A revista *Litericultura* publicada nos anos de 1912 e 1913 também será utilizada como fonte de pesquisa, devido a participação de muitos literatos da época como: Higino Cunha, Jonatas Batista, Clodoaldo Freitas, Alcides Freitas, Abdias Neves e Zito Batista.

³² O termo práticas discursivas se refere aos discursos produzidos pelos literatos e de como eles influenciavam e prescreviam comportamentos sociais aceitáveis. In: CERTEAU, 2001.

³³ O termo civilizado aqui utilizado refere-se ao processo de europeização dos costumes e do surgimento de novas sociabilidades existente na sociedade teresinense da primeira metade do século XX.

³⁴ Elias Firmino de Sousa Martins. Nasceu em Picos no ano de 1869 e faleceu em Teresina em 1936. Bacharel em Direito. Jornalista atuante, participou de vários jornais da capital, como *O Apóstolo* e o *Jornal de Notícias*.

que as pessoas não têm o costume de banhar diariamente e andar bem vestidas e um novo modelo marcado pela higiene com o corpo, a polidez e a civilidade.

O terceiro capítulo, intitulado *A escrita ressentida de cronistas e literatos piauienses*, explora uma dimensão de ressentimentos existentes na escrita de literatos e cronistas, já que muitos autores piauienses do período em questão demonstraram esses sentimentos em sua escrita, revelados através de poemas, crônicas, livros e publicações diversas. Através das biografias e autobiografias, como as de Buggy Brito³⁵, Higinio Cunha³⁶, Orgmar Monteiro³⁷ e Lili Castelo Branco são mostrados, nas trajetórias de vida e em suas escritas, diversas modalidades de ressentimentos.

Neste capítulo, os ressentimentos são analisados a partir de quatro aspectos: inicialmente, os ressentimentos resultantes das críticas dos viajantes sobre a cidade e as imagens construídas sobre esta, devido à falta de infraestrutura ou à ausência de um aparato que a caracterizasse como uma cidade moderna; segundo, a dimensão das mágoas familiares que resultaram dos choques dos novos moldes de comportamento com os velhos hábitos tradicionais dos teresinenses; terceiro, os sentimentos de incompreensão existentes em relação às mudanças os novos costumes femininos que introduziam outros hábitos, nem sempre bem vistos; e, por último, a recusa à modernidade e as ambiguidades geradas com a aceitação e/ou a negação das mudanças que estavam ocorrendo no início do século XX.

³⁵ BRITTO, Buggyja. *Narrativas autobiográficas*. Rio de Janeiro: Folha Carioca, 1977.

³⁶ CUNHA, Higinio. *Memórias: traços autobiográficos*. Teresina: Imprensa Oficial, 1939.

³⁷ MONTEIRO, Orgmar. *Teresina descalça: memória desta cidade para deleite dos velhos habitantes e conhecimento dos novos*. Fortaleza: IOCE, 1988.

2 TERESINA BELLE ÉPOQUE

O presente capítulo trata das transformações espaciais, sociais e culturais da cidade de Teresina de 1900 a 1930. Esse período foi escolhido devido ao projeto modernizador que atinge a cidade. Ele ganha forma, e se afirma a partir das ações do poder público para dotá-la de infraestrutura básica que oferecesse à população condições de vida adequada. A cidade real estava distante da cidade moderna dos discursos, e a população de Teresina convivía com uma série de problemas. Ao mesmo tempo, os discursos modernizantes destacavam uma Teresina pronta para a modernidade, para o novo.

Assim, são objetivos específicos deste capítulo traçar uma visão panorâmica de como se encontrava a cidade de Teresina nas três primeiras décadas do século XX, ressaltando as condições de existir da época, as possibilidades econômicas da cidade, os discursos modernizadores e alteração do cotidiano das pessoas com a criação de novas sociabilidades.

Neste capítulo pretendo tratar, num primeiro momento, da modernização da cidade de Teresina, considerando a infraestrutura de serviços urbanos como a energia elétrica, o fornecimento de água, e a realização de calçamento. Em outro instante, evidenciarei o processo modernizador a partir do embelezamento do espaço urbano, da arborização e dos obstáculos enfrentados, - os incêndios, a ocorrência de secas e a pobreza; o processo de modernização da cidade também será mostrado sob a perspectiva da introdução da moda, do consumo e da propaganda comercial, as novas sociabilidades se constituindo pela sedução advinda das novidades; e, por último, a constituição da civilidade no mundo do lazer, na introdução de novos hábitos e costumes.

O período conhecido por Belle Époque no Brasil foi caracterizado como o processo de modernização, remodelação e embelezamento que várias cidades sofreram nas primeiras décadas do século XX. Teresina em certa medida vive sua Belle Époque, mesmo que de forma tardia, se comparada a São Paulo e ao Rio de Janeiro. O projeto modernizador implantado em Teresina estava articulado a um amplo projeto nacional de modernização, a partir das melhorias urbanas como a canalização da água e introdução da iluminação elétrica, bem como de aparatos tecnológicos como o telégrafo, o telefone, o cinematógrafo, o bonde e o automóvel.¹

¹ A cidade de Teresina experimenta um conjunto de transformações. Estas transformações ligadas às significativas medidas modernizadoras que ocorreram na cidade desde o final do século XIX e início do século, como: o telégrafo (1884), a água canalizada (1904), os primeiros telefones (1907), o de iluminação elétrica (1914) e os primeiros automóveis que passam a circular pela cidade (1923).

2.1 As reformas urbanas e a modernização

A República, implantada no Brasil em 1889, não trouxe mudanças significativas nos modos de viver da sociedade teresinense, devido as recorrentes e permanentes crises econômicas além do fraco desempenho da economia piauiense baseada em produtos de subsistência. Mesmo assim, no final do século XIX e início do século XX, observa-se uma potencialização dos discursos sobre o urbano, da disciplina, e principalmente, quanto ao processo de modernização da cidade de Teresina com uma clara pretensão da constituição de um homem civilizado.

Para a construção de uma nova cidade, moderna, limpa e civilizada eram necessárias interferências nos modos da população de viver, sentir e participar da vida social. Nas primeiras décadas do século XX as ideias de progresso e modernidade possuem fortes características e influências européias. Paris era o modelo a ser seguido, e no Brasil, o paradigma se constituía a partir das reformas urbanas implantadas no Rio de Janeiro por Pereira Passos.

Bresciani evidencia o projeto modernizador europeu, do início do século XX, tendo como ponto de partida o surgimento de novas tecnologias que incidiam sobre esse homem que se pretendia novo e moderno, mas que também entra em choque com a imagem de medo e fascínio que envolvia a vida urbana naquele momento específico.² O sentimento de medo também existia na sociedade teresinense no início do século passado, não apenas devido às modificações provocadas pelo avanço do capitalismo, mas, sobretudo, pela grande quantidade de migrantes e desocupados que perambulavam pelas ruas da cidade. Segundo Araújo:

O sentimento de medo e de pavor fazia-se presente nos habitantes dessa cidade. O espanto, a surpresa e a preocupação não passavam despercebidos à elite teresinense. Havia inquietude nessa classe social, em face de, nas ruas de Teresina, transitarem as massas de migrantes nordestinos e, com elas, a miséria e suas manifestações.³

As reformas urbanas implantadas na cidade de Teresina tinham como modelo a capital do Brasil, o Rio de Janeiro, com suas ruas amplas e avenidas largas, além do saneamento da cidade. A ideia de progresso oriunda da Europa, junto com uma série de outros valores,

² BRESCIANNI, Maria Stella Martins. Metrôpoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX). *Revista Brasileira de História*. São Paulo, Editora Marco Zero, v. 5, n. 8/9, set. 1984/abr. 1985, p. 60.

³ ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoíno de. *Cotidiano e pobreza: a magia da sobrevivência em Teresina (1877 - 1914)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.

difundi-se por todo o país e, assim, os espaços públicos das cidades passam a ser locais ideais para a exibição de novos costumes e hábitos que chegavam e davam ao povo uma nova roupagem, de povo moderno e progressista e voltado para futuro.⁴

Dessa forma, nas principais cidades brasileiras do início do século XX, São Paulo, Rio de Janeiro e Recife, como em outras capitais do país, o afrancesamento tornou-se sinal de prestígio e refinamento. Utilizavam-se termos e nomes franceses onde fosse possível. As lojas vendiam artigos europeus como tecidos, sapatos, perfumes, chapéus, bijuterias, conservas, bebidas e máquinas. A Belle Époque teresinense constituía-se de uma série de novidades que chegavam com certo atraso à cidade, se a compararmos com os grandes centros da época. Um bom exemplo é o bonde que só se instala em Teresina em meados da década de 20.

Ponte, ao tratar da remodelação urbana de Fortaleza na transição do Império para a República, mostra que esse remodelamento seguiu também os modelos europeus, principalmente o de Paris, e que exerceu um grande fascínio sobre a elite da época.

A alta sociedade foi tomada pela febre das novidades, inflamou-se por todos os últimos achados, imitou alternadamente as modas em vigor na Itália, na Espanha, na França, houve um verdadeiro esnobismo por tudo que é diferente e estrangeiro. Com a moda, aparece uma primeira manifestação de uma relação social que encarna um novo tempo legítimo e uma nova paixão própria ao Ocidente, a do moderno. A novidade tornou-se fonte de valor mundano, marca de excelência social; é preciso seguir o que se faz de novo e adotar as últimas mudanças do momento: o presente se impôs como eixo temporal que rege uma face superficial, mas prestigiosa da vida das elites.⁵

As muitas transformações da cidade de Fortaleza estavam ligadas à inserção de novos equipamentos como bondes e automóveis, passando pelo forte interesse pelos problemas de higiene e saúde pública, e pela tendência a higienizar a sociedade que acompanhou boa parte do processo de implementação das políticas públicas do período, como a fiscalização do governo aos restaurantes, aos hotéis, às padarias, às fábricas, com vistas a assegurar melhores condições de higiene urbana e saúde pública. Com as campanhas de saúde pública, ampliaram-se a criação de códigos de posturas.⁶

⁴ As transformações que atravessavam o Rio de Janeiro, no início do século XX, simbolizavam um modelo de processo civilizador que o país deveria seguir e que implicavam em modificações radicais e rápidas da cidade, cuja intenção é simbolizar o país através das suas características modernas estas que tinham como parâmetro a Belle Époque europeia. Ver: SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 25-77.

⁵ PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/ Multigraf Editora Ltda, 1993. p. 152.

⁶ PONTE, 1993.

Em Fortaleza, a criação de códigos de posturas e a vigência de medidas disciplinadoras que coíbam tudo o que dificultasse o fluxo das pessoas e coisas tinham como intenção desodorizar o espaço urbano e modificar os hábitos da população. Ponte descreve Fortaleza no final do século XIX e início do século XX abalada por epidemias:

Tinha Fortaleza o aspecto de sombria desolação. A tristeza e o luto entravam em todos os lares. O comércio completamente paralisado dava às ruas mais públicas a feição de uma terra abandonada. Os transeuntes que se viam eram vestidos de preto ou eram mendigos saídos dos lazaretos com os sinais recentes de bexiga confluyente que lhes esburacou a cara e deformou o nariz.⁷

Rezende, ao analisar o processo de modernização de Recife na década de 1920, ressalta que a cidade não era só composta por seus aspectos físicos, mas sim por um conjunto de memórias, recordações, sonhos e desejos, além dos mais diversos olhares que constituíam Recife como a grande morada dos homens. Uma cidade de ritmo frenético, de rápidas mudanças, onde a modernidade produzia encantos e desencantos.⁸

O ritmo do crescimento e das transformações provocados pelo avanço da modernidade era avassalador e guardava ligação direta com o projeto modernizador que estava sendo implantado na cidade naquele momento. Segundo Rezende, existia oposição complexidade entre o moderno e o rural, já que vida na sociedade moderna era essencialmente urbana, com o predomínio de um projeto modernizador de claro significado, “modernizar não é apenas alterar as características da cidade, mas, sobretudo, civilizar o povo”.⁹

Rezende vislumbra Recife a partir do conceito de que a cidade tem profundo poder de síntese e é representada por um conjunto de olhares, memórias, recordações, sonhos e desejos, não havendo, nessa perspectiva, como esgotar as histórias da cidade. Essas histórias da cidade estão atravessadas por momentos de deslumbramentos e de fantasias sobre seus futuros pretensamente modernos, e ao mesmo tempo, pelo medo da perda dos referenciais e das tradições e pelo desejo de reafirmar um passado profundamente idealizado.

A cidade de Teresina no início do século XX também sofreu o impacto da modernização, do avanço da urbanização e da introdução de novos hábitos sociais. De certa forma, segue o caminho percorrido no Rio de Janeiro, com a criação e a ampliação de espaços

⁷ No processo de urbanização do Brasil, teremos com ação primordial a análise de lugares urbanos como possíveis focos de doenças e o predomínio da noção de livre circulação de coisas, ar e água e dessa forma, deuse a abertura de avenidas, ao alargamento de ruas, ao alinhamento das edificações. PONTE, 1993, p.20.

⁸ REZENDE. Antonio Paulo de Moraes. *(Des)encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Recife: FUNDARPE, 1997.

⁹ REZENDE, 1997, p. 25.

públicos que se tornavam decisivos para a construção de um ideal de civilidade, conforme afirma o cronista Jônatas Batista:

Por outro lado, a nossa civilização, os nossos costumes sociais, pondo de parte os escândalos, as loucuras da moda e a excessiva falta de pudor em certas mulheres, se requintam em mil formas delicadas, e os salões, e os teatros, e os logradouros públicos, dando a amplitude de Bilac, se transformam, cada vez mais, em arenas elegantes, nas quais se travam os torneios da graça, da conversação e da cortesia.¹⁰

Nessa perspectiva das transformações urbanas e sociais, no Brasil, um dos resultados mais significativos foi o processo de aburguesamento das paisagens cariocas, com a criação de um espaço público central na cidade, remodelado, embelezado, ajardinado e europeizado.¹¹ Assim, a criação desses espaços públicos em Teresina segue o modelo instituído no Rio de Janeiro para a introdução de novos hábitos e costumes na sociedade. As novas posturas sociais que se constituíam na capital federal contavam com a colaboração de jornalistas e correspondentes em Paris, que através de suas notícias ajudavam a divulgar as novas rotinas, os hábitos elegantes e os comportamentos civilizados.

As reformas urbanas no Rio de Janeiro seguiam o modelo de Paris, na época considerada a metrópole mais civilizada e charmosa do mundo. Uma das marcas registradas da capital francesa eram os cafés, e em Teresina, nas primeiras décadas do século XX, também foram construídos elegantes cafés na Praça Rio Branco. Nesse local também localizavam-se os principais estabelecimentos comerciais e as repartições públicas.

O Sr. Galhardo está montando na Praça Rio Branco um café concerto que se intitulará Café Familiar. No Café funcionará o Cinema Progresso, exibindo filmes sempre novos e interessantes [...] Para servir ao público haverá um bar. O salão da frente será transformado e adaptado da melhor forma possível, a fim de servir a freguesia, de bebidas geladas, cafés, doces &. Na frente do edifício serão, das 5 da tarde em diante, colocadas mesinhas para a freguesia.¹²

A construção de uma cidade moderna também demandava a edificação e a reforma de obras públicas, o que ocorria segundo a disponibilidade dos recursos do Estado. De acordo com a Mensagem do governador Arlindo Nogueira, os melhoramentos atingiam diversos

¹⁰ BATISTA, Jônatas. *Poesia e prosa*. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985. p. 141.

¹¹ SEVCENKO, 1989.

¹² CAFÉ familiar. *O Piauí*, Teresina, n. 1281, 31 mai. 1914, p. 2.

prédios públicos, a construção de um palacete no local onde havia funcionado a Estação do Telégrafo Federal, e concertos nos prédios do Liceu Piauiense, das Secretarias de Fazenda e da Polícia, do Tribunal de Contas, na tipografia oficial e na Casa de Detenção.

Era também anunciada a reforma da Praça Deodoro da Fonseca, com a construção de coreto de madeira destinado às tocatas da banda do Corpo Militar de Polícia.

Também sofreram concertos o edifício onde funciona o Liceu Piauiense e os da Secretarias de Estado da Fazenda e Polícia e Tribunal de Contas [...]

Foi iniciada a construção de um coreto de madeira na Praça Marechal Deodoro, destinado às tocatas da banda de música do Corpo Militar da Polícia e realizados pequenos concertos nos edifícios da topografia oficial e casa de detenção.

Outros prédios públicos reclamam reparos urgentes e inadiáveis, como o palácio do governo e parte do da Câmara Legislativa, para o que vos solicito o necessário crédito.

O magnífico relatório do honrado Diretor da Repartição de Obras Públicas, Terras e Colonização vos fornecerá os melhores subsídios para os vossos trabalhos.¹³

Porém, a cidade convivia com outros problemas, como o aumento populacional e a presença de um grande número de pessoas desempregadas. As dificuldades financeiras do Estado permaneciam e se tornavam grande obstáculo para a resolução, ou mesmo diminuição dos efeitos da seca na capital. Face a isso, a preferência do governo era por executar pequenos serviços de reparos em edifícios, melhoria de pontes e ruas,

Entre os diversos ramos da administração, que reclamam especiais cuidados e até mesmo algum sacrifício, está com razão o departamento das obras públicas. Motivos de ordem superior impediram-nos de realizar mais importantes serviços do que a conclusão dos grandes reparos no edifício e Casa de detenção, a reconstrução da ponte do Riacho dos Cavalos, e pequenos concertos em outros próprios estaduais.¹⁴

Teresina para se modernizar¹⁵, sair do atraso e da pobreza, necessitava acompanhar o ritmo de desenvolvimento de outras cidades brasileiras tidas como modernas na época, como

¹³ PIAUÍ. Governo. 1900 – 1904 (Nogueira). *Mensagem apresentada à Câmara Legislativa do Estado do Piauí pelo governador Arlindo Francisco Nogueira, em 1 de julho de 1902*. Teresina: Tip. do Piauí, 1902. p. 13.

¹⁴ PIAUÍ. Governo. 1904 – 1908 (Mendes). *Mensagem apresentada à Câmara Legislativa do Estado do Piauí pelo governador Álvaro de Assis Osório Mendes, em 1 de junho de 1906*. Teresina: Tip. do Piauí, 1906. p. 29.

¹⁵ O termo modernização utilizado nesse trabalho vincula-se ao sentido expresso por Marshall Berman, onde esse termo geralmente está associado às muitas transformações que ocorrem no espaço e na sociedade decorrente da urbanização e da inserção de novas tecnologias. BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

o Rio de Janeiro. Assim os discursos do período estavam voltados para a adoção de medidas que ajudassem na integração comercial do Estado e para a necessidade de execução de um planejamento urbano que fizesse de Teresina uma cidade moderna.

Segundo Melo Filho, foi durante a administração do Intendente municipal Domingos Monteiro, de 1905 a 1908, que Teresina despontou para o seu projeto modernizador, com a urbanização da cidade e a higienização das ruas. Entre outras benfeitorias, o citado Intendente possibilitou a Teresina aspirar ares de modernidade lançando novo código de postura, e fomentando a arrecadação municipal. A reforma no centro da cidade foi a maior realização administrativa de Domingos Monteiro, o que deu ares modernos à cidade. Segundo Melo Filho, em Teresina;

[...] clama-se por melhorias de saneamento básico e um dos maiores entusiastas das reformas urbanas de Teresina foi o engenheiro Antonino Freire [...] calçamento da cidade, arborização, construção de jardins públicos, iluminação elétrica, abastecimento d'água.¹⁶

Desde os meados do século XIX, adotava-se, no Piauí, um discurso de integração nacional, cujos elementos fundamentais seriam a transferência da capital do Piauí de Oeiras para Teresina (1852), o que alavancaria o desenvolvimento econômico da Província e a independência de seu comércio frente ao Ceará e em relação ao Maranhão. Articulado a esse projeto nacional de desenvolvimento, existia um processo de integração regional. Para fomentar o progresso ocorria a implantação da navegação a vapor, a construção de estradas de ferro¹⁷ que ligariam as cidades aos portos, além de medidas como a instalação do telégrafo (1884), o projeto de exploração da navegação fluvial, a partir de Companhia da Navegação a Vapor do Rio Parnaíba (1858), melhoria e construção de portos fluviais. A navegação dos rios Canindé, Gurguéia, Piauí e Uruçuí eram vistas como formas de exploração econômicas, possibilitando o transporte de gêneros alimentícios e pessoas.

¹⁶ FILHO, Antônio Melo. *Teresina: a condição da saúde pública na primeira República (1889-1930)*. 2000. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000. p. 84.

¹⁷ Uma das alternativas para o desenvolvimento do estado era a construção de estradas de ferro. PIAUÍ. Governo. 1910 – 1912 (Silva). *Mensagem apresentada à Câmara Legislativa do Estado do Piauí pelo governador Antonino Freire da Silva, em 1 de junho de 1910*. Teresina: Tip. do Piauí, 1910. p. 40.

Vale ressaltar que eram recorrentes os discursos enfatizando as dificuldades econômicas e a falta de recursos do Estado, o que prejudicava, por exemplo, a continuidade das obras públicas, tidas como essenciais para a manutenção do aparelho administrativo do Estado.¹⁸ O bem-estar da população dependia de aspectos como melhoria da infraestrutura, a ampliação das novas tecnologias que surgiam na cidade, oferta de serviços de saúde pública e das condições de moradia da população, já que desde meados de 1910 grande parte da população de Teresina habitava a região da décima urbana, e assim deveria pagar impostos.

Para o cronista do jornal *O Apóstolo* o imposto da décima urbana não deveria ser cobrado dos pobres já que eles não tinham condições efetivas de pagar:

A principal acusação versou sobre o caso de uma mãe de família honesta e paupérrima, o que o fisco estadual estava executando para haver o pagamento de décimas urbanas. Como a única coisa que possuía era uma triste casinha em que se abrigava com muitos filhinhos órfãos – a cruel espoliação, embora legalizada, provocou natural revolta, sentimento a que não podia furtar-se aquele que a protegeu sempre desde o falecimento do marido.¹⁹

Estagnação econômica, pequenos surtos de crescimento e migrações constantes motivadas pelas secas que atingiram o interior do Piauí, bem como dos estados vizinhos, Ceará, Paraíba e Pernambuco, também contribuíram para uma nova configuração de sociedade.²⁰ Notícias sobre a seca propagando-se pelo interior do Piauí e do Ceará e sobre a vinda de imigrantes para Teresina, nos jornais, nas mensagens de governo, e nos relatórios dos intendentos municipais, divulgavam o medo da disseminação de doenças como a varíola e a influenza.²¹

Com o título *A seca*, o jornal *O Piauí* noticiava a chegada constante de famílias de retirantes em Teresina, fugindo das secas que reinavam no Ceará: “[...] segundo nos informam, chegaram na semana passada a esta capital quatro famílias de retirantes cearenses procedentes de Crateús, donde foram tangidas pela seca tremenda que lá reina [...]”.²²

¹⁸ Em várias mensagens de governo, durante as três primeiras décadas do século XX, eram comuns os governantes justificarem o atraso do Estado a falta de recursos, ou mesmo a falta de apoio da União para com os Estados, ou até mesmo enfatizarem os prejuízos ocasionados pela cobrança de impostos sobre produtos importados realizados pela União, prejudicando assim os Estados. In: PIAUÍ. Governo. 1900 – 1904 (Nogueira). *Mensagem apresentada à Câmara Legislativa do Estado do Piauí pelo governador Arlindo Francisco Nogueira, em 1 de julho de 1902*. Teresina: Tip. do Piauí, 1901. p. 6.

¹⁹ CRITÉRIO de César. *O Apóstolo*, Teresina, ano 4, n. 186, 8 jan. 1911, p. 1.

²⁰ Sobre as secas que atingiram o Piauí no final do século XIX para o século XX ver: ARAÚJO, 1995.

²¹ O PIAUÍ. Teresina, ano 30, n. 279, 4 maio 1919, p. 2.

²² A SECA. *O Piauí*, Teresina, ano. 30, n. 277, 27 abr. 1919, p. 2.

Conclui-se que a presença dos retirantes da seca na cidade era um fator complicador das condições de saúde da população local, pois que esta sofria com a falta de saneamento básico e com os maus hábitos de higiene.

Dessa forma, no início do século XX, Teresina coexistia com a falta de iluminação pública, de canalização de águas e de saneamento básico, ou seja, trata-se de um momento em que a cidade crescia e a população convivía com deficiências estruturais, ausência de coleta de lixo, falta de saneamento urbano, de rede de esgotos, de calçamento e com um precário sistema de saúde. Devido às próprias condições de insalubridade da cidade no início do século eram frequentes as epidemias que assolavam a cidade.

2.2. Cidade real e cidade dos desejos

Luz alimentada a querosene e carroças já não eram suficientes para a cidade no início do século passado. Teresina era uma cidade que desejava ser moderna, mas onde predominava um modo de vida caracterizado como provinciano. Os cronistas muitas vezes descreviam a cidade como um lugar sem vida, sem alegria e monótona devido às transformações lentas. Em Teresina temos uma cidade real que se confronta com uma cidade ideal. Na prática ainda prevalecia uma cidade com um modo de vida predominantemente rural. O centro da capital ainda era um espaço composto por muitas quintas, grandes casarões, com ruas de chão batido e sem calçamento.

Bugyja Britto²³ que viveu em Teresina nas duas primeiras décadas do século XX, em suas memórias autobiográficas caracterizou a cidade como um lugar provinciano, de costumes pacatos, de pequeno contingente populacional, isolada do restante do país e sem um comércio forte, mantendo características próximas às do período da transferência da capital. E assim descreveu a cidade:

Talvez tivesse uns 16.000 habitantes. Isolada do país por ficar no sertão do Nordeste, de comércio rudimentar, sem indústria, muito quente e sem atrações ecológicas, devia se parecer ainda com os primeiros anos em que fora fundada.

Era triste a situação em que se apresentava a capital piauiense: nem um Banco (o primeiro é de 1917 – Banco do Brasil), sem um hospital (havia

²³ Antonio Bugyja de Souza Britto nasceu a 21 de maio de 1907 em Oeiras e faleceu no Rio de Janeiro em 03 de dezembro de 1992. Bacharel em direito pela Universidade do Brasil em 1933. Foi co-fundador do jornal *O lábaro* (1926) e do *Cenáculo piauiense de letras* (1927). Colaborou em diversos jornais como *O Piauí*, *A Imprensa*, *Gazeta* e *A Revista de Teresina*. Foi membro da Academia Piauiense de Letras.

uma desprovida Santa Casa de Misericórdia), dispunha de 4 unidades escolares para ministrar o ensino primário, uma praça pública e 3 largos, nem uma rua calçada, nenhum veículo automotor, e apenas dois estabelecimentos de ensino secundário, – o Liceu e a Escola Normal, sendo que o último fora fundado em maio de 1911. [...].²⁴

A cidade planejada da segunda metade do século XIX mais parecia uma vila do que uma capital moderna. Tinha poucos atrativos e muitas vezes era caracterizada pelos cronistas como uma cidade de aspecto triste e desolador. Segundo Antônio Chaves:

Nossa querida capital está situada no centro de uma chapada triste, áspera e monótona, sem um monte a emoldurar-lhe os horizontes, sem um vale ou bosque a mitigar-lhe a atmosfera fulminante. Sob a abóboda desse castíssimo firmamento desnudado, como impiedosa antítese reside uma população em geral raquítica e de estatura abaixo da média [...] O povo aí é triste e nada expansivo; a fisionomia parece-lhe cristalizar-se numa moldura imperturbável, como fatigada renúncia da vida ativa.²⁵

Muitos cronistas insistiam nessa descrição. Mas quais as referências desses cronistas ao descreverem a cidade dessa maneira? Talvez a própria formação e a vivência fora do Estado, a busca de educação em outras cidades possa ter contribuído para que literatos e cronistas percebessem a cidade como eminentemente rural e de vida provinciana. O olhar dos cronistas que descreviam Teresina é marcado, sobretudo, pela comparação com outros centros, pela subjetividade e pelo desejo de construção de uma cidade ideal.

Na série *Pela cidade*, do jornal *A Gazeta*, o cronista abordou, de maneira recorrente, os temas da arborização da cidade, de sua caracterização como um lugar de aspecto atrasado, com ruas esburacadas, cobertas de mato e capim, as reações dos estrangeiros que nela circulavam, e principalmente, os problemas relacionados à saúde pública.

Convém insistir nesse assunto. Embora as nossas palavras não despertem o resultado que desejamos, mesmo assim, por dever do ofício, ainda queremos tratar dos mais ponderáveis defeitos que, no momento, apresenta nossa cidade.

Teresina oferece, agora, o aspecto de uma vila atrasada, onde os benefícios da guerra contra as vegetações inúteis ainda são ignorados. O capim e outras ervas substituindo o mato, o pasto, a malva e fedegoso, ali estão, em exuberante proliferação para dar um atestado pouco recomendável de nosso adiantamento.

²⁴ BRITTO, Bogyja. *Narrativas autobiográficas*. Rio de Janeiro: Folha Carioca, 1977. p. 155-156.

²⁵ ANTÔNIO. *Litericultura*. Teresina, ano 1, n. 1, 1 jan. 1912, p. 59.

É esse capinjal, embaraçando o escoamento das águas, que nele se acumulam, para daí advirem males à saúde, não só por se tratar de águas estagnadas como por se originarem dessas os incômodos insetos que tanto atordoam o interior dos lares.²⁶

Nas crônicas, a cidade suja, triste, sem melhoramentos, sem reformas notáveis, de desenvolvimento lento e de populações que habitavam locais de condições subumanas, ganhava contorno:

Teresina é uma cidade de desenvolvimento moroso e lento. O seu aumento tem sido feito com tamanho vagar, que só nos permite vê-la transformada em épocas muito afastadas dos nossos dias. O espaço que medeia entre uma década não nos deixa perceber uma reforma notável ou um melhoramento que prenda a atenção por uma obra de arte qualquer [...]. O aspecto de certas ruas é desolador e triste. A vida humana em certas habitações é quase um milagre [...]. É este um ponto que todos atestam, e que todos presenciaram, contra o qual uma grande maioria protesta, mas que continua a se verificar e continuará ainda por muito tempo se a comuna teresinense não procurar desde já fazer executar certos preceitos cuja obrigação e a vida impõem [...].²⁷

Segundo Calvino²⁸, cada cidade contém, dentro de si, múltiplas cidades. Teresina no início do século XX é uma cidade que contém várias cidades dentro de si. Através dos cronistas, surgem múltiplas cidades que se constituem através das relações sociais construídas em seu espaço. Os cronistas ratificam a construção da cidade múltipla, edificada pela ação de diferentes segmentos sociais, e falam, especialmente, da história da cidade a partir do pitoresco, dos fatos do cotidiano, das transformações gradativas e de seu impacto sobre os costumes. Destacavam também grupos sociais excluídos pelo progresso e pelo poder público:

[...] já construímos uma sociedade civilizada, pensamos na higiene de nossa Capital e esperamos ansiosos, luz e bonde elétrico [...] Seria uma injustiça um erro, deixar que eles coitadinhos continuem abandonados aos vendavais da vida – dessa miserável e cheia de dores por onde penosamente se arrastavam.²⁹

²⁶ PELA CIDADE. *Gazeta*, Teresina, ano 4, n. 140, 1 abr. 1908, p. 3.

²⁷ PELA COMUNA. *O Piauí*, Teresina, ano 20, n. 1076, 2 set. 1910, p. 1.

²⁸ CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

²⁹ ASILO de Velhice e Mendicidade. *Diário do Piauí*, Teresina, ano 2, n. 67, 4 ago. 1912, p. 3.

Em Teresina, nos mesmos espaços convivem homens de paletós e burros carregadores d'água, como nos passeios públicos, e dessa forma, provincialismo, ruralidade, modernidade, progresso e civilidade se entrelaçam.

Teresina continuava, no início do século XX, com forte presença do meio rural. Os animais estavam por todos os lados, eram fundamentais à vida cotidiana da população, tendo em vista que uns carregavam água, outros capim verde, lenha, puxavam carroças, cavalos para montaria etc. Nos domicílios, a população dava continuidade a hábitos rurais de criar animais para o consumo interno da família, principalmente porcos e galinhas, muitas vezes criados soltos, transitando livremente pelas ruas.³⁰

Teresina no início do século XX mescla a tradição e a modernidade. Compõe-se de muitas cidades, onde dois modelos se sobressaem: uma sociedade tradicional, que convivía com mudanças mais lentas; e outra que se pretendia nova, moderna, de transformações rápidas e efêmeras.

Em 1880 Teresina é quase um arraial, cuja vida urbana e social começa a se tornar mais complexa, seguindo lentamente os ditames da evolução mundial. Durante os anos 80, até meados dos anos 90, as 'novidades' do mundo moderno são meras notícias; notícias trazidas pelas levas de doutores que começam a afluir – bacharéis em Direito, médicos, farmacêuticos, uns poucos engenheiros – e pela imprensa periódica alienígena. O progresso é ainda mero relato. A cidade pouco se diferencia em sua forma de viver, apesar da diferenciação interna do espaço urbano. O centro da cidade convive com os animais, a poeira, a lama, os riachos, casas de palha. Focos de incêndios. Festas religiosas são divertimento popular. Os intelectuais sonham com salões, com boa música, com o viver das grandes capitais do Império/República.³¹

A cidade era observada pelos cronistas, e nada escapava aos olhares críticos, como pode ser visto na crônica intitulada Devia ser melhor;

Está em via de concluir-se o serviço de inscrições denominativas das praças e ruas e numeração das casas desta cidade.

³⁰ CASTELO BRANCO. Pedro Vilarinho. Desejos, tramas e impasses da modernização (Teresina 1900/1930). *Scientia et spes*, Teresina, Instituto Camilo Filho, v. 1, n. 2, 2002. p. 300.

³¹ QUEIROZ, Teresinha. *História, literatura, sociabilidades*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998b. p. 15. Sobre o processo de modernização da cidade e a inserção do teatro e do cinema na sociedade teresinense ver especialmente o primeiro capítulo de: QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*: Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. Teresina/João Pessoa: EDUFPI/EDUFPB, 1998a.

Manda a verdade que se diga não ter sido a Intendência, a despeito do seu empenho em dar melhoras ao município, muito feliz com a execução desse serviço.

Quem quer que o encare, nota, sem dúvida, a sua inferioridade relativamente ao que tínhamos feito em 1890.

O letreiro das praças e ruas então reveste um caráter de coisa pesada, inestética, que fere a vista do bom gosto.

As letras e os algarismos não têm o apuro que era de desejar, enquanto o fundo em que se inscrevem é de cor menos própria a fazê-los realçarem.

Ouvimos que a cor azul foi escolhida como a mais barata; no entanto, embora sendo um pouco mais dispendiosa, a preta, por se prestar melhor, devera ter sido a preferida.

Mas o que está feito, não está por fazer.

Agora é preciso se não esquecer a intendência de mandar numerar, usando o recurso auxiliar do alfabeto, os prédios que se forem construindo.³²

Podemos afirmar que a modernização era mais um ideal a ser conseguido do que uma prática corrente que se impunha sobre a cidade e não se estendia a todos os habitantes. Entretanto, segundo Castelo Branco, o progresso caminhava de forma rápida e implicavam em muitas mudanças de comportamento:

Essas imposições [modernização da cidade] fizeram com que o progresso chegasse a muitos lugares como conquistador ditando normas, costumes, solapando e condenando formas de viver e pensar tradicionais. Seduzindo de forma mágica os mais deslumbrados com as suas possibilidades e colocando os recalitrantes na posição de anacrônicos.³³

Em Teresina, o progresso estava articulado a um conjunto de mudanças materiais, mas acima de tudo buscava-se a ordenação da sociedade. O cotidiano dos sujeitos sociais na cidade de Teresina durante o início do século XX passava diretamente pelo controle dos costumes, pelo menos, das ações que poderiam ser realizadas em público, e de quais comportamentos eram tidos como aceitáveis ou não.

Os discursos oficiais, especialmente as mensagens dos governadores durante as três primeiras décadas, revelam as dificuldades relacionadas ao orçamento e o abandono do poder central era a justificativa para a falta de investimentos no setor público. Os melhoramentos, quando ocorriam, também eram enfatizados pelos governantes, aliás, essas mudanças estavam ligadas a crença no progresso material da sociedade e no processo de modernização.

Nos discursos governamentais a retórica das dificuldades econômicas procurava afirmar-se no contexto de luta entre os estados e a federação, bem como nas tentativas de

³² DEVIA ser melhor. *Gazeta*, Teresina, ano 3, n. 77, 23 dez. 1906, p. 1.

³³ CASTELO BRANCO, 2002, p. 299.

inserir o Piauí no modelo de desenvolvimento do restante do país. O processo de modernização da cidade seguia a passos lentos, com os governantes sempre reafirmando as dificuldades relativas aos recursos disponíveis e à falta de iniciativa dos grupos privados.

A navegação do rio Parnaíba tinha um importante papel no comércio e na interligação das cidades no Piauí, sendo Teresina um dos principais centros da comercialização de produtos no Estado. Eram comuns as notas destacando o intenso fluxo de embarcações através do rio Parnaíba, cuja navegação a vapor, além de interligar as cidades piauienses, facilitava o escoamento da produção para outros estados e até mesmo para outros países, sem depender dos estados vizinhos. Este fato contribuiu para o incremento do comércio de Teresina.

Teresina no início do século XX figura como uma das principais cidades do Piauí, ao lado de Amarante, Floriano e Parnaíba. A economia extrativista e a expansão da exploração da borracha de maniçoba, produto voltado para a exportação proporcionaram a Teresina um impulso no processo de desenvolvimento socioeconômico, com ganhos financeiros para a cidade, de que resultou, por exemplo, o projeto de iluminação pública.

A necessidade da iluminação pública já ganhava destaque nos jornais e em 1905 noticiava-se a chegada em Teresina de engenheiros para fazer estudos sobre a tração elétrica³⁴. A iluminação pública de Teresina, inaugurada em 1914, foi caracterizada por Clodoaldo Freitas como focos incandescentes suspensos em postes mal alinhados e sem elegância. Para Freitas, a iluminação elétrica denunciava o estado rústico e a má conservação das ruas e praças centrais da cidade, onde ainda não havia calçamento.³⁵

No governo de Antonino Freire (1910-1912) os serviços de iluminação elétrica tiveram início e se transformaram em um dos maiores símbolos da modernização e do progresso de Teresina. Os cronistas destacavam os benefícios da luz elétrica, o fato de tirar a capital da escuridão e descreviam a iluminação pública como melhoramento necessário. Entretanto, apenas uma década depois, destacavam a regularidade e ampliação do horário de funcionamento e dos serviços prestados:

Temos o grato ensejo de comunicar ao público, que a partir de hoje, a nossa capital será servida de iluminação elétrica, nas ruas e casas particulares, das 6 horas da tarde às 6 horas da manhã. Era esse um melhoramento que se impunha em nosso meio, porque não se justificava de modo algum, o fato de permanecer a capital às escuras, durante altas horas da noite. [...] ³⁶

³⁴ TELEGRAMA Iluminação elétrica. *Gazeta*, Teresina, ano 1, n. 14, 24 jan. 1905, p. 3.

³⁵ FREITAS, Clodoaldo. *História de Teresina*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1988.

³⁶ ILUMINAÇÃO Pública. *O Piauí*, Teresina, ano 63, n. 105, 8 jul. 1921, p. 2.

Para o abastecimento d'água na cidade de Teresina, sucederam-se, sem sucesso, várias tentativas de implementação. Primeiro, direcionados pela iniciativa privada e posteriormente pelo poder público. A partir de 1903, o Estado, através da Diretoria da Repartição de Obras Públicas, Terras e Colonização assumiu a responsabilidade pela execução dos serviços, e somente a partir de 1906, a cidade de Teresina passou a contar com um serviço regular de abastecimento d'água. O governador Álvaro Mendes assim se manifestava:

As vantagens de impulsionar e levar a termo os trabalhos de abastecimento d'água, cujos gastos tinham de ser satisfeitos de certa data em diante com o produto da receita ordinária, forçaram-me a fazer sustar o serviço do prédio destinado à câmara legislativa, que agora vai ter de novo andamento, assim como privaram o governo de mandar proceder aos reparos de que carecem várias cadeias do interior, que também terão de ser atendidos na estação estial que ora começa. Desafogado o tesouro das urgências de meios que o abastecimento d'água exigir, cumpre-nos, poder legislativo e executivo, aplicar a outros melhoramentos as nossas forças.³⁷

Apenas no final dos anos 20 passa a ser comemorada pelos cronistas a ampliação do serviço de abastecimento d'água e a chegada da água canalizada em mais casas e em horário ampliado:

Temos a satisfação de levar ao conhecimento do público que o governo do Estado, atendendo a uma justa reclamação da Gazeta, providenciou para que de hoje em diante a água seja distribuída à população da capital das 6 às 11 horas do dia e das 2 às 5 da tarde. Trata-se, como se vê, de mais uma medida que vem beneficiar a população em geral e em particular a pobreza. Por isso mesmo todos devem evitar o desperdício da água, conservando fechadas as torneiras do encanamento, sempre que não precisem do precioso líquido.³⁸

O projeto modernizador implantado em Teresina está ligado também à chegada de máquinas que caracterizavam o aparato técnico da modernidade. O surgimento dos transportes por bondes em Teresina, apesar do curto período de tráfego normal, entre 1923 e 1929 pode ser visto como parte desse processo.

³⁷ PIAUÍ. Governo. 1904 – 1908 (Mendes). *Mensagem apresentada à Câmara Legislativa do Estado do Piauí pelo governador Álvaro de Assis Osório Mendes, em 1 de junho de 1905*. Teresina: Tip. do Piauí, 1906. p. 36.

³⁸ SERVIÇO d'água. *O Piauí*, Teresina, ano 63, n. 155, 31 jul. 1928, p. 3.

Entretanto, tratava-se de uma forma de transporte que revelava sua face excludente. Um bonde limpo, era destinado à parcela da população que podia se vestir bem, que utilizava o bonde como passatempo preferido, principalmente, aos domingos. Outra parcela da população, a dos pobres, utilizava o bonde de segunda. Entretanto, havia reclamações contra os pobres que utilizavam os bondes: eram malvestidos, sujos, usavam roupas rasgadas, e andavam de pés descalços. A solução para tal problema veio de forma segregadora – criou-se o reboque. O segundo bonde construído, chamado de bonde de segunda, seguia atrelado ao de primeira.³⁹

Através da separação das classes nos bondes, percebe-se como era o cotidiano e modo de as pessoas se vestirem. Segundo Orgmar Monteiro, no bonde de primeira classe custavam duzentos réis as passagens para adultos e cem réis as destinadas às crianças. Nele era permitida a viagem apenas de cavalheiros de terno completo, com calças, colete, paletó, camisa e gravata, bem como de seus complementos – o chapéu e a bengala; e as damas deviam usar sapatos, saias compridas, e vestidos decentes. As crianças deveriam estar acompanhadas e socialmente vestidas e calçadas. Já na segunda classe as passagens custavam cem réis e podia-se viajar de qualquer jeito, inclusive com o direito de levar cestas, cofos e até galinhas vivas e outros animais.

Os bondes também funcionavam como forma de lazer, divertimento e prêmio para as crianças de bom comportamento. De acordo com Monteiro, na época de sua infância:

A grande frequência nos bondes era pela manhã – porém nos domingos ficavam lotados o dia todo. O clássico prêmio pelo bom comportamento, durante a semana, pelo qual eu me esforçava para merecê-lo e naturalmente as outras crianças, era a alegria do domingo, à vista da superlotação de ambos os vagões. Na ânsia de embarcar, quando não havia lugar no carro de primeira classe, o de segunda servia.⁴⁰

Com a saída do Capitão José Faustino que mudou-se para o Rio de Janeiro em 1929 começou o período de decadência desse meio de transporte. A diminuição de usuários que buscavam novos divertimentos, os problemas da máquina e diminuição das rendas dificultaram o funcionamento dos bondes. A modernidade na cidade de Teresina estava mais ligada aos desejos modernizadores do que propriamente às transformações que surgiam na cidade. As ações modernizadoras adquiriam a imagem de propaganda. Nas primeiras décadas

³⁹ MONTEIRO, Orgmar. *Teresina descalça*: memória desta cidade para deleite dos velhos habitantes e conhecimentos dos novos. Fortaleza: Edições Iocce, 1988. v. 4, p. 304.

⁴⁰ MONTEIRO, 1988, p. 305.

do século XX, a urbanização e a vida na cidade tornaram-se símbolo do novo, e de possíveis benefícios para a população, mas que nem sempre se efetivavam na prática.

2.3 Moda, consumo e costumes

A moda e o desejo consumista provocavam seduções, sendo a propaganda elemento fundamental para a divulgação dos novos produtos. Ser moderno em Teresina no início do século XX pode ser entendido em certa medida pela capacidade de consumir os produtos europeus que chegavam a cidade, era também ser absorvido pela moda, estar em dia com as novidades ofertadas.

O hábito de consumir os novos produtos cumpriu um papel importante no processo de civilizar a população de Teresina. De forma marcante, as propagandas nos jornais de Teresina faziam alusão a esses produtos, geralmente importados, evidenciando também a existência de um novo público consumidor. Os anúncios eram relativos a uma diversidade de produtos como: livros, fumo, álcool, sabonetes e cremes para mulheres. A partir dos anúncios nos jornais, pode-se constatar que o comércio da cidade contava com bom número de estabelecimentos, e comercializava com áreas circunvizinhas.

As propagandas das novidades que chegavam da Europa demonstravam que já se constituía na cidade um público para tais produtos, mesmo que restrito a grupos privilegiados. Tecidos finos, peças de porcelana, chapéus, entre outros eram absorvidos pela sociedade teresinense. “Novo sortimento” era a chamada para a oferta de produtos que vinham do mundo civilizado, para a grande variedade de artigos que chegavam da Europa, sobretudo da França e da Inglaterra. Tanto o modo de vestir, como o uso de chapéus, tinham o significado de civilidade. “Chapéus! É inimitável o sortimento que acabou de chegar para a casa de Petrópolis de João José de Souza. É inimitável sim, na quantidade, nos preços e na qualidade. Praça Uruguaiana”.⁴¹

O incentivo ao consumo dos artigos da moda que chegavam a Teresina, importados da Europa, entre eles – adereços, tecidos de sedas, perfumes e sabonetes - transformavam o vestuário, os cheiros e davam um certo requinte ao vestir, como se pode inferir de um anúncio:

⁴¹ ANÚNCIO de chapéus. *Gazeta*, Teresina, ano 4, n. 131, 29 jan. 1908, p. 3.

Lindas fantasias de cores, dos melhores gostos e padrões, cetim, veludo, fustão, cambraia branca de cores, grande quantidade de chitas, morins & &. No tocante às miudezas e especialmente enfeites para vestidos de senhora ali se vê o que de mais belo e moderno há, em galões, vidrilhos, rendas de ponta e entremeio, bordados brancos e de cores, gregas, fitas, plumas e broches para atracar, paletós. Para a rapaziada tem os chapéus de palha dupla, botinas, chapéus de sol, gravatas lindíssimas, colarinhos, punhos, meias &.&.⁴²

Novas e modernas alfaiatarias⁴³ instalavam-se na cidade, os novos modismos eram exibidos nos bailes, nos passeios públicos, nos bailes de carnaval, nas solenidades públicas, nas idas ao teatro e ao cinema ou na freqüência aos cafés. Nesses locais as pessoas davam visibilidade a seus novos figurinos e exibiam a sua elegância.

As propagandas⁴⁴ indicavam que em Teresina existiam consumidores para esses produtos, na medida em que crescia a própria diversidade de lojas e de artigos oferecidos. Sabonetes franceses, chapéus para adultos e crianças, artigos de seda, sapatos finos, produtos específicos para limpeza de pele, e medicamentos variados são indícios de que se procurava constituir novos hábitos de consumo de produtos já existentes em outras capitais como São Paulo, Rio de Janeiro e Fortaleza.

Os anúncios revelavam a circulação de mercadorias e o poder de compra da sociedade teresinense do início do século, quando as invenções modernas passaram a ter suas qualidades exaltadas, ao mesmo tempo que provocavam sedução e encantamento, caso dos automóveis no final dos anos 20.

Anúncios de vendas de carros também eram comuns, especialmente, a partir de 1923 com a chegada dos primeiros automóveis na cidade. Em 1927, novos modelos foram divulgados e o destaque dos anúncios era para a velocidade, a força e a resistência “titânica” dos novos carros, como o modelo Torpedo Erskine Six⁴⁵. A reprodução de imagens de carros com vários passageiros sugeria as possibilidades de transporte para toda a família. Com o automóvel o ritmo de vida na cidade se alterava, e a cidade ganhava movimento.

Jônatas Batista alertou para as vantagens e desvantagens da existência de poucos carros na cidade. Para ele isso era um sinônimo do pouco desenvolvimento material, mas, por outro lado, as pessoas estavam livres das cenas de atropelamento comuns em outras cidades. Jônatas

⁴² ANÚNCIOS do Comércio. *O Tempo*, Teresina, ano 1, n. 5, 23 mar. 1905, p. 4.

⁴³ ANÚNCIO da alfaiataria moderna. *Gazeta*, Teresina, ano 7, n. 280, 30 nov. 1910, p.9.

⁴⁴ Em várias edições dos jornais *Monitor*, *Apóstolo* e *Gazeta*, e em muitos outros jornais pesquisados existia um destaque para as propagandas, estas que eram bastante diversificadas e ocupavam lugar de destaque nos jornais.

⁴⁵ A propaganda no jornal *A Praça* apresenta a imagem do modelo Torpedo "Erskine" Six produzido pela fábrica Studenbaker em 1927. PROPAGANDA Torpedo Erskine Six. *A Praça*, Parnaíba, ano 1, n. 2, 1 nov. 1927, p. 1.

fez críticas ao progresso, e muitas vezes, ironizou aqueles que se enchiam de entusiasmo pelas máquinas que colocavam em risco a vida das pessoas, como o automóvel. Dizia em uma de suas crônicas:

O progresso nem sempre é um bem e as mais das vezes é um mal. E ninguém veja nisto um paradoxo injustificável – o progresso nem sempre é um bem.

Que importa que não tenhamos estradas de ferro, bondes, luz elétrica e muitos outros melhoramentos de que temos notícia, nos outros Estados, nas suas capitais? Se não contamos com os imensos benefícios que esses melhoramentos trazem, em compensação, não temos os grandes males que eles nos poderiam trazer.

Não temos automóveis, é uma verdade; mas em troca não presenciamos os esmagamentos que se dão, todos os dias, nas cidades onde o fonfon é tão conhecido e tão habitual ao povo. Assim, tudo o mais.⁴⁶

A elegância vinculada ao consumo de produtos como o cigarro, o charuto e a bebida, era difundida pelo cinema como sendo elemento importante para os momentos de romances e inserção social. Os jornais destacavam a chegada de novos aparelhos para a fabricação de bebidas diversificadas, como pode ser visto a seguir:

Este acreditado estabelecimento [Fábrica de Bebidas Álvaro Martins e Cia] acaba de instalar um moderníssimo aparelho para a fabricação de guaraná, cola, champagne, refrigerantes diversos. Tem também em depósito, de sua fabricação, conhaques, quinados, vinhos de diversas marcas e vinagre especial.⁴⁷

As mudanças de hábito e as novas sociabilidades afetavam Teresina, onde as várias dimensões de comportamento a partir da moda, lazer, da elegância, de consumo, produziam novos modos e formas de viver, especialmente para a elite. A moda parisiense exercia um grande fascínio sobre parte dessa elite teresinense e em vários jornais apareciam as propagandas sobre a comercialização de produtos europeus. Tito Filho, em *Crônica da cidade amada*, fez uma análise sobre esse segmento de consumidores. Para ele:

[...] constituía um pequeno grupo formado por pessoas que se vestiam com artigos de luxo vindos da França. Usavam vestidos de seda, veludos, leques

⁴⁶ BATISTA, 1985, p. 118.

⁴⁷ FÁBRICA de Bebidas. *A Imprensa*, Teresina, ano 3, n. 380, 3 maio 1928, p. 7.

de madrepérola, gravatas, perfumarias e jóias de ouro. Quase tudo era vendido nas casas de comércio das ruas Bela e Imperatriz.⁴⁸

Vale ressaltar que esses novos costumes de se comportar e de adotar as novidades, estavam associados ao cinema que introduzia novos hábitos civilizados e novas maneiras de se comportar em público.⁴⁹ A moda contribuiu para a ruptura com o mundo tradicional, na medida em que as novidades funcionavam como modelo para o presente, e dessa forma funcionava como uma negação do passado.

Os cafés do centro da cidade também funcionavam como lugares de sociabilidades. Um deles era o Café Internacional, situado na praça Uruguaiana, que além de funcionar como local de encontro da elite, também comercializava produtos que iam desde chapéus, jóias de brilhantes, pince-nez, chocolates, máquinas fotográficas e até mesmo batatas.⁵⁰

Outros espaços de sociabilidades, como o Café Avenida, eram locais com visibilidade social, onde as pessoas podiam exibir seus novos trajes e exercitar sua civilidade. Um convite de 1927, feito a amigos e fregueses, mostrava o interesse do proprietário na presença de sua clientela. O anúncio intitulado Vai ser filmado o Café Avenida diz:

Pede-nos o proprietário do simpático Café Avenida, nosso amigo Artur Frazão, avisar à sua distinta freguesia que hoje, depois da missa, será filmado o seu estabelecimento. Para esse fim convida os seus amigos e fregueses, assim como as Exmas. famílias, que ali poderão ser apanhados pela objetiva.⁵¹

O crescimento do número de hotéis e restaurantes em Teresina, relacionado ao aumento da demanda, também demonstrava preocupação com os viajantes e o receio do que eles pudessem pensar sobre a cidade. Luxo, elegância e bom gosto serviam como elementos atrativos para os viajantes. Os anúncios exaltavam a proximidade do centro, conveniência do local, a cozinha, os preços baixos, além do atendimento de qualidade. Alguns estabelecimentos diziam só aceitar hóspedes de primeira classe.⁵²

⁴⁸ TITO FILHO, Arimatéia. *Crônica da cidade amada*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1977. p. 27.

⁴⁹ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Hígino Cunha e as tiranias do tempo*. Teresina/João Pessoa: UFPI/UFPB, 1998a.

⁵⁰ Entre os vários cafés da cidade de Teresina no início do século destacam-se: Café Internacional e o Café Avenida, ambos situados na Praça Uruguaiana. ANÚNCIOS. *A Semana*, Parnaíba, ano 1, n. 2, 26 nov. 1916, p. 1.

⁵¹ ANÚNCIO Café Avenida. *O Piauí*, Teresina, ano 62, n. 22, 28 jan. 1927, p. 4.

⁵² HOTEL do Norte. *O Piauí*, Teresina, ano 39, n. 485, 23 jun. 1921, p. 4.

A luta pela construção de um jardim público remonta ao início do século XX, e estava diretamente relacionada à edificação de um espaço agradável para as famílias, e seria um melhoramento fundamental para a cidade, por constituir novo espaço de sociabilidades. O jardim público funcionaria como local de encontro e passatempo ou diversão moderna para a população sair da rotina, sobretudo, pela observação da beleza e da arte da vegetação ali existente. Teresina era comparada a uma estufa, e assim essa benfeitoria era considerada fundamental também para a criação de um espaço mais ameno e aprazível na cidade.⁵³

Antes mesmo da criação de jardins públicos na cidade de Teresina, já existiam espaços denominados de largos, espaços destinados à recreação e às manifestações cívicas. Entretanto, os largos não eram urbanizados como os passeios públicos de outras cidades. Os passeios públicos, locais fundamentais para a construção de uma cidade com novas sociabilidades, eram uma reivindicação antiga dos cronistas como um lugar essencial para o lazer das famílias. Artigo de 1905 do jornal *Gazeta*, tratava da urgência da edificação de tais espaços:

[...] Agora que os velhos hábitos estão seriamente ameaçados devemos empenhar-nos por uma coisa de que carecemos muito e que, antes de outras, deve ser posta em realidade. Há muito que devíamos ter.

[...] Referimo-nos a um jardim público, onde a sociedade desta terra possa espáreecer do tédio e do calor que a persegue na estação seca.⁵⁴

O cronista, ao comentar a inauguração do Jardim Público de Teresina enfatizava a conferência de Mário José Batista sobre jardins e árvores em geral. Esse fato mostra que a própria inauguração era um momento de se conscientizar a população acerca dos cuidados com o Jardim Público. A praça Rio Branco era caracterizada como um lugar de destaque em Teresina. O cronista referiu-se a presença de grande quantidade de pessoas no evento, mais de duas mil, destacando a presença de ilustres famílias teresinenses. Apesar do horário da inauguração às 19 horas, o cronista ainda traçou elogios à iluminação, que foi chamada de “esplêndida” e a ornamentação de “soberba”.⁵⁵

Contudo, eram comuns nas crônicas que tratavam dos jardins públicos as reclamações de ausência de luz e da poeira excessiva que manchava as roupas das senhoritas que ali transitavam. A mesma praça que era reconhecida como local de excelência de Teresina, era

⁵³ CRIAÇÃO de um jardim público. *O Piauí*, Teresina, ano 2, n. 37, 11 out. 1905, p. 1.

⁵⁴ UMA URGENTE necessidade. *Gazeta*, Teresina, ano 2, n. 37, 11 out. 1905, p.1 apud CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres plurais: a condição feminina na Primeira República*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996. p. 48.

⁵⁵ INAUGURAÇÃO dos Jardins. *O Piauí*, Teresina, ano 2, n. 139, 3 jul. 1912, p. 1.

também caracterizada como um lugar pequeno e sem áreas calçadas. O cronista adotou um discurso visando estimular essas novas diversões sociais, e ainda destacando que o passeio público era um espaço adequado para a diversão das crianças.

Mais uma vez somos obrigados a assinalar a ausência de luz e fazer um apelo ao Dr. Intendente do município para que lance as vistas para essa falta imperdoável; como também temos a notar que, com as rajadas do vento, subiam nuvens de poeira que não são só prejudicam à saúde dos que amam os passeios dominicais pela praça Rio Branco, como mancham as delicadas vestes das nossas formosas patrícias. E há um remédio, a praça é pequena, com um leve sacrifício, ei-la a calçada.⁵⁶

Os novos espaços iam sendo ocupados e ganhando novos frequentadores rapidamente, logo a presença e a assiduidade nos jardins eram comparáveis aos das missas dominicais. O cronista Caio Lima, em 1913, valorizava o jardim como um espaço capaz de minimizar o tédio e o tratava como a única forma de lazer da cidade. Para ele, a boa educação vinha da infância, e em Teresina não havia essa prática, mas o jardim público poderia ajudar na mudança da postura das crianças.⁵⁷

A iluminação do jardim público, vinda da Europa, era um dos atrativos para que as pessoas o frequentassem, agora também marcado pelo requinte dos objetos europeus. Simbolizando um ambiente europeizado e moderno, o passeio público era o local ideal para a exibição de um bom comportamento, sobretudo civilizado, e de roupas elegantes. Ao entregá-lo à população, o Intendente de Teresina assim se manifestava:

Tenho a grata satisfação de levar ao vosso conhecimento que já se acha concluído o Jardim Público [...] Excelente e moderno logradouro, capaz de figurar em qualquer cidade adiantada, é uma obra de valor que compensa o sacrifício feito pelo município e bem merece o zelo e carinho do público que o frequenta assiduamente. Compreendendo uma área de 7.200 metros quadrados, compõem-se de inúmeros canteiros completamente cheios de lindos gramados e variadas flores, com ruas espaçosas para trânsito de público, bancos, 600 metros de extensão por três de largura, de passeios de cimento ao fundo da igreja Nossa Senhora do Amparo [...] Para complemento da ornamentação e iluminação do jardim, mandou esta Intendência vir da Europa dois lindos lampadários, tendo cada um três grandes focos de arco voltairico de 1.800 velas e três menores de luz incandescente de 500 velas, perfazendo um total de 3.300 velas as quais

⁵⁶ PELO JARDIM. *Correio de Teresina*, Teresina, ano 1, n. 26, 4 ago. 1913, p. 3.

⁵⁷ LIMA, Caio. De relance. *Correio de Teresina*, Teresina, ano 2, n. 40, 10 nov. 1913, p. 2.

fornece uma iluminação farta e suave e dão ao local um tom alegre e festivo. Os arcos só são empregados aos domingos e dias feriados.⁵⁸

Outro cronista elogiou o Intendente municipal, pelos esforços e melhoramentos na cidade com a execução de serviços urbanos que eram de interesse coletivo, como o ordenamento de certas ruas, o calçamento de outros trechos, além do aformoseamento dos jardins da praça Rio Branco com a colocação de novos bancos, e a reforma dos canteiros e do gramado, o remodelamento do seu entorno, além da tentativa de conservação dos jardins, com o combate aos maus hábitos das crianças.⁵⁹

O jardim que no passado ele estava completamente abandonado, passara por uma reforma radical. O cronista critica os maus hábitos da população na conservação das árvores, bem como a presença de crianças pisando o gramado. As reclamações se concentravam na retirada das flores, pois para ele era uma necessidade a conservação do passeio público como um espaço aprazível, e sobretudo, apresentável para os visitantes que chegavam à cidade. Nessa crônica de 1913 a Praça Rio Branco era o lugar de destaque da sociedade teresinense. Porém, poucos anos depois, o jardim era caracterizado como um lugar abandonado. No ano de 1920, um cronista chamava a atenção para o jardim público:

Outro assunto que está merecendo a atenção do Sr. Intendente é o aformoseamento do jardim público, da praça Rio Branco, que, devido a estação ardente da seca está ameaçado de completa destruição [...]. Esse esforço do Sn. Dr. Intendente municipal, em benefício dos habitués da praça Rio Branco deve ser por eles recompensado, evitando de pisarem nos gramados ou impedindo que as crianças por eles corram, visto continuar esse mau costume, não haverá boa vontade possível para conservar Teresina com um passeio público decente e apresentável aos que nos visitam.⁶⁰

Os jardins públicos eram caracterizados como lugares privilegiados das sociabilidades modernas e funcionavam como espaços para a exibição de um comportamento civilizado. Em outra crônica o autor destaca que a banda do corpo militar realizou uma retreta, mas que teve que interrompê-la devido à “falta absoluta de luz”. Faz apelos para que a municipalidade

⁵⁸ TERESINA. Intendente Municipal. 1910-1916 (Paz). *Relatório do Intendente de Teresina Tersandro Gentil Paz na abertura da assembléia da Intendência Municipal em 26 de outubro de 1916*. Teresina: Imprensa Oficial, 1916. p. 1.

⁵⁹ JARDIM público. *O Piauí*, Teresina, ano 30, n. 365, 25 mar. 1920, p. 1.

⁶⁰ JARDIM..., 1920, p. 1.

resolva tal situação. Referiu novamente à presença de crianças brincando pelo jardim e de várias senhoras e senhoritas da boa sociedade.⁶¹

Em 1920, um cronista reclamava da necessidade da construção de mais espaços públicos na cidade, e criticava os jardins públicos que ainda não tinham a frequência desejada:

Teresina já não é a mesma cidade monótona de cinquenta anos atrás. Temos o cinema diário, temos o jardim, temos o football. As nossas conterrâneas se ainda não seguem a moda em todos os seus inúmeros detalhes, pelo menos revelam muito gosto e muita inteligência no trajar. [...]

O jardim se bem que ainda não esteja muito frequentado, começa a movimentar-se. É que as mulheres, usando de uma velha comparação, bem e cada vez mais se parecem com as borboletas: gostam de luz, de perfume e de alegria. E as nossas tardes estão cada vez mais formosas, as nossas noites cada vez mais lindas e estreladas.⁶²

Outra questão importante e debatida pelos cronistas era a arborização da cidade. Crônica de *O Monitor*, de 1910, criticou a forma de arborizar a cidade que naquele momento estava ocorrendo e que, segundo ele não seguia os preceitos estabelecidos, sobretudo, na França e na Inglaterra, modelos de civilização, onde a arborização urbana era feita por alinhamento e com a escolha de árvores da mesma espécie.

É por demais conhecida a utilidade das arborizações, principalmente nas cidades onde o progresso crescente e o desenvolvimento das edificações afastam pouco a pouco as vegetações naturais [...] Incontestavelmente, é agradável à impressão a vista de um alinhamento irrepreensível de árvores do mesmo talhe, e de um verde puro ou matizado de flores. Há muito tempo é quase universal o uso da arborização artificial, nas grandes cidades, e apesar da evolução que tudo sofre, ainda se tem conservado os princípios, há muito estabelecidos, para a arte de arborizar.⁶³

Na cidade, alimentava-se a polêmica em torno da escolha das árvores que deveriam ser plantadas. Para o cronista do jornal *O Monitor*, a escolha deveria privilegiar árvores frondosas que possibilitassem áreas de sombras para amenizar o calor. Alguns cuidados deveriam ser tomados, como o alinhamento das plantas e a escolha das árvores de acordo com os seus frutos.⁶⁴ O mesmo cronista alertava ainda a população sobre o benefício das árvores e sobre

⁶¹ PELO JARDIM. *Correio de Teresina*, Teresina, ano 1, n. 22, 7 jun. 1913, p. 2.

⁶² SEMANA Elegante. *O Nordeste*, Teresina, n. 24, 8 mai. 1920, p. 3.

⁶³ ARBORIZAÇÃO. *O Monitor*, Teresina, ano 5, n. 179, 10 mar. 1910, p. 4.

⁶⁴ ARBORIZAÇÃO, 1910, p. 4.

os males da destruição de árvores frutíferas, devido à ignorância aos preceitos científicos da época, apesar de não especificar quais seriam esses preceitos.⁶⁵

A destruição de árvores também poderia provocar problemas ambientais, dizia o cronista de *A Gazeta*. Lamentava que, mesmo com a existência de uma campanha para divulgar o combate a esse mal, o hábito ainda permanecia causando muitos estragos. O cronista alertava para a necessidade de punição para tais costumes:

Sobre o bem comum, ou seja, a destruição das árvores frutíferas por parte do povo, devido a sua ignorância no que concerne aos conhecimentos da Ciência que constata a utilização e preconiza a conservação desses grandes vegetais, há em tal devastação algo de crueldade, atestando a ausência completa de sentimento de piedade. [...] Foi feita uma campanha nos meios de comunicação do Estado para a preservação da natureza. As árvores que sombreavam os riachos, concorrendo assim para a conservação dos olhos d'água e fornecendo o alimento sofreram com o golpe do machado, isso contribuiu para o desaparecimento de muitos olhos d'água abundante e como consequência o desnudamento do solo, agravado com as secas, que nos tem flagelado. [...] Sugeriu-se ao conselho municipal da cidade que tomasse providências no sentido de criar fiscais encarregados na vigilância das árvores, e os infratores ficariam sujeitos a pena que fosse fixada por lei.⁶⁶

2.4 A constituição da civilidade: novos hábitos e costumes.

A modernidade em Teresina se caracterizou pela introdução de novos hábitos e novas sociabilidades. Nas primeiras décadas do século XX, a cidade de Teresina passou por modificações que afetaram todos os segmentos sociais. Queiroz⁶⁷ faz um relato das principais modificações que afetavam sensivelmente a toda sociedade teresinense no período, mostrando as modificações culturais e a complexidade da cidade, desde o impacto da chegada do teatro, cinema e do circo. Para ela essas transformações foram resultantes de modificações tecnológicas que produziam novas sociabilidades. A instalação da luz elétrica era um exemplo de como as inovações ajudariam nos hábitos de civilidade da população

Em breve teremos, pois, a delícia da mais bela e esplêndida luz, que o artifício humano conseguiu conquistar às energias solares armazenadas no

⁶⁵ SOCIAL – Urge providências. *Gazeta*, Teresina, ano 2, n. 12, 1 jan. 1905, p. 2.

⁶⁶ SOCIAL..., 1905, p. 2.

⁶⁷ Cf. QUEIROZ, 1998a. Ver: Especialmente o primeiro capítulo.

seio telúrico. [...]. Teresina vai competir com as capitais cultas em louçania e diversões noturnas sob o deslumbramento da luz elétrica.⁶⁸

O desejo de modernidade contagiava no início do século, e muitos desejavam ser modernos. Existia um esforço por parte da elite piauiense para se inserir nesse molde de novos comportamentos refinados e civilizados, para absorver as novidades que estavam revolucionando o mundo, e principalmente a encantando. Dentre as mudanças sociais e culturais que ocorriam na sociedade teresinense na transição do século XIX para o século XX, cita-se o teatro, cinema, o carnaval, a música, os passeios públicos. Os cafés, o uso dos espaços públicos, o cinema preencheram a vida da cidade de novos significados e atribuíram novos usos aos espaços locais. Essas inovações modernas criavam novas formas de sociabilidade e davam novos ritmos à capital.

Teresina aos poucos foi assumindo uma imagem ligada a um lugar civilizado e urbano marcado por rápidas transformações, tornando-se assim, um símbolo do avanço da modernidade, onde o mundo do lazer e, sobretudo, o das letras, constituíam-se nos dois grandes meios de civilizar a população de Teresina. Entre esses aspectos destacavam-se os espetáculos teatrais, as projeções cinematográficas, os bailes carnavalescos e os passeios públicos, as atividades de um grande número de clubes literários, além da circulação de revistas e jornais.

Ainda no século XIX, o teatro destacou-se como uma das formas de lazer responsáveis pelas transformações sociais e pela introdução de novos hábitos. Embora fossem caros os ingressos, o povo sempre demonstrou gostar de espetáculos. Segundo Higino Cunha, o teatro em Teresina, ainda no final do século XIX, estava ligado aos espetáculos que se davam em casas particulares, sendo o Santa Teresa e o Concórdia os primeiros teatros da cidade e que funcionaram até a década de 1890. O teatro era a diversão por excelência das famílias e era visto como veículo educativo.

Com o advento do cinema, essa nova forma de entretenimento se sobressaiu como uma das melhores diversões e uma das mais procuradas. Dessa forma, o cinematógrafo também conquistou rapidamente o gosto popular e tornou-se um dos veículos divulgadores do progresso e da mudança de costumes. Em um dos primeiros anúncios do cinematógrafo, lia-se:

Brevemente estreará nesta capital o grande cinematógrafo falante. É o aparelho cujas projeções são as mais firmes e o modelo único existente no

⁶⁸ LUZ e força. *O Monitor*, Teresina, ano 3, n. 70, 27 jan. 1908; ILUMINAÇÃO elétrica. *Diário do Piauí*, Teresina, ano 1, n. 147, 22 set. 1911 apud QUEIROZ, 1998a, p. 29.

Brasil. Sincronismo absoluto! Extraordinário sucesso! Vistas as mais admiráveis e desconhecidas nesta capital!⁶⁹

A música também se difundia, e propagandas sobre a comercialização de vitrolas eram comuns nos jornais da cidade. Os anúncios destacavam os preços acessíveis, as facilidades para a aquisição dos aparelhos e a variedade de discos nacionais e estrangeiros. Em Teresina, a música começa a se popularizar.⁷⁰

As exposições de artistas que passavam pela cidade também se constituíam num importante momento para as sociabilidades da época. A chegada dos circos agitava a cidade, que era muito carente de diversões. No ano de 1915, pelo menos três circos atuaram em Teresina: o circo Hermosa, o Belga e Sansony.⁷¹

Os bailes de carnaval, os saraus, os jogos de futebol, as exposições de cinema, os clubes, os cafés, os passeios públicos, as festas nas residências, os concursos de miss e as exposições teatrais evidenciavam novos hábitos e novos modos de comportamento na cidade, revelando uma Teresina em transformação. Para os cronistas, mesmo que as mudanças na cidade acontecessem de forma demorada, só o fato de as mulheres conseguirem acompanhar determinados modelos exteriores de moda, já demonstrava que elas possuíam bom gosto e inteligência no trajar.

Algumas diversões ganhavam o rótulo de modernas⁷², embora já fossem conhecidas e nem fossem assim tão modernas. Em Teresina a idéia de progresso estava materializada nessas inovações utilitárias que, embora não fossem consumidas por grande parte da população, não deixavam de indicar novos rumos e possibilidades da constituição de uma sociedade civilizada. Cada novidade trazia sentimentos de susto, espanto, admiração, e até mesmo medo.⁷³

Em *As diversões civilizadas em Teresina: 1880 a 1930*, a historiadora Teresinha Queiroz cita o teatro, o cinema e a música como elementos centrais para a introdução de novos hábitos e comportamentos ditos civilizados na sociedade teresinense do início do

⁶⁹ ANÚNCIO Empresa Fontenelle e Cia. *Gazeta*, Teresina, ano 4, n.154, 12 ago. 1908, p. 7.

⁷⁰ QUANDO nos vem comprar uma victor-vitrola? *Correio de Teresina*, Teresina, ano 1, n. 8, 31 mar. 1908, p. 3.

⁷¹ CIRCO Hermosa. *Correio de Teresina*, Teresina, ano 3, n. 128, 26 jul. 1915, p. 1; CIRCO Belga. *Correio de Teresina*, Teresina, ano 3, n. 143, 09 nov. 1915, p. 3; CIRCO Sansony. *Correio de Teresina*, Teresina, ano 3, n.145, 23 nov. 1915, p.1; CIRCO Sansony. *Correio de Teresina*, Teresina, ano 3, n.147, 07 dez. 1915, p.2

⁷² O termo moderno aplicado a esse contexto tem como referente às novas formas de entretenimento, que estavam associadas a um caráter inovador, e principalmente civilizador. Os cronistas objetivavam, sobretudo, através de sua escrita, alterar o comportamento das pessoas em várias dimensões, seja na forma de se vestir, brincar, conversar, ou até mesmo de como se comportar em espetáculos públicos.

⁷³ QUEIROZ, Teresinha. *As diversões civilizadas em Teresina. 1880- 1930*. Teresina: FUND-API, 2008.

século XX. Outras formas de diversão como os circos, os jantares sociais e familiares, os bailes, o carnaval, a frequência aos cafés e restaurantes, além da participação nas festas cívicas e os passeios pelo jardim público também se constituíam em importantes momentos de construção de novas sociabilidades.⁷⁴

No início do século passado, Teresina mostrava-se um lugar de muitas temporalidades. Conviviam as tradições que podemos caracterizar como conservadoras, as da maioria da população, com o desejo renovador e modernizador de uma minoria que lutava para civilizar a população e abolir certos hábitos provincianos. Para Antônio Melo:

[...] se o teatro, o cinema, e o circo são veículos modernizantes, como afirmou Queiroz, a preservação das praças e arborização ostensiva da cidade é reforçada pelo jornal *O Monitor*, de uma consciência moderna em oposição a um velho costume selvagem, daqueles que destruíam plantas e matavam aves.⁷⁵

O fascínio pelas novas descobertas e pela velocidade no tempo, de locomoção das pessoas, e pelo comportamento cortês e elegante nos salões e jardins públicos contribuíram decisivamente para a constituição da civilidade em Teresina. Contudo, as modificações da época causavam grandes preocupações e representavam um perigo para aquela sociedade ainda presa a muitas tradições. Com o cinematógrafo não foi diferente:

Com o cinematógrafo, esperava-se o propalado apocalipse da moral e da família. O horror a essa inovação, sintetizado por Elias Martins, interpreta certamente maneiras de pensar e de sentir que não eram isoladas. Como porta-voz dos segmentos mais conservadores da população, o autor expressava muito do assombro dessa sociedade quase rural ameaçada pela modernidade.⁷⁶

O cinema também modificou o comportamento das crianças que já não tinham prazer nas brincadeiras de costume: de boi, andar de carneiro e jogar pião. Com a mente cheia de imagens de filmes de ação, as crianças só queriam brincar “de heróis e bandidos, de ladrão e polícia e de seguir outros muitos roteiros de histórias vistas no cinema”. Elias Martins caracteriza o cinema como “o invento recente e maravilhoso parecia destinado a grandes

⁷⁴ QUEIROZ, 2008.

⁷⁵ FILHO, 2000, p.89.

⁷⁶ QUEIROZ, 2008, p. 40.

benefícios, mas como todos os produtos das artes e das ciências foi lançado (sic) à feira ignóbil das explorações torpes, dando origem a novos males [...]”.⁷⁷

Queiroz afirma que as primeiras décadas da instalação do cinema em Teresina foram contemporâneas de um surto na vida musical. “No século XIX, a música no Piauí ainda era muito ligada às bandas policiais, militares e estudantis; e os instrumentos mais comuns eram os de sopro.”⁷⁸ Entre o final do século XIX e início do século XX, a música esteve presente em quase todos os acontecimentos sociais: casamentos, aniversários, formaturas, retretas como as dos jardins da praça Rio Branco. Desde o século XIX cresceu o interesse da população pela dança, que passou a ser algo frequente nas décadas seguintes, entretanto, com as mudanças constantes e o surgimento de novos ritmos musicais valorizados pela moda, as danças antigas passaram a ser duramente criticadas pelos setores mais modernizantes da sociedade.

Outra forma de lazer foi o carnaval, que introduziu, em Teresina, algumas novidades: os confetes, a serpentina, o lança-perfume e os carros alegóricos. Além do carnaval de rua, blocos ou cordões, animado com violão, cavaquinho, pandeiro e reco-reco, havia também os bailes nos clubes. Os bailes carnavalescos também despertavam o interesse crescente da população, porém eram sempre acompanhados pelo olhar crítico de pessoas que não aceitavam as novas posturas e reprovavam a tudo e a todos.⁷⁹

A modernidade também trouxe novos comportamentos sociais. Um cronista defendeu o flerte como um despontar de novas relações sociais que enunciavam novos tempos, uma conquista da civilização, caracterizado como um novo tipo de relacionamento. O flerte era apresentado também como um namoro rápido e de certa forma, um modismo que se expandia por toda a sociedade, que ocorriam nos mais diferentes locais e situações, como em bailes, clubes, jardins, avenidas e até mesmo nas igrejas:

O flerte é uma conquista da civilização. É o namoro chique, é o amor distração, que não se confunde nunca com o pieguismo de outrora. Começa por um olhar, um sorriso, uma palavra... é uma troca de expressões delicadas e enganadoras, de frases e promessas fingidas, e tem a duração efêmera de poucas horas, a delícia rápida de um instante. É a moda dos salões, uma instituição nos clubes, nos jardins, nas avenidas, em qualquer parte, em fim, onde haja moças e rapazes. Mesmo nas igrejas o flerte aparece, sob forma velada, embora os bons e severos sacerdotes reclamem e o condenem. Onde, porém, mais se cultua o flerte, e ele mais se propaga é especialmente nos

⁷⁷ MARTINS, Elias. *Fitas*. Teresina: Tipografia do Jornal de Notícias, 1920. p. 15.

⁷⁸ QUEIROZ, 1998a, p. 43.

⁷⁹ Críticas sobre esse mau costume ver: BATISTA, 1985, p. 120.

bailes [...] É quando o encanto arrebatava, e os corações, felizes naquela alegria, só desejam o amor passageiro, o amor que dura pouco – amor... distração.⁸⁰

Existiam situações em que os envolvidos no flerte não entendiam a nova dinâmica das relações amorosas e deixavam-se levar pelas paixões. Para o cronista de pseudônimo Max Linder, o flerte era comum. Quem não entendia a nova relação, ou misturava as situações era visto como ingênuo e ridicularizado.

Eis porque Melle, agora sofre. Foi numa *soirée* dançante que Mr. pela primeira vez, lhe falou em amor. Ela, ingênua e boa, acreditou. Foi o seu erro. Talvez não conhecesse, ainda essa quadrinha, que define o flerte como uma gostosa brincadeira. Sendo um momento de festa. Com seria intenção e asneira de conseqüência funesta. Daí o resultado desastrado d'agora. Melle reconhece que errou. E Mr. o único culpado fez-se ao largo, sem compromissos. Mau! Não devia ter feito assim!...⁸¹

Na série Movimento Social, o mesmo cronista Max Linder discutiu acerca das diferenças entre o amor e a paixão. O amor, na visão do cronista, era uma conquista da civilização. O sentimento era visto pelo cronista como brando e sereno, e como elemento essencial para o desenvolvimento da sociedade, e que não levava a sacrifícios ou a loucuras. Linder criticou o ciúme como um elemento negativo e responsável pela dissolução da união entre pessoas.⁸²

Elias Martins analisava as novidades que chegavam à cidade como elementos que seriam responsáveis pela deterioração da família, da moral e dos bons costumes. Em *Fitas*, livro de 1920, Martins revelou que a influência do cinema sobre o comportamento das pessoas de diversas classes sociais contribuía para a degeneração da sociedade e destaca vários indícios de comportamentos reprováveis. Para ele, fechar os olhos para esses fatos, era ser cúmplice da degeneração social.

O jogo, o álcool e o fumo, aliados da sífilis, do impaludismo, da lepra e da ancilostomíase, todos eles agentes da tuberculose, a ceifadora por excelência, [...] colhendo milhares de desgraçados, rebolados uns na inação,

⁸⁰ MOVIMENTO Social. Filmes XIV. *O Piauí*, Teresina, ano 30, n. 283, 18 mai. 1919, p. 3.

⁸¹ MOVIMENTO..., 1919, p. 3.

⁸² MOVIMENTO Social. Filmes. XV. *O Piauí*, Teresina, ano 30, n. 284. 29 mai. 1919, p. 3.

pasto da preguiça, outros feitos parasitas, sugadores de funções públicas, e muitos, míseros vencidos, marcados já com o estigma da degenerescência.⁸³

Para Elias Martins a imprensa também colaborava para a corrupção da sociedade, uma vez que funcionava como veículo propagador dos vícios, entre eles o cinema, com grande visibilidade naquele momento. Martins destacou alguns aspectos essenciais para a rápida conquista do público pelo cinema, para sua popularização, e a forte influência sobre os costumes. A modificação dos comportamentos em Teresina, com raptos, escândalos, adultérios e mortes, passou a ser rotineiramente retratada pelos cronistas em jornais. Segundo ele, um dos fatores dessa mudança de comportamento eram os enredos fantasiosos das fitas, com seus personagens mágicos, geniais e encantadores que alimentavam a imaginação das pessoas: “E foi de corrida conquistando numerosa e entusiástica clientela, cada vez mais sujeita, na ansiedade de coisas novas, até que chegaram com os produtos da manufatura malsã, o cortejo dos escândalos, dos raptos, adultérios e mortes”.⁸⁴

Higino Cunha percorreu caminho contrário ao de Elias Martins. Ao invés de questionar certos comportamentos inadequados, discorreu sobre as várias práticas que seriam salutareas para a construção de uma sociedade civilizada. Essas práticas seriam essenciais para integração da sociedade teresinense ao mundo civilizado e contribuiriam para romper como o isolamento que caracterizava o modo de viver teresinense.

[...] para fugir ao tédio e fortificar-se na luta cotidiana a grande maioria dos seres humanos busca distrair-se naturalmente das agruras da vida pelos meios que a mesma natureza lhe depara.

Ali está nosso programa. Queremos incentivar o cultivo da vida familiar em Teresina, por meio de diversões honestas e inocentes, que respeitem o gosto pelas artes estéticas e apurem o espírito pelas coisas ideais. Ninguém pode negar que a vida familiar teresinense tem retrogradado para os tempos da clausura e do isolamento, sendo o sucedâneo do recolhimento conventual. O nosso salão é quase nulo, as nossas mulheres vão perdendo os dons essencialmente femininos da conversação e do riso, do andar elegante e da alegria de viver.⁸⁵

Cunha prescreve diversões familiares salutareas para a constituição da civilidade, que seguiriam os preceitos das ciências modernas. O tempo deveria ser dividido em três parcelas bem definidas, resguardando-se parte para o descanso, evitando o ócio e participando de

⁸³ MARTINS, 1920, p. 8.

⁸⁴ MARTINS, 1920, p. 16.

⁸⁵ CUNHA, Higino. Diversões familiares. *O Piauí*, Teresina, ano 30, n. 323, 16 out. 1919, p. 1.

diversões honestas e familiares. Práticas como a da ginástica eram vistas como vitais para o funcionamento do corpo e da mente. Afirma Higino Cunha:

As ciências concretas que têm por objeto o estudo do homem, especialmente a moral e a higiene dividem a vida humana (quando no vigor da idade e da saúde) em três partes nas 24 horas da rotação telúrica: 8 horas para o trabalho, 8 horas para o sono e 8 horas para as diversões. Eis aí um dos pontos principais das reivindicações operárias, o que deve ser também aplicado a todas as classes sociais, acabando com os privilégios da fidalguia ociosa exploradora, sobrevivência de outras eras. Se o trabalho perdeu o estigma da maldição edênica, passando a ser fator precípua da riqueza e da civilização, se o repouso do sono é uma necessidade fisiológica imprescindível, também o folguedo, o divertimento, o recreio são reclamados como condição necessária do equilíbrio nas funções vitais, do bem-estar e força muscular e mental. Somente os grandes gênios, pela sua raridade e singularidade, podem viver no isolamento e na solidão, [...].⁸⁶

Para Higino Cunha, determinadas práticas sociais eram construtivas, como a ginástica e o culto à natureza, já outras deveriam ser condenadas por que levariam à decadência da sociedade. No quadro de pragas que levariam à estagnação e ao fim da sociedade estavam a loucura, a peste e o fanatismo religioso. Cunha, ao defender os exercícios físicos como um aspecto importante para a manutenção da saúde o faz com base nos preceitos da ciência do período, e prescrevendo-os assim, como uma forma de comportamento aceitável na sociedade:

O segredo da energia do individuo e dos povos está na alegria de viver, na ginástica, no culto da natureza. Toda vez que os homens se desviam dessa senda salutar e normal, a sociedade entra em estagnação e decadência, para ser presa da loucura coletiva, da peste, da fome, e da conquista. O fanatismo religioso, e o desprezo dos gozos do mundo espalharam mais as suas vítimas do que toda e qualquer outra causa de flagelos e calamidades.⁸⁷

Entre as práticas honestas e familiares de viver em sociedade, Higino Cunha defendia alguns desportos como a equitação, natação e a ginástica como sendo práticas modernas que contribuiriam para o engrandecimento e construção de uma sociedade civilizada em Teresina

Além dos frutos diversos que podemos colher, outros surgirão do mesmo viridente pomar, como o cultivo dos exercícios físicos, como a equitação, a

⁸⁶ CUNHA, 1919, p. 1.

⁸⁷ CUNHA, 1919, p. 1.

natação, os passeios ao ar livre, a ginástica e tantos outros desportos preconizados pela pedagogia moderna e que vemos reproduzidos nos filmes norte-americanos. Só assim conseguiremos vencer a rotina, que vai estiolando o nosso povo e alcançar os elevados triunfos de um porvir melhor para nossa posteridade.⁸⁸

Na crônica Cinematógrafo, Higinio Cunha destacou a popularização do cinema como uma diversão moderna, citou os ataques constantes ao novo invento, feitos principalmente, por Elias Martins, em *Fitas*. Para Cunha, Elias Martins estigmatizou as *fitas* responsabilizando-as por todos os males da civilização contemporânea. Mesmo assim, Cunha vê o lado positivo nas críticas de Martins, apesar de afirmar ser o panfleto excessivo no diagnóstico e de ineficaz na terapêutica, ele merecia ser lido pela sinceridade dos conceitos e pela competência do autor. Cunha foi além, e considerou que os danos produzidos pelas fitas eram menores que os produzidos pelos automóveis e sua circulação por avenidas largas, em grande velocidade: “A verdade é que os danos físicos e morais, produzidos pela arte muda, são muito menores do que os males causados pelas avenidas deslumbrantes com seus automóveis em disparada louca”.⁸⁹

Cunha traçou elogios ao cinema, tratando-o como uma arte, entretanto, condenando-o pela exibição de cenas de nudez e pelos crimes sensacionais apresentados que poderiam influenciar as crianças e as pessoas de mente fraca. Destacou ainda que o cinema tornou-se um dos símbolos de modernidade responsável por guardar a memória do seu tempo para a posteridade.⁹⁰ Por outro lado, Cunha combatia certos costumes do mundo moderno como a frequência exagerada aos clubes, às tavolagens e aos prostíbulos, caracterizados como os maiores inimigos dos bons costumes, da religião e do lar.⁹¹

O avanço da modernidade causava espanto, admiração e um sentimento de incompletude. Com o desenvolvimento da ciência novos preceitos foram colocados na ordem do dia. A série *A ciência e o matrimônio* realçava a necessidade do acompanhamento médico antes do casamento, a fim de garantir uma raça com saúde e sem riscos de degeneração. O casamento passou a ser visto como solução para os problemas da degradação dos costumes e a família como a essência da sociedade, lugar da manutenção da pureza do espírito e refúgio contra os males que a afligiam. Elementos como o jogo, o fumo e o álcool e manifestação de

⁸⁸ CUNHA, 1919, p. 2.

⁸⁹ CUNHA, Higinio. O cinematógrafo. *O Piauí*, Teresina, ano 33, n. 502, 28 set. 1921, p. 3.

⁹⁰ CUNHA, 1921, p. 3.

⁹¹ CUNHA, 1919, p. 1.

várias doenças realçavam o estigma da degenerescência, e de uma cultura em decomposição.⁹²

Martins, ao tratar da família e de sua contribuição para a construção de uma sociedade civilizada, realçou a importância da mulher católica na organização social. A mulher teria papel central na manutenção dos ideais familiares, por ser portadora de vários atributos: era “paciente, delicada, meiga, conciliadora, sofredora em silêncio”.

Para Martins a mulher estaria suscetível à influência das fitas, pois, presa às tarefas do lar, deixava-se influenciar mais facilmente pela fantasia e pelos encantos do cinema. O próprio cinema funcionava como uma propaganda apelativa para a mudança de hábitos com seus cartazes cujas cenas de beijos e amantes predominavam, e influenciavam diretamente nos comportamentos da população de Teresina. Podia até mesmo causar problemas nas relações entre os casais, visto que as mulheres passariam a sonhar com os modelos de homens apresentados pelas fitas, como Rodolfo Valentino.

É a mulher quem mais padece dessa enfermidade. Exaltada imaginação, natural pendor para o fruto proibido, circunscrita à labuta doméstica, sem as decepções do meio exterior, campo em que se ferem as competições na conquista do pão, deixa-se embalar pelas regiões da fantasia, praticando a tarefa diurna com indiferença, sem a peculiar atenção e inata competência com que normalmente administra seu pequeno e venturoso reino⁹³.

No discurso de Higino Cunha, a mulher surgiu como um elemento poderoso e fundamental para a reorganização espiritual da sociedade. Segundo ele, a mulher, não sendo perturbada por fatores estranhos e educada adequadamente e com limites próprios, seria uma força civilizadora da sociedade, principalmente, desempenhando seu papel sagrado de sacerdotisa do lar.

Marchando celeremente para o ideal da emancipação feminista, o homem não a excluirá do lar, que é seu templo divino. Ah! O seu mister sagrado de sacerdotisa tem um altar de paz e amor, em beneficência e educação. Nos rituais da ética e da estética lhe compete o primeiro lugar. Por isso e para isso o seu espírito e o seu coração devem receber cultura adequada, cada qual nos limites dos próprios recursos.⁹⁴

⁹² A CIÊNCIA e o matrimônio. *Diário do Piauí*, Teresina, ano 4, n. 187, 18 ago. 1914, p. 3.

⁹³ Na visão de Elias Martins as mulheres estariam mais suscetíveis a degeneração e a corrupção dos costumes. MARTINS, 1920, p. 17.

⁹⁴ CUNHA, 1919, p. 2.

Na visão de Higino Cunha, o salão aparecia como um forte elemento civilizador, sendo que esse fator se devia à ação da mulher que era vista como integradora da sociedade. Segundo o mesmo, as mulheres foram as grandes vitoriosas do pós Primeira Guerra Mundial, devido às conquistas realizadas e pela liberdade de que ela passou a gozar a partir desse momento. Para ele o início do século XX foi um período de transição perigoso, marcado por muitas transformações, em que o feminismo evidenciou-se como embate entre dois modelos: o tradicional, de submissão total da mulher versus o modelo demasiadamente liberal. Assim, defendeu diversões honestas e inocentes para o cultivo de uma vida familiar adequada.

Posteriormente, na crônica *A educação feminina e o regime conjugal*, Cunha deu continuidade às discussões acerca do papel da mulher na sociedade. Defendeu que a posição da mulher era na vida privada, voltada para as tarefas do lar. Como dona de sua casa, deveria os resolver problemas estéticos e pedagógicos que eram de sua competência. Ao afirmar isso, ao autor apontou que o único caminho para as mulheres seria o regime conjugal e que fora desse regime tudo se tornaria anormal e lamentável. Ressaltou que seria necessário suplantar a tirania masculina e transformá-la em uma suave tutela imposta pela própria natureza.⁹⁵

Higino Cunha, ao contrário de Elias Martins, ao invés de concentrar suas críticas nos maus costumes da população, centrou suas ideias na prescrição de comportamentos civilizados. No texto *A educação feminina e o regime conjugal*, Cunha defendeu o casamento como um das formas adequadas para a inserção da mulher na sociedade, resguardando sua dignidade. Sobre o regime conjugal, ele revelou uma tensão com relação aos valores que estavam se modificando na sociedade, logo a educação feminina e o regime conjugal estavam interligados. Considerou, também, errada a instrução da mulher branca naquele período:

Nos grandes centros civilizados, onde os gozos mundanos se multiplicam indefinidamente, produzindo mil necessidades, as mulheres, mesmo honestas, casadas ou solteiras, precisam competir com as outras no luxo e nas boas relações, frequentando salões dourados, os teatros, os concertos, as festas públicas, as recepções, os convescotes, etc. Tudo isso se faz com muito dispêndio de dinheiro e tempo e com prejuízo da administração doméstica.⁹⁶

Na visão de Cunha o papel dos pais na educação feminina era central, na medida em que, um dos problemas apontados era que mulheres ficam afastadas da vida prática e nada

⁹⁵ CUNHA, Higino. *A educação feminina e o regime conjugal*. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, [s.n.], p. 37-52, maio 1924.

⁹⁶ CUNHA, 1924, p. 37-52.

sabiam sobre o regime conjugal, provocando a infelicidade no casamento. Outro aspecto que contribuiria para uma educação ruim seriam os costumes modernos que iriam pouco a pouco indispondo a mulher contra seus deveres domésticos. Cunha afirmou ainda que mulheres honestas, poderiam se tornar presas fáceis para sedutores, já que a falta de uma educação familiar direcionada para elas poderia contribuir para a corrupção dos costumes, para prostituição, e conseqüentemente, para a degeneração social.

A crônica do *Correio de Teresina* intitulada Meu caro João da Roça, responde a outra crônica publicada no mesmo periódico, no mês anterior, que afirmava que Teresina era uma cidade “estupidamente burguesa” com uma vida social insípida e rudimentar e que a causa principal para isso era a mulher teresinense estar presa aos *filhos, à casa, às galinhas*. João da Roça considerou que a culpa pela cidade não contar com recepções, bailes, carros, concertos musicais, chás de família, palestras literárias e tudo mais que se constituía no *pão espiritual da gente chic* era das mulheres. Rosário, pseudônimo do escritor da crônica Meu caro João da Roça respondeu que a mulher teresinense não tinha culpa por tal situação, e sim que a própria educação feminina corrente era voltada para as atividades do lar:

Pois numa cidade, como a nossa, onde a educação da mulher se resume, e mal, na aprendizagem da labuta doméstica, onde a ilustração do seu espírito é descuidada de uma maneira deplorável, onde as artes não lhe oferecem meios para o aperfeiçoamento dos dons naturais, como poderão elas ornamentar de outro modo a simplicidade em que vivem, senão distribuindo o coração entre a casa, os filhos e as galinhas?⁹⁷

Segundo Rosário, a situação das mulheres era pior devido à falta de companheirismo dos homens, que não gostavam de demonstrar o apego ao lar, por que poderiam ser taxados de manicacas,⁹⁸ e estavam mais inclinados para a liberdade da vida pública, para o consumo do álcool e para o vício do jogo.

Mas serão elas as culpadas?

Absolutamente não, meu caro amigo. Bem sabes, que em Teresina, cada um de nós procura esconder do outro, o apego ao lar. Cada qual quer parecer mais livre, mais senhor, mais homem.

Adorar a família, repartir com a mulher os direitos de fidelidade e do carinho, é ser manicaca, e ser manicaca é expor-se aos alfinetes do ridículo. [...]

⁹⁷ ROSÁRIO. Meu caro João da Roça. *Correio de Teresina*, Teresina, ano 3, n. 130, 9 ago. 1915, p. 1.

⁹⁸ Manicaca expressão referente a marido ou homem dominado pela mulher, submisso e sem vontade própria. Ver: NEVES, Abdias. *Um manicaca*. 3. ed. Teresina: Corisco, 2000.

Se ali deixa a mulher teresinense, todas as esperanças, culpados somos nós. Nós que trocamos o seio da família pelo hotel, o jogo, a cerveja, o cognac, etc.

Como queres que as nossas patricias nos proporcionem, em casa alegria, vida, divertimentos se nós lhe levamos da rua a impressão do vício, entre baforadas de álcool e ensinamentos colhidos nas bancas de jogo?[...].⁹⁹

Em Teresina, apesar das reformas urbanas e do projeto modernizador, além da prescrição contínua de hábitos modernos e civilizados pelos cronistas e o combate aos maus costumes, percebemos que a cidade moderna dos discursos está distante da cidade real das práticas, existe um sonho de civilidade e modernidade, mas também existe uma distância muito grande entre a realidade e o desejo para a efetivação da civilidade em Teresina.

⁹⁹ ROSÁRIO, 1915, p.1.

3 A CIVILIDADE E O COMBATE AOS MAUS COSTUMES

O capítulo pesquisa de que maneira as crônicas produzidas na cidade de Teresina durante o início do século XX incorporavam intenções reguladoras de comportamentos, e até que ponto as escritas dos cronistas e literatos pretendem formalizar uma sociedade baseada em novos hábitos, europeus e ditos civilizados. Assim, o objetivo foi investigar esses discursos e verificar se existia uma intenção para a conformação de novo modo de existir, de ser saudável, educado e civilizado.

Alguns cronistas observavam a cidade, descrevendo os acontecimentos de forma crítica, mas, sobretudo, almejando a construção de uma cidade ideal, uma cidade moderna, uma cidade que materializasse as novidades produzidas pelos homens. A sedução provocada pelas novas invenções vai aos poucos ganhando dimensões e um público consumidor, que ao mesmo tempo absorveu novos hábitos e produziu novas formas de viver. A civilidade passou a ser o ideal desejado por parte da elite teresinense.

O conceito de civilização,¹ segundo Norbert Elias, foi uma conquista da sociedade Ocidental e essencial para a transformação do comportamento humano. Para Elias nada há que não possa ser feito de forma civilizada ou incivilizada, o ser civilizado expressa, sobretudo, a consciência que o homem ocidental tem de si mesmo. Para o autor, o momento fundamental do processo civilizador se deu quando certos comportamentos na sociedade foram se cristalizando e sendo aceitos como civilizados, e outros passaram a ser questionados e descartados por serem incivilizados.²

Em Teresina, nas primeiras décadas do século XX, as ideias de civilidade estavam articuladas às transformações da cidade, e ao fato de que as condições de vida da população estavam se modificando e se tornando mais complexas. De certa forma, evidenciavam ruptura e tensão existentes entre o mundo rural e o urbano, a partir de novas práticas de sociabilidades que surgiam na cidade, criadas, principalmente, pela inserção de novas tecnologias, pela cultura escrita e pela resistência quanto à modificação dos costumes.

No projeto elaborado por cronistas e literatos para a mudança nos costumes da população em geral, existia um interesse pela integração do homem com a cidade e com os

¹ Norbert Elias ao estudar as transformações da sociedade ocidental a partir da França e Inglaterra, trabalha sob a perspectiva de que os comportamentos e a afetividade foram se modificando lentamente nos últimos séculos. Através de uma série de exemplos, Elias demonstra que o padrão de comportamento humano foi se modificando gradualmente, e que essas mudanças geraram novas implicações para criação de novos padrões de civilidade e delicadeza. ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v.1, p. 13.

² ELIAS, 1994, p. 64.

novos hábitos de vida, assim alguns discursos produzidos evidenciavam um combate aos maus costumes de parte da população de Teresina, objetivando assim a construção de uma cidade limpa, higiênica e civilizada.

Cronistas como Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e Elias Martins, que atuavam durante os primeiros anos do século XX, e suas séries ou publicações específicas³ criticavam acidentemente o que Certeau chama de contra-usos da cidade, ou seja, o que eles consideravam os maus hábitos da população. Os contra-usos da cidade estão relacionados à forma como a população de Teresina burlava o código de posturas, não se comportava de acordo com a moral e os bons costumes aceitos e tinham práticas e condutas que eram consideradas como maus-costumes de toda a ordem.⁴

Alguns textos produzidos pelos cronistas tinham um interesse claro de modificar os comportamentos - prescreviam que comportamentos eram aceitos e tidos como modernos, e quais eram não civilizados, e caracterizados como símbolo do atraso, do tradicional e da velha ordem que estava sendo superada. Segundo Chalhoub os interesses dos historiadores divergem dos interesses dos cronistas:⁵

Ao contrário do historiador, supostamente superior e desinteressado, ao cronista caberia interagir com as coisas de seu mundo, meter-se onde não era chamado para transformar o que via e vivia. Flagrado em meio ao debate, não analisava a realidade de forma exterior, mas dialogava com outros sujeitos, participava das discussões, metia-se em todas as questões do seu tempo.⁶

Os cronistas evidenciavam o cotidiano da cidade e a ação do homem ordinário⁷, este homem capaz de subverter uma ordem pré-estabelecida. Teresina é pensada como lugar, como uma cidade que, em certa medida, resulta de práticas caminhanças. É uma cidade marcada pelo lugar fluxo, pelo pulso, tem sua dinâmica própria, e é constituída,

³ Clodoaldo Freitas – *Aos domingos e Às quintas e domingos*; Higinio Cunha – *Proteção aos animais* e Elias Martins – *Fitas*.

⁴ O termo contra-usos da cidade, refere-se a forma como a população se apropria da cidade que lhe é oferecida, ou seja, de como se dá o consumo dos espaços na cidade pela população no cotidiano. Ver: CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. v. 1.

⁵ CHALHOUB, Sidney. *História em cousas miúdas*: capítulos de história social do Brasil. São Paulo: Editora da Unicamp, 2005.

⁶ CHALHOUB, 2005, p. 15.

⁷ Sobre o conceito de homem ordinário ver: CERTEAU, 1994.

principalmente, pelos percursos dos espaços construídos pelo movimento e circulação da população.⁸

Segundo Certeau, a construção da cidade não é compreendida apenas a partir de dispositivos externos, mas também por meio de práticas diferenciadas pela apropriação da população. De acordo com os conceitos de táticas e estratégias estabelecidos por Certeau, o que importa são as apropriações que os indivíduos fazem em relação aos produtos que lhes são oferecidos. Tanto as táticas, quanto as estratégias visam a uma determinada disposição espacial; contudo, graças a relações de poderes particulares, conseguem um aparente equilíbrio das referências que organizam.⁹

Para subsidiar a análise sobre a cidade em movimento utilizei as diferenciações que Certeau fez entre mapas e percursos. Os primeiros seguem um modelo pré-estabelecido e é através deles que temos um conhecimento prévio do lugar; já os percursos estão ligados e dependem do fluxo das pessoas que se movimentando pelo espaço realizam a apropriação deste, numa ação espacial através de práticas. Percebemos a cidade como um espaço praticado que muitas vezes vai além das normas e dos mapas elaborados. O espaço praticado, desse modo, é resultante das práticas caminhantes.¹⁰

Segundo Certeau, essa habilidade do homem comum, que através da inteligência e de suas ações astuciosas, recria o seu cotidiano e burla regulamentos pré-estabelecidos chama-se de práticas. Em Teresina do início do século XX, os homens comuns reinventam o seu cotidiano através de práticas não permitidas, escapando assim aos códigos estabelecidos.¹¹

3.1 Os cronistas e o combate aos maus costumes

As crônicas esquadriavam a cidade, a vida cotidiana, estavam sintonizadas com o dia-a-dia, com as “artes de fazer” da população. Os cronistas eram escritores, e ao mesmo tempo expectadores privilegiados da cidade e de suas transformações, por que eles estavam captando e vivenciando práticas dos homens comuns, os aspectos do cotidiano, a movimentação da cidade, suas tramas, o efêmero, o cômico e o trágico. Ao mesmo tempo as crônicas construía imagens sobre a cidade que traduzem uma determinada época. Segundo Queiroz:

⁸ CHAULOUB, 2005, p. 15.

⁹ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. v. 1.

¹⁰ CERTEAU, 1994.

¹¹ CERTEAU, 1994, p. 172-175.

A crônica é talvez o gênero menos conhecido, porém o mais interessante e instigante do período, não só do ponto de vista literário como informativo. São cronistas de sucesso Jônatas Batista, Raimundo Mendes Burlamarqui (Caio Lima), Lucídio Freitas e Simplício Mendes. A crônica é sobretudo ligada aos costumes. Quase todos escrevem sob pseudônimo. Talvez fosse, na época, a série mais lida dos jornais, depois das polêmicas políticas.¹²

Assim, os cronistas procuravam capturar em sua escrita o movimento das pessoas, as novas relações sociais se constituindo, os modismos, a velocidade das transformações, as concentrações de populares, o sentimento das pessoas, enfim tudo que pudesse caracterizar a cidade como um lugar privilegiado das transformações sociais e principalmente, um lugar civilizado.

Cronistas, médicos, literatos, intelectuais e urbanistas, através de suas escritas, vão empreender luta pela assimilação de novos hábitos civilizados pela população de Teresina. Para isso, seus discursos possuíam caráter claramente prescritivo e normativo. Constantemente nos jornais da capital ou mesmo em conferências pela cidade, os cronistas comentavam de forma detalhada as ações das pessoas, os fatos ínfimos, e mesmo as tragédias eram temas para suas escritas.

Caio Lima criticava a atitude do público nas conferências, para ele o público já trazia de casa sua crítica mordaz e mal esperava o fim da conferência para o momento das palmas. Um público que assistia às palestras esperando o fim, dando graças às últimas palavras do conferencista.

O conferencista é um condenado. Sobe à tribuna diante de um público que já trouxe de casa (sic) a crítica mordaz, uma conferência melhor, mas cheia de verdades sonoras, talvez, e toca a dar o seu recado com aquela modéstia que é bem o medo da língua do auditório. Mal termina, estrogem as palmas.

É a consagração ou um modo ruidoso do público dar graças às últimas palavras. Um, dois, dez apertões de mãos, abraços. Está morto, ninguém, quase ninguém, guarda uma única frase na memória, por melhor burilada. No dia seguinte os jornais noticiam que o senhor F. de T. disse bem, que o auditório seletivo e numeroso prorrompeu em frenéticos aplausos, que... fica para a próxima edição...etc. É o enterro, a vala comum. Só muita coragem fá-lo ressuscitar.

Vem outro, a mesma sorte. Terceiro, quarto, passa-se a temporada e, como as árvores, perdem os literatos a veia.

Jurei comigo mesmo não servir mais para conferências. De uma feita empurraram-me, pregado a uma mesa e a um copo d'água, para agitar uma idéia. Disse muita coisa ou nada. Entusiasmei-me, chamei aos céus verbos inflamados, adjetivos fulminantes. Gestos em profusão, disse bem, o auditório numeroso (era grátis a entrada) à voz de ponto final fez-me uma

¹² QUEIROZ, Teresinha. *História, literatura, sociabilidades*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998b. p. 108.

ovação estrondosa (modéstia). Quis reunir naquele instante a mocidade, formar uma falange gloriosa das que havia pintado e levar o Brasil avante, por entre os povos bestificados. Ilusão. Estava só, *solamient* com meu patriotismo vermelho. No dia seguinte ninguém lembrava-se, ao passar macambúzio, que eu era o homem da véspera, o conferencista. Passara novamente à categoria de burguês de paletó saco e calças remendadas. Os jornais fizeram-me o enterro de gente pobre. Nunca mais ressuscitarei.¹³

O lazer era uma das formas práticas de as pessoas aprenderem novas maneiras e formas de se comportar na sociedade. Através de seus textos, cronistas e literatos visualizavam a constituição de novas sociabilidades na cidade, como a frequência e a participação das pessoas nas exposições do cinema, nas apresentações teatrais, e a circulação nos passeios públicos. Essas novas expressões de comportamento passaram a ser vistas por muitos cronistas como espaços para um comportamento civilizado, aceitável e que deveria se tornar referência na sociedade. Entretanto, hábitos como aplaudir fora de hora, falar alto, cuspir no chão e falar da vida alheia ainda persistiam:

Em Teresina, novas formas de civilidade a muito custo vinham sendo introduzidas. Crianças e adultos estavam sempre, pelo menos na avaliação dos redatores dos jornais, precisando de corretivos e de ajustes de maneiras. Precisavam aprender a manter as distâncias sociais, a frequentar os eventos públicos e privados, a bater palmas – aplaudir é também saber, uma arte –, a receber, a se comportar na mesa, a não avançar nos banquetes, a não roubar objetos pessoais nas toaletes alheias e vários outros hábitos da boa convivência social. A interferência sobre os costumes estava expressa na fala dos redatores, que apontavam para as novas normas de civilidade e esse aprendizado se realizava, em boa medida, por meio do lazer.¹⁴

Ao retratar a cidade e suas histórias, Jônatas Batista também criticou duramente os maus costumes dos teresinenses, principalmente a falta de educação e o hábito de falar da vida alheia que, segundo o cronista, afastava a população da participação dos eventos na cidade:

Teresina, entretanto, está se tornando uma cidade sem alma, sem vida, sem alegria. Uma verdadeira cidade morta. E por que isso? Por que atravessamos uma fase de transformações lentas, demoradas, em que se dá a luta terrível do progresso contra o costume rotineiro de um povo, e que se fala de tudo, tudo se reprova, tudo se comenta, pelo simples prazer de falar, de reprovar, de comentar. Diante disso, as famílias fogem, e com muita razão, dos teatros, dos bailes, das festas etc.

¹³ LIMA, Caio. De relance. *Correio de Teresina*, Teresina, ano 1, n. 43, 1º dez. 1913. p. 1.

¹⁴ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. Teresina/João Pessoa: EDUFPI/EDUFPA, 1998a. p. 33.

O vício de falar da vida alheia está se tornando, entre nós, um verdadeiro perigo, porque está trazendo a desconfiança e o receio fundado e justo ao coração da família teresinense. É preciso que se combata esse costume, e deixe que cada um responda pelos seus atos, bons ou maus, procurando corrigir os vícios próprios, antes de querer corrigir os alheios.¹⁵

Penna Botto¹⁶ ao caracterizar o sereno dos bailes afirma que existia em Parnaíba, um mau costume comum que envolvia pobres e ricos, e era um hábito inveterado, e até aceito e com foros de instituição, o de as pessoas ficarem em frente às janelas e portas das casas onde se realizam as festas para falar da vida alheia. Botto critica veementemente esse hábito da sociedade piauiense da época, para ele ninguém escapava do falatório geral e o sereno dos bailes era o momento ideal para tal prática.

Há, contudo, um pequeno instrumento, contundente e cortante, que é de absoluta necessidade para quem vai a qualquer sereno; sem ele ninguém está equipado para a função...

É a tesoura!!

Sim, uma tesoura afiada, para cortar na pele alheia.

O sereno é uma excelente escola de corte.

O serenista treinado diz com exatidão, finda a festa, quantas vezes fulano de tal dançou com fulana de tal e quais foram as moças que fizeram crochet – isto é, que não dançaram e ficaram assentadas todo o tempo; diz mais qual a vestimenta e o penteado de cada qual, se a senhorita tal dançou agarrada ou não, se os velhos namoros continuaram [conhecidos e catalogados por todo o serenista que se preza[...], se houve namoros incipientes, etc.¹⁷

Outro mau hábito da população teresinense era o das visitas sem anúncio prévio. Caio Lima critica o costume das visitas que se davam sem um aviso prévio, para ele era falta de civilidade e extrema falta de educação visitar sem se anunciar previamente. Outro ponto citado como crucial era a falta de maiores cuidados ao se receber visitas, e que nem mesmo a utilização de roupas mais elegantes ou uso de formalidades se preservava nas visitas. Segundo o cronista, essas mudanças estavam ocorrendo em virtude do progresso e das transformações sociais avassaladoras,

¹⁵ BATISTA, Jônatas. *Poesia e prosa*. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985. p. 120.

¹⁶ Carlos Penna Botto foi um homem de carreira na Marinha brasileira, em 1922. Botto foi nomeado para a capitania dos portos do Piauí e ficou cerca de 10 meses. Também obteve inserção política, sendo um dos fundadores da Cruzada Brasileira Anticomunista em 1952, e participando ativamente do processo de sucessão presidencial em 1955, com a deposição de Carlos Luz no episódio do Cruzador Tamandaré. Em 1961, lançou o livro *A desastrada política exterior do Presidente Jânio Quadros*.

¹⁷ BOTTO, Carlos Penna. *Meu exílio no Piauí*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1931. p. 136.

Contavam os nossos antepassados um sem número de costumes tradicionais, de usanças arraigadas, do mais rigoroso protocolo em vigor. Não vai longe o hábito de uma pessoa que desejasse visitar um amigo, mandar um criado grave solicitar a clássica licença. E, uns e outros, cercavam-se de um aparato, de um exigente cerimonial que fazia vir a campo as vestes de gala, enfarpelando desde o amo ao criado que serviria o chá. Era uma solenidade. Mas hoje os amigos entram e saem na nossa casa como na casa da sogra, que vale dizer, como se estivesse nos seus domínios. Ninguém quer perder tempo. Visita-se de supetão, sem cálculo. E o que é mais, dispensava-se a rede e o palanquim, os veículos queridos dos avozinhos. Foi uma tradição que voou atada à saia balão.¹⁸

Lucídio Freitas, em 1912, critica a forma como os teresinenses recebiam as pessoas que chegavam de fora e convoca Nogueira Tapety a uma cruzada contra certos maus costumes da população de Teresina. Freitas crítica a forma como os visitantes eram recepcionados calorosamente na cidade, nos salões, nas casas, nas festas, sem que as pessoas soubessem suas origens ou mesmo suas condições sociais. Expressa indignação para com este fato, na medida em que ele não obtivera em Recife a mesma acolhida. Na coluna Gisando, Freitas conclama para uma cruzada contra esse mau costume no receber visitantes:

Meu caro Nogueira Tapety
 Teresina é, de fato, uma cidade feliz.
 Avalias tu que aquele descorado sujeito que foi nosso vizinho em Pernambuco, aquele desgraçado e feliz espoleta que todos os dias nos cumprimentava, a nós da república Rui Barbosa, com um riso empuxado à flor dos lábios descarnados, como temendo os nossos assobios, está aqui, de passagem, como representante de uma casa comercial, sendo, tristemente asseguro-te, figura imprescindível em muitos de nossos salões.
 Teresina é uma cidade paraíso.
 Um indivíduo que por ali passa completamente incógnito, desconhecido por não ter família e posição social, desclassificado por este mundo de meu Deus [...] chegando aqui é adorado nesciamente pela parvoíce ignara de nosso povo ignaro. Um desconhecido aqui, venha de onde vier, vai, logo crismado bestialmente mestre sala, vai logo aturdido dos nossos aplausos.
 A que família ele pertence? Quem é ele? Não precisamos saber. É de fora. É o quanto basta. Calça sapatos brancos, frisa exageradamente o bigode, diz pilhérias insulsas e bebe cerveja.¹⁹

Para o cronista, Teresina era uma cidade feliz e um verdadeiro paraíso para os forasteiros, já que a hospitalidade dos teresinenses ao recepcionar de braços abertos os que aqui chegavam de fora era exagerada e pernicioso. Lucídio faz uso de ironias e afirma que o

¹⁸ LIMA, Caio. De relance. *Correio de Teresina*, Teresina, ano 1, n. 35, 6 out. 1913, p. 2.

¹⁹ FREITAS, Lucídio. Gisando. *Diário do Piauí*, Teresina, ano 2, n. 247, 10 nov. 1912, p. 2.

povo dessa capital não é educado e muito menos civilizado, mas um povo bárbaro que não se preza e valoriza:

Eu fico revoltado, meu amigo, com os nossos costumes. A nossa hospitalidade, a nossa delicadeza para com os que chegam é infinitamente má, exagerada, pernicioso. Nós não somos um povo hospitaleiro, um povo democrata, um povo bom, simples, e sim um povo bárbaro, selvagem, imbecil, povo que não se preza, que não se valoriza.²⁰

Fatos do cotidiano, na fala dos cronistas, ganhavam uma grande dimensão, e às vezes revelavam um lado cômico. Nada passava despercebido aos cronistas, como o hábito comum à época de pedir roupas emprestadas. Poucas mulheres tinham o privilégio de se apresentar em público com uma “roupa de efeito” e paga. O cronista mostrou que o hábito de pedir roupas emprestadas e não devolver era comum entre as mulheres e revelou sua indignação, por que, segundo ele, na cidade já existiam lojas especializadas em vestuários, tanto para homens, quanto para mulheres. Também circulavam jornais de moda onde as mulheres poderiam ver as roupas e copiar novos modelos sem a necessidade de pedir emprestado o vestido de outras pessoas.

Pede-se emprestado um vestido bonito como quem pede uma colher de pau, um ralo, ou uma arupemba. Aparece o vestido num dia e ainda bem não o tem despido, já à porta lhe bate o emissário – eu vim aqui que a fulana mandou dizer como estão todos e mandou lembranças: ela mandou dizer para a senhora não se aborrecer e emprestar aquele vestido (blusa, saia, o que for enfim) que a Sr^a foi à festa do seu cicrano.[...]

E lá se vai a toailete de porta a fora numa bandeja, quando não vai em braço sujo do portador, enquanto o coração da proprietária impa de dor e de raiva pela sem cerimônia ou inconsciência de d. Fulana, que à sua custa quer ter uma bonita toailete, e com quem, muitas vezes, não tem relações que são lá muito católicas. Mas o pior de tudo é a certeza de que o vestuário não voltará tão cedo e que, em vez de lhe servir de ornamento vai servir de modelos aos outros.

Teresina, entretanto, já não está para esses hábitos de aldeia. Aqui se encontram facilmente jornais de modas [...] ²¹

Abdias Neves, em *Um manicaca*, romance publicado em 1909, colaborou para a compreensão desse mau costume feminino de pedir roupas emprestadas, não devolver, copiar os modelos, e a mesma roupa passar por sucessivas reformas:

²⁰ FREITAS, 1912, p. 2.

²¹ UM MAU costume. *Correio de Teresina*, Teresina, ano 4, n. 186, 10 set. 1916, p. 1.

[...] Rosinha chamou D. Júlia e perguntou-lhe se tinha visto a mulher do Chaves.

- Vi.

- Prestou atenção ao vestido?

- D. Júlia teve um gesto de soberbo desprezo que lhe torceu a boca. Sacudiu a cabeça e disse que não podia deixar de fazer um reparo.

Não por falar mal, que não tinha esse costume. Que fazer? Não era cega.

- Bonito? Perguntou Mundoca, sorrindo, quase certa da resposta. É novo?

- Que novo, que bonito! Um vestido que já foi reformado três vezes! E entrou em explicações, descrevendo-o citando-lhe os enfeites: - Aquele de flanela, listrado, com o bofe de surá da mesma cor. Tu conheces: é o bate e enxuga de toda parte.

Rosinha concordou.

- Não tem outro; já foi com ele a três casamentos e, agora, completa os quatro.

- Ora quatro! Completará vinte![...] ²²

Neves criticou também os hábitos, que considerava intoleráveis, de as moças experimentarem a cama do casal e fazerem observações impertinentes e zombaria antes do casamento. Depois de casadas, as mulheres contavam às outras o que acontecia na lua-de-mel. Neves afirmava que aqueles costumes eram ridículos e escandalosos.

Desde 11 horas apareciam visitantes, apesar do sol que escaldava a rua. Entravam sem cerimônia, por toda a parte, vendo tudo, pegando em tudo, dando a procedência de alguns objetos, discutindo o preço de outros, fazendo alusões, abusando da ausência do noivo para não deixarem coisa alguma sem exame rigoroso. A todo o momento estalavam risos pela casa, sonoramente, acentuando pilhérias mais ou menos picantes. [...] Todo mundo, senhoras e moças especialmente, ali entrava e saía, muito naturalmente, sem pensar na impertinência da visita, desculpadas pela opinião que sancionava esse costume. ²³

Em vários outros trechos de *Um manicaca*, Neves descreveu esses costumes de uma sociedade ainda rural, comportamentos que deveriam ser reprimidos e modificados. Apontou o modo como as pessoas adentravam a casa e observavam os móveis, dando opinião sobre o lugar, se estava arrumado ou não. É nesse momento que os valores burgueses estão em franca expansão, a privacidade do casal, e a própria identidade do casal que se constrói a partir da intimidade e das coisas que são apenas do casal, e que ninguém tinha o direito de conhecer ou

²² NEVES, Abdias. *Um manicaca*. 3. ed. Teresina: Corisco, 2000. p. 123.

²³ NEVES, 2000, p. 109.

saber. Assim a privacidade começa a se constituir como um dos valores da modernidade, e principalmente, como um valor burguês.²⁴

Em uma sociedade onde os novos espaços passam a ser ressignificados, e onde novas sociabilidades são construídas, certas práticas na cidade revelam tensão que resulta da imposição de novas regras e de novos comportamentos urbanos que estavam se sobrepondo aos chamados maus costumes. Exigiam-se assim novas posturas e a vigência de sociabilidades modernas. A frequência aos jardins, os passeios, o cinema, as peças teatrais, os cafés, e os restaurantes representavam esse moderno. Assim, uma das expressões da civilidade era a definição e separação dos espaços, e a maneira como eles deveriam ser frequentados.

Críticas acerca da educação das crianças também eram comuns e geravam muitos debates, principalmente, por que incidiam sobre o papel da família na educação dos filhos. Criticavam-se os pais que deixavam seus filhos perambulando pelas ruas da cidade de pés descalços, sem camisas, atirando pedras em árvores, e percorrendo as ruas em loucas correrias, importunando os passantes.

Clodoaldo Freitas acreditava que os males de Teresina estavam localizados nos defeitos do meio, advindos de uma sociedade provinciana onde os pais agiam com condescendência com os seus filhos e não os puniam adequadamente.

Salvando honrosas exceções, é assim que se preparam os homens entre nós. Quando crianças aturam, deixam-os quebrar as nossas vidraças, as nossas plantas, maltratar os animais, rapazes já, nos buscapés e jogam o cacete nos sambas dos caboclos.

Sou um dos convencidos de que o nosso meio é um dos mais prejudiciais à mocidade, pelo seu atraso, pela ignorância, pela facilidade e tolerância.

Teresina é uma cidade pequena, sem um só dos confortos e vantagens das grandes capitais, mas onde imperam todos os vícios e prejuízos.

Em um meio assim, em que é difícil os homens se encaminharem, como deixarmos entregues a si mesmos aqueles que não tem juízo?²⁵

Nos jornais também apareciam críticas às de mulheres que não respeitavam o descanso público e passavam a noite perturbando o sono da vizinhança. Na visão dos cronistas, a conduta dessas mulheres era condenável e caso de polícia. Recomendavam que tais mulheres fossem menos alegres e respeitassem o sossego público. Através da exposição dos maus exemplos, condenavam-se os tipos comportamentos não adequados na sociedade:

²⁴ A partir do século XIX privacidade e o individualismo passam a ser valorizados e são significados como valores burgueses. Ver: ARIÉS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.

²⁵ FREITAS, Clodoaldo. As crianças. *Pátria*, Teresina, ano 4, n. 267, 2 fev. 1906, p. 1.

Pedem-nos chamemos a atenção da polícia para a conduta irregular de mulheres que residem à rua Barroso, no trecho compreendido entre as ruas da Glória e Amparo. É tal a assuada noturna, que dificilmente a vizinhança consegue conciliar o sono. Isso quase todas as noites. É o caso da polícia recomendar a essas mulheres que sejam menos alegres e respeitem mais o sossego público.²⁶

Os cronistas chamavam a atenção para a forma como as pessoas ocupavam os espaços da cidade à noite. O mercado, em que durante o dia funcionava a feira, à noite era um espaço apropriado para outras finalidades. Afirmam um cronista:

Existe atualmente em nosso mercado um grupo de mulheres imundas que passam a noite a cometer toda a sorte de abusos e a pronunciarem em altas vozes todas as palavras imorais que lhe vem à boca. Outra: do lado direito do mesmo mercado, junto ao muro, é a latrina de todas as pessoas que ali negociam. [...] A bem da moralidade pública pedimos providência ao dr. Chefe de Polícia.²⁷

O cronista Caio Lima, na coluna De relance²⁸, ao retratar o cotidiano das mulheres pobres de Teresina, descreve-as como sendo anêmicas, magricelas e sujas, que fumavam cachimbos, faziam algazarra sem fim, enquanto enchiam suas ancoretas nos chafarizes. Eram as mesmas que disputavam com urubus os restos de comida nos matadouros. Essa imagem de mulheres de classe social inferior levou o cronista a perceber a cidade como um pequeno núcleo civilizado em meio à barbárie. Eram descritas como meras reprodutoras da penúria, sem atrativos de beleza ou mesmo do vestuário:

[...] Pela manhã uns sem número de mulheres, quase sempre esquálidas e maltrapilhas, se agrupam nos chafarizes rolando macabramente as suas ancoretas, numa vozeria que é o canto do sofrimento, fumando seus cachimbos a largos tragos [...] Não tendo mesmo um sentimento de coqueteria que é próprio do sexo, ao contrário, o desganhamento dos cabelos, o descuido geral do vestuário, denota a primeira vista que aquelas pobres mulheres não são mais do que umas máquinas de amor, de onde os filhos brotam como a fertilidade da terra roxa²⁹

²⁶ COM a Polícia. *Jornal de Notícias*, Teresina, ano 1, n. 20, 17 mar. 1918, p. 1.

²⁷ NA FEIRA. *A Palavra*, Teresina, ano 1, n. 4, 15 jun. 1902, p. 2.

²⁸ As crônicas consultadas de Caio Lima na série “De relance” foram publicadas no jornal *Correio de Teresina* no ano de 1913.

²⁹ LIMA, Caio. De relance. *Correio de Teresina*, Teresina, ano 1, n. 34, 29 set. 1913, p. 2.

Para ele, Teresina era a pátria do vintém, um lugar marcado pela pobreza e pela miséria moral do povo, que procurava sobreviver de inúmeras formas, vendendo artigos como cachimbos e rapadura ou mesmo explorando pequenos comércios localizados na periferia:

Teresina é a pátria do vintém, a terra da pobreza, onde um centil é capital respeitável! Vá o leitor a uma dessas vendas de arrabalde, vendas que têm o ar de falidas há pouco e verá como a gentinha faz ginástica com cem réis surtindo-se, por um dia, dos mais variados artigos, desde a rapadura para o moca até o fumo para o cachimbo. Dizia um inglês meu conhecido que avaliava as condições econômicas de um lugar pelo preço das fichas no clube. Entre nós, como o último clube é com Deus, poderia o meu amigo encarnado auscultar a riqueza da terra penetrando o interior de uma dessas bodegas onde impera a garrafa de parati encimada pela medida de flandre... É verdade que os clubes são a válvula por onde escapa o *spleen* da abastança, ao passo que as vendas são os *rendez-vous* da miséria, dessa miséria indolente que traz mulambos e mulambos ensebados.³⁰

As descrições do cronista Caio Lima sobre determinadas áreas da cidade eram de uma cidade de ruas bem alinhadas, mas com um grande bolsão de miséria ao redor do centro, constituindo um grande labirinto de palhoças, com presença frequente de animais famintos e crianças magricelas e desnutridas que choravam por alimento. Bairros onde a pobreza impressionava a todos, com mulheres magras e maltrapilhas que falavam alto, utilizavam palavrões e fumavam cachimbos com largas tragadas.³¹ Teresina era descrita como a terra da fome:

Em verdade, é doloroso, horripilante, inacreditável mesmo o estado de miséria a que atingimos nestes últimos tempos de calamidade. A nossa cidade iluminada à luz elétrica tem o aspecto de um cemitério dia de finados. De dia, então, sob um sol terrorista, prenúncio de flagelante seca, as nossas ruas aparecem tristíssimas, desoladas, deixando ver, aqui e ali, grupos estranhos de figuras exóticas deformadas pela desgraça, que mais parecem bichos ferozes que criaturas humanas. [...]
São emigrantes que surgem de todos os pontos do interior como nuvens fantásticas de gafanhotos, implorando a nossa misericórdia numa voz súplice, chorosa, levantando os olhos tristes umedecidos de lágrimas.³²

A pobreza e a miséria também eram descritas com detalhes pelos cronistas, uma vez que se tornavam obstáculos para a formação de uma sociedade civilizada. Nas crônicas de Caio Lima existe uma preocupação com o crescente número de pobres e desocupados circulando

³⁰ LIMA, Caio. De relance. *Correio de Teresina*, Teresina, ano 1, n. 37, 20 out. 1913, p. 2.

³¹ LIMA, Caio. De relance. *Correio de Teresina*, Teresina, ano 1, n. 34, 29 set. 1913, p. 2.

³² IMPRESSÕES - Terra da Fome. *Correio de Teresina*, Teresina, ano 3, n. 113, 12 abr. 1915. p. 2.

pelas ruas de Teresina. Entretanto dois aspectos se destacam nas crônicas elaboradas por Caio Lima, o primeiro relaciona-se a uma caracterização minuciosa da sociedade e o segundo a um desalento pelas dificuldades de civilizar a sociedade.³³

Em algumas crônicas há relatos acerca da presença de animais nas ruas e os prejuízos decorrentes disso. Na coluna Ecos e Fatos do jornal *Gazeta*, o cronista trata da reivindicação popular por novas posturas para o bem comum, devido à circulação e permanência de animais pela cidade, principalmente de cães vadios:

Quando se trata do bem comum, nunca é ocioso insistir em reclamações. Destas colunas, mais de uma vez, temos reclamado providências sobre a enorme quantidade de cães vadios que invadem o centro da nossa capital. Pedimos remédio ao mal, é certo, mas que não se traduza no assassinio desse proveitoso animal. Sabe-se geralmente que o cachorro é companheiro correto e amigo leal do homem. [...] ³⁴

Pelos preceitos científicos da época o zelo pelos animais domésticos representava um aspecto de civilidade, simbolizado por cuidar dos animais e não maltratá-los. Assim, os animais domésticos passavam a receber cuidados especiais, ganhavam nomes e eram tratados como entes familiares. É nesse contexto que surgem as sociedades protetoras dos animais no país. Em Teresina, Higino Cunha publicou no jornal *Piauí* série denominada *Proteção aos animais*.

A série de artigos publicados por Higino Cunha *Proteção aos animais* revela uma nova sensibilidade com os animais e uma nova relação do homem com o mundo natural.³⁵ Cunha, na abertura da série, afirmou que o grau de civilização de um povo se avalia a partir do modo como ele trata os animais. Defendeu que a piedade para com os animais domésticos está intimamente ligada ao caráter, e que quem é cruel com os animais não pode ser bom. Para, o autor a constituição da civilidade também perpassava pela questão do tratamento dado aos animais.

Cunha questionou a natureza humana a partir de aspectos como a mortandade de animais pelo mundo e a matança de pássaros em Teresina.³⁶ Formulou críticas acerca da destruição de matas, árvores e pássaros no Brasil e fez comparações com outros países onde a

³³ LIMA, Caio. De relance. *Correio de Teresina*, Teresina, ano 1, n. 37, 20 out. 1913, p. 2.

³⁴ CÃES vadios. Ecos e fatos. *Gazeta*, Teresina, ano 4, n. 165, 23 dez. 1908, p. 1.

³⁵ THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças e atitudes em relação às plantas e aos animais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

³⁶ CUNHA, Higino. *Proteção aos animais*. *O Piauí*, Teresina, ano 60, n. 236, 26 out. 1926, p. 1.

cultura de preservação se estabelecia de forma diferente. Em outra crônica da mesma série, mostrou a uma relação direta entre muitos problemas que estavam surgindo na sociedade, como a dizimação dos pássaros e das matas, e o aumento do número de insetos. Ainda nesse artigo o autor fez elogios aos criadores de áreas de proteção ambiental, por assumirem a característica nobre que era a paixão pela natureza.

Cunha defendeu ainda os aviários, locais importantes para a proteção e preservação das espécies, onde a beleza dos animais poderia ser admirada, apurando-se o gosto estético dos observadores. Para ele a convivência entre homens e animais domésticos era possível e salutar.³⁷ Anos depois, Cunha criticava as polêmicas ocasionadas pelas chamadas touradas do centenário e comemorava o não estabelecimento dessas práticas no Rio de Janeiro, afirmando que o esforço fundamental para isso foi da Sociedade Protetora dos Animais.³⁸

Entretanto, esse novo zelo pelos animais não atingia todas as pessoas. A crônica Barbaridade, de 1906, relatou o uso de veneno para matar os cães que circulavam pelas ruas de Teresina. O cronista destacou não só a circulação de animais como a grande quantidade de animais mortos encontrados:

Excita compaixão o modo pelo qual estão matando os cães, entre nós, com o emprego de bolas envenenadas. Nas ruas desta cidade, em toda a parte, aqui e ali, encontram-se uns mortos, outros já em estado de putrefação e alguns entregando-se às convulsões da morte, dirigindo aos transeuntes olhares [...].³⁹

Se uma das maneiras de a população livrar-se dos animais que perambulavam pela cidade era a matança através do uso de veneno, uma das formas corriqueiras de fugir do controle e das sanções impostas pela municipalidade era soltá-los à noite. As pessoas colocavam os seus animais para pastar durante a madrugada.⁴⁰ Mesmo assim os cronistas não perdoavam o fato e clamavam por ações do Intendente municipal. Um cronista pede providências:

Chamamos a atenção do poder competente para o fato de, todas as noites, pastarem, na praça Saraiva, bois e vacas e, às vezes, cavalos e burros, quase sempre badalando chocalhos.

³⁷ CUNHA, 1926, p. 1.

³⁸ CUNHA, Higino. Ainda as touradas do centenário. *Correio do Piauí*, Teresina, ano 2, n. 282, 1 out. 1922, p. 1.

³⁹ BARBARIDADE. *O Tempo*, Teresina, ano 2, n. 48, 11 jan. 1906, p. 2.

⁴⁰ CERTEAU, 1994, p. 172-175.

Sabemos do zelo que o Sr. Intendente nutre pelas coisas da cidade sob o seu governo e, assim, esperamos que S. Ex., informado agora desse abuso, mandará que se tomem as providências necessárias.⁴¹

A presença de animais à noite incomodava o sono e impedia o descanso das pessoas. Todas as vezes que se repetiam as cenas de animais pela cidade os cronistas solicitavam atitudes mais enérgicas da Intendência municipal,

Haverá coisa mais insuportável que a perturbação do sono reparador, por causa de latidos e uivos, alta noite?

Noutras capitais seria muito estranho se vissem, como em Teresina, cachorros deitados no meio das ruas, a seu cômodo, embaraçando o trânsito. Aqui a gente é obrigado a transitar ao lado deles e, às vezes, ao lado de bois, cavalos, etc. &

Mais uma vez chamamos a atenção dos poderes competentes.⁴²

Outro cronista denunciava os maus costumes da população teresinense com relação aos animais soltos pela cidade:

Continuam, infelizmente, a vagar pela cidade animais de diversas espécies. Pessoa residente à rua S. Antônio queixou-se de que ontem, uma cabra, acompanhada de cabritos, penetrou no seu quintal produzindo estragos em plantações.

No domingo último, em plena rua Paissandu, um nosso auxiliar viu transitando uma porca e diversos leitões.

Hoje, durante toda a manhã, estiveram pastando na praça Saraiva três porcos.⁴³

O convívio com animais soltos nas ruas, cachorros, porcos, bois e jumentos também prejudicava a saúde da população. Reclamações quanto à presença de animais pelas ruas eram comuns, destruindo plantas e circulando pelas ruas do centro da cidade eram corriqueiras: “Pessoas muito bem informadas pedem-nos que reclamemos contra o estrago que alguns bodes e cabras estão fazendo nos belos oitizeiros que ficam no trecho de fronteira à Fundação e ao Armazém da Companhia de Vapores [...]”⁴⁴

Clodoaldo Freitas também trata do problema dos cães soltos pela cidade, e ironizou a atuação dos poderes públicos argumentando que na cidade havia outros problemas mais sérios

⁴¹ ECOS e fatos. *A Gazeta*, Teresina, ano 4, n. 171, 4 nov. 1908, p. 2.

⁴² CÃES..., 1908, p. 1.

⁴³ GAZETA. Teresina, ano 5, n. 186, 3 mar. 1909, p.1.

⁴⁴ PELA cidade. *Gazeta*, Teresina, ano 4, n. 138, 18 mar. 1908, p. 2.

que necessitavam do rigor da municipalidade, do que a eliminação dos cães que perambulavam pelas ruas. Freitas afirma a alimentação era de péssima qualidade, devido a falta de fiscalização da Intendência no comércio de tais gêneros, e que a água e o leite consumidos pela população também eram de má qualidade.

A municipalidade, por intermédio dos seus intrépidos agentes, mata desapiedadamente os cães. Está no seu indefectível direito. O cão é um animal bravio, feroz, inútil e não faz parte da nossa propriedade garantida em toda a sua plenitude pela constituição da república. De todos os animais o cão é o mais daninho.

Dizer que o cão é o melhor dos companheiros do homem, que é querido como se fora um membro da nossa família, é uma sandice. O cão não deve existir entre um povo civilizado, e nós somos, entre todos os povos, o mais culto.

A edilidade teresinense, sempre patriótica, deve desenvolver convenientemente o seu interesse pelo bem público e tornar-se o modelo das edilidades do mundo.

Nós já temos o monopólio da carne verde e, por ele, gozamos da melhor alimentação do universo. Não há carne enfezada, não há carne causada. A higiene municipal capricha por sérias medidas preventivas para que nós sejamos servidos regaladamente em tudo. O leite, a água, a carne, a farinha são sempre de primeira qualidade. Mas a municipalidade peca porque não decreta o monopólio do comércio em geral. É um direito seu, o mesmo direito com que monopoliza a carne.⁴⁵

Clodoaldo Freitas também faz duras críticas à administração municipal. Para ele existia apenas o interesse em privilegiar parentes com cargos públicos, e dessa forma, a cidade ficava abandonada e relegada a segundo plano. Para o cronista:

Uma das mais insignes vantagens do município é poder restringir o direito de propriedade, de monopolizar o comércio e dar o monopólio a meia dúzia de indivíduos parentes e amigos, que o desfrutam para a maior glória dos munícipes.

Todos vêm os serviços grandiosos em que se acha o município empenhado. Temos um serviço de esgoto como não há igual em Paris ou Londres, temos esplêndida canalização das águas, temos um serviço de limpeza pública completo, temos uma higiene municipal soberba; o município custeia vários outros serviços, e como prova da sua solícitude aí temos, por exemplo, o serviço da passagem do rio Parnaíba, um destaque sublime no meio do aluvião de maravilhas munícipes.⁴⁶

⁴⁵ AOS DOMINGOS. *Pátria*, Teresina, ano 4, n. 252, 14 jan. 1906, p.1.

⁴⁶ AOS DOMINGOS, 1906, p. 1.

Já o cronista da coluna Pela Cidade, do jornal *Gazeta*, combatia, com sua escrita, o mato e o capim que se espalhavam pelas ruas, provocando possibilidades de proliferação de doenças, além de criarem uma imagem negativa de Teresina como uma cidade descuidada:

È digno de atenção de toda a municipalidade o desenvolvimento que o capim e outras ervas estão tomando em nossas praças e alguma ruas.
A preocupação da Intendência tem sido, sempre, a de retirar o mato que mais sobe: o matapasto, o fedegoso, a malva, etc.
Isso, porém, era providência regular nos tempos em que os animais enchiam a cidade e aparavam o capim.
Hoje, para honra nossa, a perseverança do Sr.Intendente conseguiu nos livrar de tão detestável.[...]
Quem quer que nos visite, nesta quadra de inverno abundante , há de sair fazendo, diante de nossa exuberância de verdura,juízo muito desfavorável dos nossos créditos de gente civilizada.[...] ⁴⁷

Esses tipos de desleixos com o urbano são tratados nos jornais como maus costumes que deveriam ser abolidos da sociedade, visto que significavam a burla de postura da cidade. Colocar animais para transitar durante um período em que não houvesse circulação de pessoas demonstra que a cidade praticada difere da cidade desejada. O cotidiano de Teresina no início do século XX evidenciado pela desobediência às proibições e a colocação de animais pastando pela cidade à noite, mostra o consumo que os caminhantes faziam da cidade. ⁴⁸

3.2 A saúde e os riscos da degeneração da sociedade

Durante o início do século XX, as condições de saúde da população de Teresina eram bastante precárias. Além disso, problemas com relação ao alcoolismo e ao consumo do fumo passaram a fazer parte do cotidiano, sendo frequentes, nos jornais, os relatos de tragédias e distúrbios ocasionados pelo consumo excessivo de álcool. O fumo também se constituía num vício e ganhava novos consumidores devido, entre outros fatores, à influência do cinema, cujos artistas usavam o cigarro como manifestação de status, a fim de representar um estilo, de mostrar “bom gosto”.

O jogo, o fumo e o álcool eram vistos como vícios que ameaçavam a constituição da família, e principalmente, eram considerados elementos degenerativos da moral. Os reclames constantes incentivavam o consumo de cigarro e álcool, e eram reforçadas pelo cinema, que

⁴⁷ PELA cidade. *Gazeta*, Teresina, ano 4, n. 140, 1 abr. 1908, p. 3.

⁴⁸ CERTEAU, 1994, p. 169.

dessa forma introduzia novos hábitos. Esses vícios se intensificam no cotidiano dos teresinenses no início do século, e ao mesmo tempo contribuíram para a corrupção dos costumes na visão dos cronistas.

Em outras crônicas, temos críticas à falta de higiene e o fato de as pessoas não banharem diariamente e usarem as roupas até elas ficarem ensebadas.⁴⁹ Também eram recorrentes nas crônicas produzidas em Teresina, opiniões contrárias ao jogo do bicho, caracterizado como uma praga, e um vício que estava se espalhando rapidamente na cidade e que contribuía para a corrupção da moral e dos bons costumes.⁵⁰

Em uma crônica publicada no jornal *O Norte*, em 1909, o destaque era para o medo de doenças epidêmicas e para as condições de higiene da população, considerada precária. O cronista convocava os indivíduos para uma verdadeira cruzada em prol da melhoria da saúde populacional, a partir de hábitos de higiene:

[...] A cidade afigura-se de algum modo infeccionada e não parece a capital de um Estado que só almeja e sonha melhores dias de bonança e ventura, invejável adiantamento e uma imponente cultura; a culminância e o paralelo das cidades cultas.

[...] Um povo sem higiene é um povo sem alma, diabético, clorótico. A higiene é, portanto, a força, a inteligência, o progresso, a ventura das raças.⁵¹

As propagandas também defendiam práticas saudáveis, como atividades esportivas, a fim de combater o tédio, promover a saúde e eliminar os maus costumes. Os títulos dos anúncios, chamativos, - “Os nossos filhos são os homens de amanhã” - demonstravam preocupação com os hábitos de higiene e buscavam estimular a prática de exercícios físicos como forma de instigar um modo de vida saudável.⁵²

Para os cronistas, uma das causas da recorrência de doenças em Teresina era a falta de hábitos de higiene. Apesar dos protestos da imprensa, era grande o descaso da população com a limpeza, e principalmente, o asseio das moradias. Essa mesma crença também justificava a ação do governo, com suas claras intenções de higienizar a cidade articulando o saber médico aos planos governamentais. O jornal *O Piauí*, tratando da higienização das ruas, afirmava que a sujeira da cidade era uma obra dos maus costumes da população e não falha da Intendência.

⁴⁹ LIMA, Caio. De relance. *Correio de Teresina*, Teresina, ano 2, n. 37, 20 out. 1913, p. 2.

⁵⁰ O JOGO do bicho. *Correio de Teresina*, Teresina, ano 4, n. 184, 2 set. 1916, p. 3.

⁵¹ A HIGIENE de Teresina. *O Norte*, Teresina, ano 11, n. 417, 30 jun.1909, p. 1.

⁵² OS NOSSOS filhos são os homens de amanhã. *O Piauí*, Teresina, ano 61, n. 682, 26 fev. 1927, p. 2.

Para o cronista “[...] não podemos também combinar com o costume de se atirar à rua o lixo, como infelizmente notamos em algumas tavernas de pouco cômodo”.⁵³

Nas mensagens dos governos no início do século XX as intervenções propostas para a cidade vão ganhando mais visibilidade, e principalmente revelam que as condições sanitárias da cidade eram muito precárias e propícias para a proliferação de doenças epidêmicas. Os governantes destacavam que as condições de saúde pública no Estado eram boas, estáveis ou mesmo excelentes. Mas isto apenas revela que nenhuma grave manifestação epidêmica atingira o Estado.

No início do século XX, a população de Teresina ainda estava vulnerável a uma série de epidemias que chegou a vitimar muitas pessoas, principalmente, as classes mais pobres atingidas pelas péssimas condições de vida, as condições sanitárias ruins e pela falta de higiene. Já o poder público estadual tomava medidas contra a sujeira da cidade e contra os maus costumes da população, este que era um dos motivos para a propagação de doenças. Geralmente o estado sanitário de Teresina era caracterizado como excelente e de todos os municípios, contudo esse discurso está mais ligado a questão da não propagação de nenhuma epidemia grave.⁵⁴

Entretanto, a partir do governo de Antonino Freire (1910-1912), o discurso sobre a saúde se modifica e o governador, na Mensagem de 1911, afirma que o setor de saúde está totalmente desaparelhado

É com pesar que vos digo que no Piauí ainda não existe sequer um simulacro dos serviços de defesa sanitária. A repartição que existe com o nome de Diretoria de Saúde Pública, completamente desaparelhada de meios de ação, nenhum embaraço pode opor à invasão de qualquer epidemia no nosso território.

É tempo de lançardes a vista para este ramo do serviço público e dar-lhes o desenvolvimento compatível com as nossas necessidades e os nossos recursos.⁵⁵

Através de leis o poder público procurava intervir nos hábitos da população. O Código de Posturas de 1905 incidia sobre os costumes. Mesmo assim permaneciam os maus costumes da população. Na crônica Noções de Civilidade – costumes, temos uma demonstração clara dos hábitos de parte da população da época: “Não cuspa no assoalho da casa nem no bonde ou

⁵³ A LIMPEZA da cidade. *O Piauí*, Teresina, n. 863, 11 ago. 1906, p. 1.

⁵⁴ PIAUÍ. Governo. 1900 – 1904 (Nogueira). *Mensagem apresentada à Câmara Legislativa do Estado do Piauí pelo governador Arlindo Francisco Nogueira, em 1 de julho de 1902*. Teresina: Tip. do Piauí, 1902. p. 26.

⁵⁵ PIAUÍ. Governo. 1910 – 1912 (Silva). *Mensagem apresentada à Câmara Legislativa do Estado do Piauí pelo governador Antonino Freire da Silva, em 1 de junho de 1911*. Teresina: Imprensa Oficial, 1911. p. 6.

vagão, evite cuspir nos passeios das ruas... não assobie... não se ria às gargalhadas... não se assoe, sem muita necessidade, em presença de outrem... não boceje, não soluçe...”⁵⁶

O Código de Posturas também visava regular e normatizar os comportamentos das pessoas. As crônicas revelam que existiam práticas que deveriam ser contidas com pesadas multas, principalmente, as relacionadas ao sossego, ao decoro público e do domingo como dia reservado para descanso⁵⁷. Entretanto, a cidade praticada fugia dos ditames do Código de Postura: “Comunico a V.^a Ex.^a que ontem [...] ainda por distúrbios, foram também aqui recolhida pelo guarda que estava neste estabelecimento a mulher de nome Josefa Maria da Conceição [...] por desobediência [...]”⁵⁸

A elaboração do Código de Posturas foi decisiva para organização do meio urbano, principalmente, quanto aos usos da cidade, e previa a aplicação de penalidades através de multas. Assim, as:

[...] proibições com penas, multas e prisões tornavam-se medidas utilizadas no decorrer do processo de ação civilizadora que passaram por questões tais como: [...] proibição de enterrar cadáveres na Igreja; deixar gado vacum ou cavalar, cães e porcos soltos pelas ruas e praças; lavagem de roupa nos poços públicos do centro da cidade; andarem embriagados pelas ruas; fazerem vozerias, tumultos, algazaras ou proferirem palavras obscenas ofensivas à moral.⁵⁹

A aplicação do Código tinha em vista a formação de um espaço disciplinado e racionalizado, livre da desordem urbana, orientado através de um discurso que se tornaria efetivo a partir da aplicação de suas normas, que tinham a intenção de definir modelos de comportamento, ou seja, de prescrever costumes que deveriam existir ou não em sociedade.

As proibições descritas no código de 1905 nos dão uma dimensão de como as pessoas deveriam se comportar ao frequentarem os locais públicos, onde deveria prevalecer um comportamento decente, civilizado e moralmente aceito por todos. Sobre essa questão, destaque para a nudez, já que era comum as pessoas banharem nos rios Parnaíba e Poti sem roupas. No artigo 101, o 5º parágrafo prevê punições para as pessoas que andassem em público em completa nudez ou com trajes indecentes; e o parágrafo 6º também previa punição

⁵⁶ NOÇÕES de civilidade - costumes. *Gazeta*, Teresina, ano 3, n. 64, 1 ago. 1906, p. 2.

⁵⁷ Ver Código de Posturas da cidade de Teresina, 1912; Artigo. 100, parágrafos 1 a 4, onde prever punição com multas de dez mil réis pessoas que fizessem vozerias, alaridos e gritos nas ruas e praças e proferissem nas ruas e lugares públicos palavras obscenas.

⁵⁸ RELATÓRIO Cadeia Pública de Teresina. Teresina: [s.ed.], 23 jul.1906.

⁵⁹ ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoíno de. *Cotidiano e pobreza: a magia da sobrevivência em Teresina (1877 - 1914)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995. p. 64.

para as pessoas que fossem apanhadas banhando nos portos e fontes públicas ou despidas nas margens do rio Parnaíba, dentro dos limites da zona urbana, das seis horas às dezoito horas. Os casos de prisão eram frequentes:

[...] ontem, comunico que foram recolhidas [...] Francisca Maria da Graça e Antônia Maria de Jesus, por banhos proibidos na Barrinha desta capital, sendo postas em liberdade no mesmo dia, conforme sua ordem.⁶⁰

[...] comunico a V^a Ex^a que ontem foram aqui recolhidas conforme a vossa ordem, as mulheres de nomes Maria Alexandrina da Conceição e Cândida Maria do Nascimento a 1^a presa com[...] e a 2^a por banhos proibidos na Barrinha desta capital, tendo sido a mesma posta em liberdade[...].⁶¹

O Código de Posturas de Teresina, de 1905, também evidencia a busca pela edificação de uma sociedade disciplinar, já que tinha entre seus objetivos conter uma multiplicidade de comportamentos inadequados. O Código de Posturas da cidade em vários de seus artigos trata de como deveria ser o controle social. Nos artigos 89, 90 e 91 ficavam explícitas as intenções do governo no relativo ao tratamento a ser dado aos loucos e/ou vadios que fossem encontrados perambulando pela cidade:

Art. 89 – Todo aquele que conservar sob sua guarda ou em sua casa qualquer louco será obrigado a detê-lo com segurança, e, quando por falta de meios necessários não possa tê-lo em boa guarda e tratamento, dará parte à Intendência para que esta faça recolher a algum estabelecimento ou casa para tal fim destinada. Ao infrator, a multa de dez mil-réis.

Art. 90 – Os loucos que andarem vagando pelas ruas e praças da cidade serão entregues às pessoas incumbidas de sua guarda ou na falta destas, recolhidos aos lugares para este fim destinado.

Art. 91 – As pessoas que forem encontradas vagando pela cidade embriagadas serão detidas e depositadas nas estações policiais, até que cessem os efeitos da embriaguez. Os vagabundos serão multados em três mil-réis, e sendo menores entregues ao juiz de órfãos para o devido destino.⁶²

A criação do Asilo de Alienados, em 1907, demonstra uma intenção clara na edificação de uma sociedade disciplinar. O surgimento dessa instituição estava diretamente relacionado às condições sociais da capital, no final do século XIX e início do século XX, objetivando a construção de uma sociedade “progressista” e “civilizada”, daí a preocupação em limpar as

⁶⁰ RELATÓRIO Cadeia Pública de Teresina. Teresina: [s.ed.], 1 jul 1906.

⁶¹ RELATÓRIO Cadeia Pública de Teresina. Teresina: [s.ed.], 4 jul. 1906.

⁶² CÓDIGO de Posturas do Conselho Municipal de Teresina - 1912. Teresina: APeCH/UFPI, 1998. p. 25.

ruas e os locais onde os homens e mulheres pobres, os órfãos, os mendigos e os loucos viviam.⁶³

Os discursos dos governantes e da elite, reproduzidos nos jornais sugeriam que a realização da “limpeza” de algumas áreas centrais da cidade tinha com o objetivo principal tirar das ruas determinados sujeitos indesejáveis. À primeira vista o objetivo era a higienização do espaço urbano teresinense para que pudesse ser habitado por outros sujeitos; e significava, também, o ocultamento e o controle sobre a circulação de determinadas pessoas que ali não eram bem vistas.

Os jornais da época nos possibilitam dizer que houve uma campanha favorável à criação do Asilo de Mendicidade e do Asilo dos Alienados ou Asilo dos Loucos. A partir das propostas de criação, é possível julgá-los como uma das respostas da elite ao espetáculo da mendicância, ao qual foi contraposto o espetáculo da vigilância, [...] Uma vez que, criadas estas instituições assistenciais, Teresina estaria livre das cenas indesejáveis.⁶⁴

O cronista do jornal *Diário do Piauí* defendeu a necessidade da criação de um asilo para velhos e mendigos para diminuir a presença de pobres perambulando pela cidade, mesmo com a existência de várias instituições que poderiam ajudar no combate às cenas indesejáveis. Segundo ele:

Em Teresina, nossa capital, todos os sábados perambulam pelas ruas, esses infelizes, em benefício de quem hoje vimos fazer um justo apelo ao povo teresinense, que muito bem poderá sacrificar um pouco de seu bem estar em favor dos desvalidos da sorte.⁶⁵

As mudanças urbanísticas de Teresina e a necessidade de regular o social estavam articuladas à visibilidade que novos sujeitos sociais adquiriam no espaço urbano início do século XX. De forma geral, o discurso político-científico produzia, e as crônicas reproduziam, uma imagem negativa e desqualificada da população pobre que além de carente, era vista como preguiçosa, doente, e muito perigosa, predisposta ao vício e à vadiagem.⁶⁶

⁶³ Para mais informações acerca da criação dessas instituições ver: ARAÚJO, 1995.

⁶⁴ FILHO, Antônio Melo. *Teresina: a condição da saúde pública na primeira República (1889-1930)*. 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000. p. 57.

⁶⁵ ASILO de Velhice e Mendicidade. *Diário do Piauí*, Teresina, ano 2, n. 67, 4 ago. 1912, p. 3.

⁶⁶ Sobre essa questão ver: MACHADO, Roberto. *Danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977.

Segundo o cronista do jornal *O Tempo*, apesar de terem causas diferentes, a loucura e a cegueira eram tidas como doenças típicas do avanço do capitalismo. O cronista proclamava a necessidade de construção de espaços específicos para abrigar essas pessoas, cujos problemas, segundo ele, se diferenciavam quanto à moléstia, mas se aproximavam no sentimento de piedade que despertavam.

[...] Quanto mais um povo ganha em civilização, tanto maior se afigura a necessidade de se levantar diques aos males que ela própria germina. As grandes pestes atacam em geral os centros populosos, quase sempre, aparelhados para dar combate ao elemento danificador da saúde. Daí a necessidade de criação de estabelecimentos apropriados a cada espécie ou agrupamento de moléstias.⁶⁷

O desejo de construir uma cidade projetada e ideal não minimizou ou acabou com os maus costumes da população da cidade real. Apesar do Código de Posturas, a população passou a criticar a cidade criando mecanismos de resistência dentro do espaço urbano, colocando animais para circular à noite e de madrugada para fugir das sanções administrativas. As queixas a respeito da imundície das pessoas, da pobreza, da falta de educação e de civilidade, assim como acerca de outras configurações de viver na cidade, mostram que a população teresinense estava continuamente reinventando o seu lugar na sociedade. Em Teresina, a aceitação ou a rejeição, através da burla do Código de Posturas tornou visível o consumo que as pessoas faziam da cidade.⁶⁸

3.3 O lado obscuro da civilidade

No final do século XIX e nos primeiros anos do século XX, desenvolveu-se em Teresina um intenso movimento literário, promovido principalmente por intelectuais piauienses beneficiados pela educação que adquiriam fora do Estado, sobretudo, vindos de Recife. A atuação desses intelectuais abrangia diversas atividades nos campos do jornalismo, da cultura e da política.

A literatura tornou-se um lugar privilegiado de interferência social e política da elite intelectual do Piauí, e era um ponto destacado de civilidade. Através de suas escritas, esses intelectuais demonstravam o saber, os novos paradigmas da ciência e o acúmulo de cultura

⁶⁷ IDEIA Grandiosa. *O Tempo*, Teresina, ano 2, n. 59. 29 mar. 1906, p. 2.

⁶⁸ CERTEAU, 1994.

letrada, especialmente da literatura francesa e inglesa. Pretendiam, através de sua escrita, transformar a sociedade.

No início do século XX, a educação ganhava um novo traço – o de definir a civilidade das pessoas. Aos poucos, o poder público foi criando escolas para atender a demanda dos alunos e de alunas de elite de Teresina. Exemplo dessa atuação foi a criação da Escola Normal. Também era comum os professores de Teresina ofertarem seus serviços docentes através de anúncios em jornais. Artigos publicados, conferências públicas, participações em eventos, além dos elogios mútuos e das críticas aos trabalhos produzidos por eles, eram aspectos que funcionavam como uma rede de valorização da cultura letrada.

A fundação da Academia Piauiense de Letras (APL) também contribuiu decisivamente para a formação de uma sociedade letrada, composta por homens de boa educação e civilizados. A APL, de certa forma, transformou-se em um dos marcos constituintes da civilidade na sociedade teresinense, na medida em que se institucionalizou como um lugar privilegiado de fala para os intelectuais piauienses. Sobre essa instituição, dizia o cronista:

Há dias se fundara nesta capital, a Academia Piauiense de Letras, que vem sanar em nosso meio uma falta extraordinária. E o que é melhor e mais agradável ainda é que a novel associação começa sob os melhores auspícios. Está assim composta a sua diretoria: Clodoaldo Freitas – presidente; João Pinheiro – secretário geral; Fenelon Castelo Branco – 1º Secretário; Jônatas Batista – 2º Secretário; Antônio Chaves – tesoureiro; Edison Cunha – bibliotecário. Na sessão de domingo último, diversos sócios foram propostos e outros aceitos, estando quase completo o número de trinta, o limite máximo para os sócios efetivos. Nesta mesma sessão, Rui Barbosa foi aclamado seu presidente honorário. A inauguração oficial da APL será no dia 3 de maio próximo. Higinio Cunha será o orador de honra.⁶⁹

Antes da fundação da Academia Piauiense de Letras, a relação que os literatos mantinham em torno de Clodoaldo Freitas e de sua família era bastante intensa. A frequência constante à casa da família Freitas e a convivência entre os literatos revelam a importância desse autor como referência em cultura, educação e civilidade. A Academia Piauiense de Letras ficou conhecida como casa de Lucídio Freitas em homenagem ao seu principal idealizador. Sobre essa questão Cristino Castelo Branco afirma:

Nasceu na casa dos Freitas, na casa de Clodoaldo, a Academia Piauiense, porque aquela casa já era por si mesma um centro de intelectualidade, um ponto de convergência dos homens de cultura do Piauí, que ali compareciam

⁶⁹ A ACADEMIA. *Correio de Teresina*, Teresina, ano 6, n. 205, 17 jan. 1918, p. 2.

atraídos pelo ambiente de espiritualidade, de poesia e de sonho. [...] Antes de existir oficialmente a Academia, já existia ela de fato, naquela casa, que era o mais cordial, mais amorável de todos os cenáculos.

[...]

A sua casa não era só a dos intelectuais: era a casa de todos, a casa do acolhimento, a casa da hospitalidade. Ao lado dos letrados, viam-se lá amiúde, sertanejos, cantadores, músicos, pessoas do povo, gente humilde. Não despertava apenas admiração: despertava também confiança. Todos confiavam nele, que era a sinceridade personificada, a bondade em forma humana, o altruísmo, a generosidade, afirmando-se a cada passo.⁷⁰

Outra instituição na cidade que representou uma intenção clara de consolidação da civilidade o Clube dos Diários. Construído em 1922, rapidamente tornou-se espaço importante de sociabilidades em Teresina. Em seu Estatuto, especificamente no 1º artigo, que trata da sociedade e de seus fins, verifica-se que a elite estava interessada em criar uma instituição com os objetivos de promover festas, realizar concursos de miss, festejar carnavais, mas igualmente ajudar na assistência à pobreza. O Clube justificaria assim sua função social, de utilidade pública. Outro aspecto importante é que o próprio terreno para edificação da sede havia sido doado pelo Estado, conforme consta do Estatuto:

Art. 1º

Alínea b – Promover festas de beneficência à pobreza desvalida e as instituições consagradas ao desenvolvimento da instituição;

Art. 2º

Parágrafo II – O Governo do Estado, tendo em vista que o clube é instituição de utilidade pública, lhe franqueia, gratuitamente, os salões, baixela e mobiliário do seu estabelecimento para festas e homenagens e festas oficiais, faz ao mesmo clube a doação do terreno murado, contíguo ao Teatro 4 de Setembro, com frente para a rua Álvaro Mendes e rua Treze de Maio, avaliado em vinte contos de réis, no qual será construído o edifício sede.⁷¹

Os literatos participavam também de várias atividades culturais, como eventos literários, palestras, e atuavam como editores e cronistas nos jornais, garantindo, assim, uma grande possibilidade de inserção social e política. A participação nos grêmios literários também denotava um padrão de civilidade na elite letrada. Reuniões, palestras e a criação de clubes literários se constituíam em espaços de exercício da civilidade em Teresina.⁷²

A civilidade era considerada pelos cronistas como um dos mais elevados bens culturais, sendo que a participação no mundo das letras consistia em um aspecto de polidez. Contudo, as

⁷⁰ CASTELLO na Casa de Lucídio Freitas. *Discurso de posse de Carlos Castello Branco na Academia Piauiense de Letras*. Teresina: [s.ed.], 1984. p.104-107.

⁷¹ SOCIEDADE Anônima do Clube dos Diários. *O Piauí*, Teresina, ano 50, [s.n.], 25 maio 1925, p. 3-4.

⁷² FESTAS Cívicas. *Correio de Teresina*, Teresina, ano 5, n. 245, 14 nov. 1917, p. 1.

disputas políticas e os ataques pessoais⁷³ nos jornais demonstravam outra face desses homens. Nem sempre a educação e a civilidade estavam presentes em suas escritas. Dois exemplos de tais comportamentos incisivos são as críticas relativas ao governo de Antonino Freire feitas no jornal *O Apóstolo* e o fechamento do jornal *Cidade de Teresina*, ocorrido no governo de Miguel Rosa, seguido do lançamento das prensas dessa tipografia nas águas do rio Parnaíba.

A educação e a polidez muitas vezes eram postas de lado quando estavam em questão as lutas partidárias. Através da imprensa os literatos defendiam com paixão seus ideais:

Através da imprensa, homens como Abdias Neves, Antonino Freire e Miguel Rosa farão a exposição de suas ideias, formando opinião, lançando-se como nomes viáveis a carreiras políticas vitoriosas; e, ainda, onde Clodoaldo Freitas e Higinio Cunha colocarão a sua capacidade literária a serviço do combate ideológico, das paixões partidárias. Por causa dessas paixões, a decantada polidez dos literatos, tão apregoada por Higinio Cunha em sua autobiografia, foi, muitas vezes, esquecida, deixada de lado, para que a escrita assumisse seu viés mais ácido, mais incivilizado e mesmo descortês.⁷⁴

O artigo de título Canalhacracia, publicado no jornal *O Apóstolo* em 1914, faz um trocadilho com as palavras canalha e democracia. Tratava-se de uma provável resposta de Elias Martins aos ataques feitos pelo jornal *O Piauí*, relativo aos seus bens pessoais, onde fica evidente que a educação e a civilidade eram deixadas de lado, predominando uma linguagem forte e repleta de muitos ataques pessoais, desde que os interesses pessoais e políticos estivessem em jogo:

O Sr. Antonino Freire já não escolhe armas para ferir o chefe da União Popular; o seu jornal entrou no terreno da vida privada, trazendo para o domínio da discussão os negócios do Engenho d'água, empresa de que é sócio Dr. Elias Martins, pertencente a uma só família, cujos membros vivem na mais perfeita união.

Pode prosseguir; aceitamos a luta no terreno escolhido, mas não poderá em tempo algum alegar que fomos os provocadores.

O nosso redator chefe gasta o que é seu, emprega o seu dinheiro com plena liberdade, não prejudicou ninguém; enquanto aquele que [...] ⁷⁵

⁷³ O contexto dos ataques pessoais está vinculado às disputas políticas partidárias da época. Era comum, os grupos derrotados nas eleições buscarem a sobrevivência em outros Estados, o que ocorreu com Clodoaldo Freitas e Higinio Cunha. Sobre essas perseguições e a vida desses literatos ver: QUEIROZ, 1998a.

⁷⁴ CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. Famílias e escritas: a prática dos literatos e as relações familiares em Teresina nas primeiras décadas do século XX. 2005. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005. p. 137

⁷⁵ CANALHACRACIA. *O Apóstolo*, Teresina, ano 4, n. 190, 9 abr. 1911, p. 2.

Os ataques da escrita “combativa” do *Apóstolo* geravam respostas e afrontas no jornal *O Piauí*, que rechaçava as críticas procurando desqualificar as falas e insultos da oposição. Na crônica abaixo, o jornal *O Piauí* rebate as provocações feitas a Miguel Rosa:

À baixa linguagem do jornal oposicionista, temos oposto uma outra, elevada e digna, a única que se compadece com a nossa educação de cavalheiros que se prezam e não fazem da imprensa a barreira impudica, procurando, alias, enobrecê-la e dignificá-la.[...] No conceito de homens de bem, a oposição do Sr. Elias Martins está definitivamente julgada e não é o juízo de desclassificados e de ambiciosos vulgares, sem imputabilidade moral que virá marear a reputação impoluta de nossos amigos.
[...] o pasquim que se edita numa viela dessa cidade, atirou-se em seu último número contra nosso ilustrado e prezado colega dr. Miguel Rosa, numa fúria de cão hidrófobo a rosnar mentiras e calúnias.⁷⁶

Durante cerca de oito meses, foi publicada no jornal *O Apóstolo* a série de crônicas intitulada Mão Negra⁷⁷, com ataques contra o governo e agressões pessoais ao governador Antonino Freire, denominado pelo jornal oposicionista de “O iconoclasta piauiense” e chefe de uma canalhacracia. *O Apóstolo* utilizava-se de um discurso inflamado que buscava a mobilização da população contra as mudanças urbanas que estavam acontecendo em Teresina. Uma das principais polêmicas teve como objeto as reformas da Praça Rio Branco.

Na crônica intitulada Atentado contra a Igreja do Amparo, condenavam-se o governador Antonino Freire, e o Intendente municipal Tersandro Paz pelas reformas em curso na praça Uruguaiana, futuro Jardim Público. Os governantes eram chamados de inimigos da civilização cristã, e de partidários das ideias maçônicas diabólicas. A população da cidade foi incitada a ir às ruas para protestar contra as obras que iriam alterar a estrutura da Igreja do Amparo.⁷⁸

Miguel Rosa é descrito por Vilarinho como sendo um homem de muita educação, polido, advogado competente que se destacava dos homens sertanejos do seu tempo, por sua delicadeza e sua boa educação. Apesar dessa descrição era um homem de decisões autoritárias com seus opositores:

Miguel Rosa foi capaz de tomar atitudes duras, autoritárias e desrespeitosas com os adversários políticos. É o mesmo Miguel Rosa que manda empastelar o jornal católico *O Apóstolo* que lhe, fazia oposição e que

⁷⁶ REBATENDO. *O Piauí*, Teresina, ano 20, n. 1120, 28 mai. 1911, p. 1.

⁷⁷ Além das crônicas citadas, outras que tratam dessa polêmica são: CRITÉRIO de César. *O Apóstolo*, Teresina, ano 4, n. 186, 8 jan 1911. p. 1; CANALHACRACIA. *O Apóstolo*, Teresina, n. 190, 9 abr. 1911, p. 2. Segundo Melo Filho essas polêmicas duraram cerca de 8 meses. FILHO, 2000.

⁷⁸ MÃO Negra. Atentado contra a Igreja do Amparo. *O Apóstolo*, Teresina, ano 4, n. 198, 2 abr. 1911, p. 1.

persegue Higinio Cunha, exonerado por ele do cargo vitalício de Procurador dos Feitos da Fazenda Estadual, de Professor do Liceu e da Escola Normal, vendo-se mesmo obrigado a migrar temporariamente para o Acre em busca de melhores condições de vida.⁷⁹

3.4 Modernidade: novos tempos que se anunciam através da prática da escrita

Em Teresina, a escrita de cronistas e literatos estava direcionada para as modificações da cidade e dos costumes. Trajetórias de vida marcadas pela busca do ensino superior, pela luta por inserção na vida política, e por incertezas quanto aos rumos da política afetavam diretamente esses literatos, que através de suas escritas passam a prescrever comportamentos sociais aceitáveis, pois naquele momento, segundo Queiroz:

Sem bandeiras políticas convincentes e sem perspectivas de um grande lugar a ocupar, essa geração de poetas voltou-se para uma difusa luta pela regeneração e modificação dos costumes, modificação que eles elegem como o *locus* do desempenho do seu papel.⁸⁰

Abdias Neves literato, homem das letras, oriundo da faculdade de Recife, teve atuação intensa nos debates políticos que ocorriam nos jornais de Teresina. Transformou-se em um dos arautos dos novos tempos que se configuravam na sociedade teresinense. Crítico mordaz dos costumes de sua época, através da imprensa, publicações, reuniões, palestras e como redator de diversos jornais difundiu suas ideias. Seus discursos enfatizavam as questões político-partidárias, a literatura, a maçonaria, e, sobretudo, os costumes.⁸¹

Entretanto, interessa, nesta pesquisa, os escritos desse literato que abordaram os costumes, isto é, as práticas correntes na cidade, pois através deste artifício Neves mostrou sua faceta de crítico social, e principalmente, destacou a sua função de intelectual na sociedade. *Um manicaca*, produzido entre 1901 e 1902, e publicado somente em 1909, revelou-se um romance de costumes, onde Abdias Neves documentou a vida em Teresina, o cotidiano e as artes de fazer da população. Também funcionou como veículo anticlerical, na medida em que o autor era um dos críticos de sua época e dos valores tradicionais da sociedade teresinense.

⁷⁹ CASTELO BRANCO, 2005, p.138.

⁸⁰ QUEIROZ, 1998a, p. 160.

⁸¹ Para melhor entendimento dos discursos de Higinio Cunha ver: QUEIROZ, 1998a; QUEIROZ, 1998b.

Neves realçou algumas modificações culturais em relação à participação e à frequência dos fiéis à igreja São Benedito, bem como à relação das pessoas com os festejos e com os novos hábitos que se configuravam na sociedade teresinense: igreja com poucos fiéis, geralmente mulheres, poucos homens, e as moças assíduas que não estavam interessadas nos eventos tradicionais da igreja, mas nas festas mundanas, e frequentavam a igreja preparadas para os bailes, e outras festas:

É o povo que enche as igrejas. E aí mesmo é preciso notar que os homens estão em parcela muito pequena; são as mulheres pobres, e velhas virtuosas e respeitadoras, que constituem a maioria. Moças da sociedade, estas só aparecem quando há música e foguetes e animação. Preparam vestidos novos – sem vestido novo não aparecem – e, então, não vêm. E ele exclamava: – Que é que anima as que assim procedem? Vêm ao templo prestar culto aos santos ou vêm divertir-se? Vêm divertir-se. Se viessem, apenas, por sentimento religioso, não quereriam saber se há música e animação. Prefeririam, mesmo, que não houvesse música, porque, assim, o recolhimento seria maior, não seriam distraídas nas suas preces. Sem música não vêm; por quê? Porque o que as atrai é a música, é a festa, não é o culto. Por que não vêm sem um vestido novo? Porque vêm para ver e ser vistas, vêm como se fossem para o teatro, ou para um baile.⁸²

As mudanças sociais e dos costumes das mulheres também foram alvo da crítica de Neves, na medida em que as festas tradicionais organizadas pela igreja já não atraíam o interesse da população de Teresina como anteriormente, e nem mesmo as doações para a igreja eram feitas com a regularidade de outros tempos

Todos os dias há banquetes, há bailes, há festas profanas para as quais não falta dinheiro: as festas da igreja são feitas cada vez com maior dificuldade, porque são poucos os que contribuem e já estão esgotados. Nem os leilões dão mais, porque não aparecem licitantes, e as joias são laranjas, caixinhas de segredo que não valem dez tostões, pratos de comida. Por quê? Porque diminuiu a fé, as crenças não são as mesmas, a igreja está ameaçada de morte [...]⁸³

As modificações culturais estavam além das questões relacionadas ao modo de se comportar na sociedade, e dessa forma introduziam-se também novas práticas, novas formas de sentir e perceber o mundo. Os homens, durante as primeiras décadas do século XX, já se

⁸² NEVES, 2000, p. 96.

⁸³ NEVES, 2000, p. 97.

permitted demonstrarem seus sentimentos de felicidade, de amor, de tristeza e de desamor. A poesia abaixo, de Clodoaldo Freitas, retratou a sua dor diante da doença de seu filho Lucídio Freitas:

Eu nunca me prostrei ante os altares
 Nem jamais invoquei de Deus o nome;
 Vendo entretanto o mal que te consome,
 Ergo, contrito, ao céu tristes olhares!
 [...]
 Na agonia mortal dessa certeza,
 Contemplo a definhar, cheio de espanto,
 Gênio, glória, beleza e mocidade!⁸⁴

Clodoaldo Freitas também fez menção às mudanças nos homens com relação ao amor romântico. Para ele, os homens da época já passavam a demonstrar seus sentimentos e valorizavam o amor romântico

As demonstrações de sensibilidade e afeto surgiam também nas relações entre os homens e as mulheres. Segundo Clodoaldo Freitas, os novos homens permitiam-se viver experiências novas, valorizando o amor romântico. Clodoaldo enfatiza, em alguns personagens, seu caráter sensível. É o caso de Carlos, no romance *Por um sorriso*; rapaz bem educado, fino e sincero nos amores, nas relações afetivas com as mulheres, sabendo respeitá-las e amá-las. Deste modo, Carlos constrói a relação com Teresa, entrega-se a esse amor, coloca a mulher amada como centro de seu mundo, sua musa inspiradora, não tendo olhos para mais nada.⁸⁵

A cidade de Teresina, entre as décadas de 1910 e 1920, passava por uma série de mudanças substanciais que afetavam as maneiras de ser do povo, bem como pela introdução de outras formas de sociabilidades. Segundo Castelo Branco, essas transformações culturais também afetavam os comportamentos dos meninos de elite e dos grupos médios, com a decadência de certas práticas infantis e a incorporação de novos hábitos e sociabilidades.⁸⁶

No início dos anos 1920, entre as práticas infantis que estavam visivelmente em decadência estava a de andar montado em carneiros, como relembra Bugyja Britto⁸⁷:

⁸⁴ FREITAS, Clodoaldo. Dor de pai. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, v. 3, [s.n.], 1921, p. 136.

⁸⁵ CASTELO BRANCO, 2005, p. 133.

⁸⁶ CASTELO BRANCO, 2005, p. 134.

⁸⁷ Antonio Bugyja de Souza Britto natural de Oeiras nasceu em 21 de maio de 1907 e faleceu no Rio de Janeiro em 03 de dezembro de 1992. Bacharel em direito pela Universidade do Brasil em 1933. Foi co-fundador do

No meu tempo de criança constituía prazer da meninada [de Oeiras] andar passeando a carneiro, de tarde; enquanto um adulto ou senhor que tinha realce na sociedade comprazia-se em passear a cavalo pelas ruas da cidade, um menor animava-se em usar o carneiro. Imitando os meus colegas de idade [7 anos] que possuíam carneiros para passeios, eu gostaria de ter o meu[...] Meses depois viajamos para Teresina; na capital piauiense já estava caindo de moda o uso do carneiro, como montaria infantil.⁸⁸

Outro ponto bastante desanimador para literatos e cronistas da época eram as muitas dificuldades relacionadas ao desenvolvimento de uma cultura letrada em Teresina, em face da existência de uma grande quantidade de analfabetos, além de outros problemas, como o pequeno número de tipografias, a falta de papel e as limitações para a publicação, um exemplo disso é o romance *Um manicaca*, só publicado cerca de oito anos após sua escritura. As condições de publicação nas tipografias dos jornais, bastante rudimentares, a busca de publicação fora do Estado, e ainda a falta de um público leitor regular, associadas a outros inúmeros problemas, compunham um cenário bastante sombrio para o desenvolvimento da cultura ligada à escrita.⁸⁹

Com relação ao processo de desenvolvimento de uma cultura escrita e da educação formal em Teresina, o projeto dos literatos de construção de uma nova sociedade partia de uma postura reformadora. Utilizavam para isso sua escrita e sua produção literária, estratégias de ação cujo objetivo era o de provocar transformações na sociedade. Segundo Castelo Branco:

A proposta era de que as pessoas rompessem com práticas tradicionais de uma mentalidade rural, fundamentada na oralidade, e comesçassem a incorporar, nas suas práticas cotidianas, uma relação mais estreita com a cultura escrita, com as sociabilidades cidadinas e com a escola, passando a se subjetivarem de outra forma.⁹⁰

Castelo Branco apontou uma série de trajetórias possíveis para os homens nas primeiras décadas do século XX, como a de Cristino Castelo Branco, e a escolha do caminho das letras

jornal *O lábaro* (1926), do *Cenáculo piauiense de letras* (1927) e colaborou também nos jornais em *O Piauí*, *A Imprensa*, *Gazeta* e *A revista de Teresina*. Membro da Academia Piauiense de Letras.

⁸⁸ Memória de Bugyja Britto apud CASTELO BRANCO, 2005, p. 49.

⁸⁹ Sobre as muitas dificuldades com relação a impressão, tipografias e recursos ver: PINHEIRO, Celso. *História da imprensa no Piauí*. Teresina: COMEPI, 1972. p. 26. Já sobre as questões relacionadas aos obstáculos para a formatação de uma sociedade estabelecida numa cultura letrada ver: QUEIROZ, 1998a, especialmente o terceiro capítulo.

⁹⁰ CASTELO BRANCO, 2005, p. 22

como forma de subjetivação. Através dos relatos de Cristino Castelo Branco e de Bugyja Britto, nos revela que existiam indícios de que a educação na cidade de Teresina abrangia, sobretudo os grupos de elite.

A escola parece no relato de Cristino ser caminho sem atropelos, não relata no seu período escolar a presença de atividades vinculadas ao mundo do trabalho. Ao término das aulas primárias, engaja-se nos preparatórios do Liceu Piauiense, dando continuidade à formação escolar. No que diz respeito aos aspectos materiais, o fato de morar em Teresina, cidade que contava com aulas secundárias, assim como o de ter na família parentes que haviam alcançado a formatura superior, podem ter contribuído para que Cristino Castelo Branco não só concluísse os estudos secundários com apenas 15 anos, mas de ter, já nessa idade, ingressado no curso superior em Recife.⁹¹

Abdias Neves, literato da época, também procurou redefinir o mundo em que vivia, a partir de um discurso racional, de um saber institucionalizado, criando modelos que funcionavam como prescrições de comportamento na sociedade, tanto para homens, quanto para mulheres. Exemplo é o do personagem Praxedes, no romance *Um manicaca*. Segundo Castelo Branco, Praxedes é o modelo mais bem elaborado dos novos padrões de masculinidade que se constituíam. Bacharel em Direito, culto, conhecedor das leis, da ciência, respeitado por seus posicionamentos políticos, era socialmente refinado, educado e polido com as mulheres.⁹²

Castelo Branco ao explorar biografias e autobiografias de literatos no início do século XX, através das trajetórias de vida, mostra que os homens das letras emergiam como modelos de civilidade. Eram homens que possuíam uma nova forma de ver o mundo, letrados, e acima de tudo extremamente fragmentados, imensos numa mesma comunidade afetiva, porém divergentes quanto aos vários símbolos da modernidade. Higino Cunha, Abdias Neves, Clodoaldo Freitas e Jônatas Batista foram exemplos desses novos modelos de homens da cidade e da cultura.

Para os cronistas e literatos piauienses vários hábitos se constituíam em maus costumes da população de Teresina e estes deveriam ser combatidos para a edificação de uma sociedade civilizada. Costumes relacionados ao modos de se vestir, de falar, de se comportar em público; proibições às práticas de andar bêbado na rua, falar alto, utilizar-se de palavrões, fazer gestos obscenos, desacatar as pessoas com más palavras, banhar nu na Barrinha,

⁹¹ BRITTO, Bugyja. *Narrativas autobiográficas*. Rio de Janeiro: Folha Carioca, 1977.

⁹² CASTELO BRANCO, 2005, p.137.

embriagar-se e fazer escândalos; desgostos com a presença de mulheres descabeladas e brigando na rua, fazendo algazarra e até mesmo com a presença de crianças em festas. Os literatos, como os cronistas, tratavam das dificuldades para a constituição de uma sociedade civilizada em Teresina.

4 A ESCRITA RESSENTIDA DE CRONISTAS E LITERATOS PIAUIENSES

O objeto deste capítulo é explorar a dimensão dos ressentimentos na escrita de literatos e cronistas, já que muitos autores piauienses do período em questão demonstraram esses sentimentos em sua escrita, que se revelaram através de poemas, crônicas, em livros e em publicações diversas. Queiroz explicita que a produção de muitos escritores desse período era marcada por ressentimentos associados a várias razões: por não terem fama, devido às condições financeiras, pelas incertezas quanto à posteridade de suas obras, por não conseguirem se firmar nos grandes centros, pela não inserção no serviço público local, pelos insucessos na política, por habitarem um Estado de características provincianas.¹ Entre os sentimentos presentes na escrita dos literatos Queiroz destaca: a saudade, o amor, a melancolia, a dor pela morte de entes queridos, como irmãos, pais e amigos.

Entretanto, pretendo ir além desses sentimentos citados e já estudados, elaborando um inventário dos ressentimentos ligados aos constrangimentos provocados, produzidos, e ou sentidos pelos habitantes que não se ajustavam aos novos parâmetros da modernidade e da civilidade. Assim, o ponto central de discussão deste capítulo não é a questão da civilidade, prescrita pelos cronistas em sua escrita, e sim as das ressonâncias produzidas por essa não adequação aos novos modelos de se comportar e viver na sociedade teresinense do início do século XX.

Segundo Bresciani e Naxara o termo ressentimento está ligado a sentimentos como o rancor, a inveja, o desejo de vingança, o fantasma da morte, ou mesmo ao ódio recalcado, sendo que esses sentimentos geralmente estão ligados à parte sombria e inquietante da história do ser ou da coletividade. Outro aspecto importante é que o ressentimento pode estar associado diretamente a uma sensação de impotência para exprimir de forma ativa aqueles sentimentos, ou mesmo à experiência renovada de uma impotente hostilidade.²

O desejo de modernidade contrastava com a realidade concreta. Teresina era um lugar de poucas oportunidades, onde praticamente tudo demorava a se concretizar, desde o calçamento, energia elétrica e até mesmo um público alfabetizado. Viver na cidade em que os valores de uma vida tradicional estavam enraizados e onde a modernidade e os padrões de civilidade demoravam a se instalar, contribuía para que na cidade predominasse um cotidiano

¹ Todos estes aspectos mencionados foram pesquisados na obra: QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*: Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. Teresina/João Pessoa: EDUFPI/EDUPB, 1998a. p. 122-135.

² BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Org.). *Memória e (res)sentimento*: indagações sobre uma questão sensível. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004. p. 15.

marcado por mexericos, por intrigas e pelo hábito de falar da vida alheia que gerava conflitos e sentimentos diversos.

As crônicas elaboradas no período em questão auxiliaram a entender melhor a sociedade teresinense, com seus personagens pitorescos, e com suas histórias e projetos vitoriosos ou malogrados. As práticas discursivas dos cronistas, com seus projetos de construção de novas sociabilidades dentro de um padrão europeu conviviam com os embates advindos da não adequação aos novos modelos e padrões de vida.

Bresciani ressalta a existência de diversidade de formas de ressentimentos, que podem ser subdivididos de acordo com a sua intensidade. Para ela, é mais fácil traçar a história de ódios do que a história dos fatos objetivos o que constitui uma dificuldade para os historiadores, que devem ter cuidado redobrado na análise dos ressentimentos. É tarefa dos historiadores compreender precisamente o não dito, o que não está explícito, o não proclamado, aquilo que é negado e que se constitui no móbil das atitudes, concepções e percepções sociais.³

Para Bresciani e Naxara, memória e ressentimento são duas dimensões inefáveis da condição humana, e se manifestam quando não somos induzidos ou constrangidos a expor, por meio da linguagem, aquilo que guardamos no mais profundo de nosso foro íntimo. Os ressentimentos existentes na escrita de cronistas e literatos piauienses se enquadram nessa perspectiva, desde que os ressentimentos estão presentes, nas memórias biográficas e autobiográficas.⁴

Assim, neste capítulo, elaboro um quadro de ressentimentos sob quatro perspectivas: primeiro, analisar os ressentimentos resultantes das críticas dos viajantes sobre a cidade e as imagens construídas sobre esta, devido à falta de infraestrutura ou à ausência de um aparato que a caracterizasse como uma cidade moderna; segundo, explorar a dimensão das mágoas familiares que resultaram dos choques dos novos moldes de comportamento com os velhos hábitos tradicionais da sociedade teresinense; terceiro, analisar os ressentimentos com relação às mudanças de comportamento e aos novos hábitos femininos que introduziam outros costumes, nem sempre bem vistos; e, por último, a recusa à modernidade e as ambiguidades geradas com aceitação e/ou a negação das mudanças que estavam ocorrendo no início do século XX.

³ BRESCIANI; NAXARA, 2004, p. 29.

⁴ BRESCIANI; NAXARA, 2004, p. 9.

4.1 A cidade ressentida à espera da modernidade

Os escritos sobre a cidade de Teresina no início do século XX caracterizaram-se pelas queixas e incertezas que a modernidade estava inaugurando. Os ressentimentos eram comuns a respeito da falta de um aparato técnico, das deficiências da cidade, da demora da efetivação do projeto modernizador das elites, das críticas dos viajantes, da pobreza existente e da persistência dos costumes tradicionais. Esses aspectos geraram uma escrita ressentida sobre a cidade.

Na abertura do primeiro volume da obra *Teresina descalça*, Orgmar Monteiro, ao justificar o título do livro, revela que ele nasceu de uma mágoa de criança. Monteiro afirmou que o título do livro originou-se da zombaria de duas primas de Belém que vieram passar as férias em Teresina. As meninas, através de ironias, ridicularizavam a cidade quanto ao seu tamanho, e por não ter calçamento, além da ausência de outros melhoramentos.

Belém, na época era uma metrópole, se comparada a Teresina, as duas primas zombavam do menino Orgmar que ficava tão constrangido e aborrecido com o sarcasmo delas que o assimilaria e o transformaria em título de suas memórias, muitos anos depois. O pé descalço do título remete diretamente a uma conotação de pobreza que envolveu uma construção discursiva sobre Teresina no início do século XX. Segundo Orgmar Monteiro:

Teresina era uma cidade sem calçamento.
As crianças andam descalças pela força telúrica do contato com a terra e os pobres pela força da penúria que não lhe permite andar calçados. Ambos estão de pés descalços. Teresina tinha essas duas forças: era o período de sua infância. A escassez de recursos não lhe permitia calçar as ruas. São estas as lembranças mais recuadas que guardei.
Evidencia-se a conotação da pobre menina com a cidade pobre.
A cidadezinha jovem e pobre. Menina aldeã. Capital provincial. Provinciana criança. Uma e outra se retratam qual imagem reproduzida num espelho.
O esforço de memorizar o que vi e ouvi para descrever o que me ficou n'alma nos tenros anos destacou-se nas lembranças pelo que as duas primas, Lourdes e Lulinha, contaram-me da sua cidade natal, Belém.
Cidade calçada de paralelepípedos.⁵

⁵ MONTEIRO, Orgmar. *Teresina descalça*: memória desta cidade para deleite dos velhos habitantes e conhecimentos dos novos. Fortaleza: Edições Iocce, 1987. v. 1, p. 19.

Em 1915, Buggy Britto, com então 7 anos de idade, veio de Oeiras para Teresina com toda a sua família, e entre as justificativas citadas para a mudança, destacou a busca de melhores oportunidades de emprego para o pai e de melhores condições de educação para as crianças, já que Teresina era a capital do Estado. Britto, ao narrar a transferência de sua família de Oeiras para Teresina, também revelou um grande ressentimento ao se referir à perda da hegemonia da antiga capital do Piauí. Durante toda a narrativa, o autor descreve de forma ressentida e cheia de saudosismo os tempos áureos de sua terra natal. Assim Buggy Britto se referiu à velha cidade:

Ainda hoje estou a recordar o último dia em que deixei essa legendária terra, em que meus olhos de criança aos sete anos e dez meses de idade vislumbraram pela última vez o perfil gracioso dos morros circundantes e o coleio vaidoso do murmurante Mocha [...] Oeiras epopéia dos meus sonhos, fonte gotejante de minhas recordações, alma dos meus versos, esperança da minha existência, estímulo do meu trabalho cotidiano, felicidade de minhas filhas!⁶

Para ele, Oeiras simbolizava uma civilização original, uma vez que descendia da fusão da cultura portuguesa, da indígena e a africana. Buggy Britto descreveu a Oeiras do passado como uma metrópole do sertão nordestino que viveu seus dias históricos no século XIX, protagonizando as lutas pela independência, e que teve ainda uma efetiva participação no envio de voluntários para a Guerra do Paraguai, além de ter sido o centro de outros fatos importantes como as lutas políticas contra o Visconde da Parnaíba.⁷

Lucídio Freitas, outro poeta piauiense do início do século XX, no poema *Evocações*, recordou a sua terra natal e a sua gente como sendo um patrimônio precioso. O poema rememorou uma cidade sem o aparato da modernização, um lugar afetivo que o poeta guarda na memória sendo que o tempo que ficou dela distante foi caracterizado como angustiante e doloroso. Segundo Lucídio:

Como é bom recordar... Lembrando, a gente
Como num sonho de ouro se ilumina.
Recordação é fonte, alta e divina,
De onde brota o consolo do presente [...]
[...] Teresina apagou-se na distância
Ficou, longe de mim, adormecida,
Guardando a alma de sol da minha infância

⁶ BRITTO, Buggy. *Narrativas autobiográficas*. Rio de Janeiro: Folha Carioca, 1977.

⁷ BRITTO, 1977, p. 129

E o minuto melhor da minha vida.

E eu sigo, e eu vou para a perpétua lida,
Espera-me, distante, uma outra estância...
É a parada da luta indefinida,
É a minha febre, minha dor, minha ânsia...

Como são infinitos os caminhos!
E como agora estou tão diferente,
Carregado de angústias e de espinhos! [...].⁸

Freitas fez uma caracterização da vida no campo, suas origens e seus hábitos, vida considerada “humanamente boa, simples e perfeita”. Ao lembrar-se do seu passado, caracterizou de forma saudosista a cidade de Teresina, comparando as pessoas de fora com seus os conterrâneos. O autor revelou a vida social de Teresina com uma predominância de hábitos rurais, a presença de boêmios trovadores, as canoas atravessando o rio, o canto das aves, o desabrochar do sol, o trabalho diário dos pescadores, e dos agricultores que ganhavam o “pão” na lida com a roça, o contentamento dos roceiros em sustentar a família com o trabalho, a religiosidade do povo e as procissões no largo da Igreja do Amparo.

Outro aspecto interessante e revelador do poema era que cidade e campo se misturavam numa mesma Teresina, mostrados de forma diferente como se fossem dois locais contrários. Entretanto, constituindo a mesma cidade. Teresina, naquele momento, para o autor era um lugar em que a modernidade chegava lentamente. Uma terra apontada como sendo cheia de humildade, sem tumultos, sem desordens ou movimentos bruscos que alterassem o ritmo de vida, onde o progresso demorava a chegar, onde as pessoas viviam na mais perfeita simplicidade, e mesmo sendo uma terra primitiva tornava-se sua cidade adorada.

Já a cidade grande é qualificada como um lugar que embriaga e atordoa, de vida dura, de barulho infernal e doentio, de aspecto sombrio, e de futuro incerto para os homens, com a presença de uma multidão faminta pelas ruas, um lugar que a população vive embriagada de prazer. Dessa forma, podemos perceber que Teresina, na visão do poeta Lucídio Freitas estava mais próxima da cidade provincial, e do interior do que da metrópole que atordoa e impressiona. Segundo Freitas, a cidade moderna produzia pessoas com as seguintes características:

– Que de palermas e idiotas,
Digo, lançando um olhar pela Cidade,

⁸ FREITAS, Lucídio. Evocações. In: _____. *Poesia completa*. Teresina: Convênio APL/UFPI, 1995. p. 137.

Hão de surgir
 Neste Amanhã que vem desabrochando!...
 O sêmen procriador destes janotas
 Há de somente produzir
 Toda uma geração de inconscientes,
 De espíritos doentes,
 Que nascem logo os hospitais buscando [...].⁹

Na visão de Lucídio Freitas certos costumes da população estavam diretamente relacionadas à vida na cidade, enquanto outros eram ligados ao campo. Para Raymond Williams existe um embate retórico tradicional vindo desde a literatura grega e a latina entre a vida urbana, caracterizada pela ganância, barulho, mundanidade e ambição, e a vida do campo, marcada pela paz, inocência e por virtudes simples. Segundo Williams, foi a partir de Roma que esse contraste se cristalizou, e a cidade passou a ser vista como um organismo independente e um lugar de corrupção dos costumes, onde se aglomeravam cafetinas, acompanhantes profissionais, donos de salões, malandros e prostitutas.¹⁰

Clodoaldo Freitas, no conto intitulado Mãe dolorosa, revelou muitos aspectos do cotidiano de Teresina, especialmente os hábitos da população. Alguns lugares citadinos foram caracterizados como locais onde se encontravam moças decaídas, caso das proximidades das margens do rio Parnaíba e dos arredores da praça Rio Branco, com o cessar da luz, e após a cidade ficar às escuras. Freitas mostrou outras sociabilidades que se constituíam nos espaços da capital. Com essas descrições flagrou a cidade e seus limites. Outro ponto importante exposto no conto foi a própria sensibilidade do autor em relação à modernidade, às mulheres e aos costumes.

Teresina era uma cidade que diferia do modelo desejado por uma parcela dos habitantes, e esse tipo de situação se configurou bem na escrita de Clodoaldo Freitas. Em Mãe dolorosa, Freitas narrou o relacionamento amoroso de um rapaz com uma prostituta, que posteriormente engravidou, mostrando que ele só a namorava na praça Rio Branco, depois que as luzes se apagavam.

Em Mãe dolorosa, o autor comparou Teresina a uma cabocla, nova, bonita, vestida de chita e de pés descalços, pois mesmo a praça Rio Branco sendo o centro da cidade, e já tendo recebido certos benefícios para seu embelezamento, contudo, quando se olhava para o chão era como se a cabocla toda bonita e vestida de seda, mas de pés descalços, lembrasse a pobreza da terra.

⁹ FREITAS, 1995, p. 19.

¹⁰ WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 70-75.

A noite estava fresca e silenciosa. Saí com Maria em passeio pela cidade. Entramos no jardim da praça Rio Branco e nos sentamos em um dos bancos mais retirados. Poucos transeuntes e estes mesmos soldados e prostitutas. Aquele silêncio embelezava a paisagem. Os focos elétricos já haviam sido extintos, como de costume. A civilização piauiense só dura até às 22 horas. Daí em diante, Deus encarrega-se da iluminação pública. A luz elétrica de uma cidade suja e barbarizada como Teresina, dá a idéia de uma cabocla vestida de seda e descalça [...].¹¹

Ao comentar que Teresina só tinha iluminação até às 22h, Clodoaldo caracterizou e evidenciou a precariedade das condições materiais da cidade. Posteriormente, afirmou que o casal ia para as ruas mais escuras onde ficava o Armazém do Porto, e ficava lá namorando no escuro, pois era um local em que não existia iluminação alguma.

Saímos e fomos a passos lentos, muito aconchegados e silenciosos até o rio e nos sentamos em um dos bancos, sob o arvoredor em frente do escritório da Companhia. O silêncio era completo e a escuridão profunda. Apenas ouvíamos, de vez em quando, o grito estrídulo dos doidos do Hospício ou o brado de alerta das sentinelas da Casa de Detenção.¹²

Na crônica *Uma necessidade*, a precária iluminação pública da cidade de Teresina era exposta, sendo que a ausência de luz afetava as imediações do Teatro 4 de Setembro, na época, um dos espaços mais frequentados pela sociedade teresinense. Nesse texto, o cronista clamou pela regularização do serviço de iluminação no principal ponto de diversão da cidade e atribuiu esse problema à falta de recursos da municipalidade.

Impõe-se, como necessidade de alto alcance, uma iluminação regular no Teatro 4 de Setembro – que é o principal ponto de diversões da sociedade teresinense.

A iluminação até hoje adotada ali não satisfaz perfeitamente os seus fins. Deve-se cogitar de um outro meio, que dê melhores efeitos.

A luz acetilênica, atualmente, é a que se vai desenvolvendo por toda a parte, e, assim, deve o poder competente providenciar para que seja adquirido um dos respectivos gasômetros, para com ele ser dotada a nossa casa de espetáculos.

A nossa crise financeira é difícil, sabemos-lo, mas as despesas com um daqueles aparelhos não é grande e será de mui agradáveis resultados.¹³

¹¹ FREITAS, Clodoaldo. Mãe dolorosa. *Correio do Piauí*, Teresina, ano 1, n. 61, 15 dez. 1921.

¹² FREITAS, 1921.

¹³ UMA NECESSIDADE. *Gazeta*, Teresina, ano 5, n. 200, 26 maio 1909, p. 2.

Existem muitas outras referências à cidade do ponto de vista da ausência dos artefatos urbanos que caracterizavam uma cidade moderna. Essa ausência era vista como um objeto de sofrimento e de vergonha por muitos cronistas, devido principalmente, às críticas de fora da cidade, que desqualificavam Teresina do ponto de vista do aspecto da urbanização, bem como em relação a outros pontos, como as relações familiares, os costumes e a existência de hábitos considerados provincianos.

Teresina era uma cidade que se pretendia moderna, e a própria existência do teatro, além de seus muitos usos, já significava uma diferença em termos de padrões de civilidade. Contudo, o acesso ao teatro e a outras ruas centrais da cidade se tornou inviável, visto que as ruas estavam repletas de areia e lama, sendo comum as pessoas escorregarem e caírem em buracos, o que acarretava muitos transtornos, fazendo as pessoas chegarem sujas ao teatro ou terem que voltar para casa.

Na coluna *Pela cidade*, temos um relato sobre dois viajantes e suas reações diante dos problemas da cidade. O cronista mostra-se preocupado com a imagem de Teresina que esses estrangeiros teriam diante dos problemas estruturais atestavam a pobreza e o distanciamento da civilização. Os problemas da cidade, como a falta de infraestrutura, denunciava um distanciamento dos ideais de modernização.

Assim, era frequente que os viajantes fizessem comentários depreciativos sobre a cidade. Na coluna *Pela cidade*, o redator afirmou que dois viajantes passeavam pelo centro de Teresina quando ficaram represados pelas águas das chuvas que escoavam pelas ruas e os mesmos começaram a soltar pilhérias acerca da cidade. Nesse texto, podemos perceber um ressentimento na escrita do cronista resultante da crítica dos viajantes sobre Teresina, e um constrangimento pelas zombarias de que a cidade era objeto. Nessas críticas, predominava uma visão de que Teresina era uma cidade pequena e que não possuía artefatos como os existentes em outras cidades da época como Recife, Belém e Rio de Janeiro.

Ainda há poucos dias, dois hóspedes estrangeiros, segundo fomos informados, estancaram, após uma chuva, na confluência da rua Quintino Bocaiúva com a Paissandu, a espera da vazante, para poderem atravessar uma dessas ruas. E enquanto esperavam, revelavam algum humor a respeito do embaraço [...].¹⁴

Porém, os viajantes também eram um alvo dos cronistas, eles eram ironizados e seus comportamentos considerados artificiais, como o modo de vestir e de se comportar. Elias

¹⁴ PELA CIDADE. *Gazeta*, Teresina, ano 4, n. 138, 18 mar. 1908, p. 2.

Martins narrou que os caixeiros viajantes que chegavam a Teresina eram bem recebidos e tornavam-se referência de comportamento e de vestir. Os viajantes seduziam os consumidores com as suas novas mercadorias, ganhavam fortunas, despertavam admiração e inveja, e se transformavam em ídolos entre os carregadores manuais e os funcionários de hotéis que os recebiam. Martins ironiza a plena disponibilidade dos carregadores e funcionários para receberem ordens que logo eram obedecidas com capricho e ânsia.

Ninguém excede os bandoleiros do tráfico, longe das firmas que representam, gastando como incógnitos príncipes em excursões a estranhos reinos. Sempre de branco, de puro e lustroso linho, da mesma cor chapéus e botas, bengala de castão doirado, são pelas ruas prenúncios vivos, regulando a marcha dos satélites em vultosa cauda.¹⁵

4.2 Os ressentimentos familiares na escrita de literatos piauienses

Outro tipo de ressentimento presente nas escritas de literatos e escritores piauienses do início do século XX era a mágoa familiar. Escritas sentimentais apareciam marcadas por lamentações sobre a relação entre sogro e genro ou entre pai e filho e revelam um pouco do universo cotidiano dos literatos piauienses.

Antonio Bugyja de Souza Britto ao descrever seu pai, Raimundo de Souza Britto, em suas memórias autobiográficas também o fez de forma ressentida. Expõe que não compreendia o comportamento desregrado de seu pai, e que o levava a sucessivos erros, já que o mesmo tivera uma boa criação e educação e que gozara ainda de recursos financeiros, de boa e liberal orientação paterna e materna e ainda por contar com exemplos de civismo, juízo e intelectualismo sadios na família.

Bugyja Britto sugeriu que o comportamento de seu pai, caracterizado como uma figura singular, de espírito irrequieto e indisciplinado e de comportamento desregrado poderia ter origem em problemas psíquicos. Contudo, nas opiniões da mãe e da avó de Bugyja, o seu pai se igualava nas idéias, nos costumes e nas práticas ao seu avô materno Dr. Manoel Pereira da Silva e ao seu tio materno Licurgo de Paiva. Dois indivíduos que haviam fracassaram na vida, apesar da inteligência, dos bens herdados e da personalidade forte. Sobre o seu pai, Bugyja Britto o descreveu como:

¹⁵ MARTINS, Elias. *Fitas*. Teresina: Tipografia do Jornal de Notícias, 1920. p. 53.

Ele seria (e não foi?) um sonhador e, como tal, um desinteressado dos problemas materiais que dizem respeito a si mesmo.

Dele se poderia ainda dizer, sem pecha de injustiça, mais isto: não fazia amigos e reclamava por não tê-los; gostaria de melhorar na vida, mas uma força estranha, ao que parece, obumbrava o gosto que tivesse; era inteligente, mas agia sem aplicar a sua inteligência; tinha leituras e, portanto conhecimentos úteis, mas não usava o que sabia de acordo com esses conhecimentos, não era de má índole e tinha rasgos de cavalheirismo.¹⁶

Bugyja Britto, em tom de melancolia, revelou a não adaptação de seu pai aos códigos urbanos de civilidade de Teresina. Esse ressentimento familiar derivou, talvez, do choque entre o modelo masculino tradicional e os novos modelos de masculinidade que se instauravam na sociedade teresinense do início do século passado. Britto afirmou que as dificuldades econômicas começaram no segundo ano após a chegada em Teresina (1917), quando o seu pai fora demitido do emprego na farmácia Collect, que era a mais importante da cidade na época. Sobre o fracasso do pai, Bugyja Britto revelou que:

Os empregos públicos (em número de dois) que ele obtivera em Teresina, por influência do Cel. Antônio de Campos, um *leader* da política estadual de então e nosso aparentado de Oeiras, alijou-os mal começara a trabalhar neles; os empregos tinham chefes e, portanto, qualquer funcionário estaria sujeito a obediência regulamentar [...] Há, aí, nessa visão de conteúdo indisciplinado, uma manifestação de euforia perturbada – segundo os entendidos que andaram estudando esse fenômeno de reações que se chocam: *quer ser obedecido, mas não quer-se ser obediente...*¹⁷

O comportamento do pai de Bugyja Britto poderia estar associado a um sujeito que tinha dificuldades de se relacionar com outras pessoas, principalmente no que se referia às relações que estão sujeitas a obediência. Britto descreveu seu pai como um sujeito fruto das relações sociais do final do século XIX e de difícil adaptação aos novos códigos de civilidade da modernidade, e assim afirmou:

Todavia, parece-me que um motivo importante foi o gênio do meu pai, carregando um desajuste nas relações da vida em sociedade. É que o seu temperamento exaltado e ao mesmo tempo tímido, as suas ideias revolucionárias ou de pregação em favor de uma luta social renovadora, o seu idealismo por uma existência melhor para o homem através de uma filosofia própria, tornava-o um elemento bizarro na sociedade de que era parte.¹⁸

¹⁶ BRITTO, 1977, p. 175.

¹⁷ BRITTO, 1977, p. 177.

¹⁸ BRITTO, 1977, p. 95.

Já Higino Cunha, ao narrar suas memórias, revelou um profundo ressentimento com relação a seu sogro, em virtude principalmente da influência deste sobre a sua vida conjugal. Em *Memórias: traços autobiográficos*¹⁹ Cunha escreveu um capítulo que tratou especificamente da relação com seu sogro, o Coronel Manuel Raimundo da Paz²⁰ e da interferência dele sobre sua vida afetiva. Cunha descreveu que a interferência do seu sogro se dava:

Sob pretexto de seguir viagem logo depois do ato matrimonial, meu sogro me reteve em sua casa, não consentindo que o novel casal fizesse ménage à parte, nem partisse imediatamente para o seu destino, partida que só se realizou em setembro. Foi o primeiro erro depois do casamento [...] Daí por diante, nunca mais cessou a interferência do sogro na minha vida conjugal, tornando-se o maior embaraço em todas as minhas legítimas aspirações de independência [...].²¹

Contudo, antes da publicação do seu livro de memórias, Cunha fez modificações no capítulo que tratou da relação com seu sogro, a pedido do seu cunhado. É possível, porém, que como forma de protesto e para evidenciar que a sua relação com seu sogro não era das melhores, Cunha, em seu livro de memórias conservou o início e o final do texto original, suprimindo assim, a parte em que tratou especificamente de Manuel da Paz. O autor, todavia, deixou no texto original uma parte considerável de reticências entre os parágrafos, como forma de demonstrar que ali existia algo escrito e que foi suprimido.

Outro ponto importante é que título do capítulo difere do que aparece no sumário do livro. Talvez propositadamente, Higino Cunha tenha conservado o título original no sumário - A influência nefasta do meu sogro na minha vida conjugal - e no interior do livro colocado o texto modificado intitulado de a Interferência indébita do meu sogro em minha vida conjugal para revelar ao leitor que o texto fora modificado.

Higino Cunha em suas memórias revelou-se também bastante frustrado com os rumos que sua vida tomou e diante das desavenças familiares e políticas. Considerando sua trajetória profissional e pessoal Cunha expunha amargura, seja por não ter alcançado melhores postos na administração pública, seja por não ter sido exaltado pelas glórias das vitórias políticas obtidas, e também por não ter enriquecido ou ter que sobreviver de escassos recursos obtidos

¹⁹ CUNHA, Higino. *Memórias: traços autobiográficos*. Teresina: Imprensa Oficial, 1939.

²⁰ Manuel Raimundo da Paz. Rico comerciante de Teresina, estabelecido à rua Paissandu. O Coronel Manuel da Paz foi um homem de grande influência na sociedade teresinense do início do século XX, chegou a exercer o cargo de Intendente Municipal de Teresina entre os anos de 1893 a 1896.

²¹ CUNHA, 1939, p. 95.

através de uma aposentadoria de R\$700\$000, depois de mais de 40 anos de serviços prestados ao Estado. Cunha afirmou que:

Todos os meus companheiros ou êmulos conquistaram melhores posições dentro e fora do Estado, alguns deles viveram ou continuaram a viver vida folgada em sinecuras pomposas, enquanto eu sempre andei lutando contra a adversidade para não ser esmagado pelos meus concorrentes e servindo de agulha para muita linha ordinária. Meu consolo, embora amargo, é que cada um obra conforme a sua natureza e as circunstâncias do meio ambiente. Fui sempre muito maltratado pelos meus desafetos, que não me pouparam os apodos mais acerbos.²²

Outro episódio que pode caracterizar um ressentimento na escrita de escritores piauienses foi a retirada do sobrenome Castello Branco por Silvestre Tito Castello Branco dos seus filhos, devido às desavenças familiares. O interessante desse fato é que se repercutiu, mas não foi mencionado o motivo real, ou os motivos dessa discórdia. Segundo Cristino Castello Branco, Arimathéa Tito, pai e filho, amputaram o sobrenome Castello Branco por discórdias familiares de seus avôs. É possível que Cristino não tenha esclarecido tal fato, por realmente não saber os motivos, já que seu livro constituiu-se de narrativas correspondentes às suas memórias.²³

Lili Castello Branco, nascida em Portugal, criada em Belém, casou-se com Heitor Castello Branco, homem de posição social e prestígio político, senador, deputado federal, fazendeiro e rico empresário. Lili mudou-se para Teresina e ao chegar à cidade, despertou atenção da sociedade teresinense por ser uma mulher sociável, jovem, bonita, moderna, de classe média, de hábitos refinados, que usava roupas elegantes, sapatos finos e que gostava de ler, escrever e circular pela cidade, além de ser casada com um homem 21 anos mais velho do que ela.

Antes de vir a Teresina, Lili rememorou que fora alertada previamente pelo Marechal Pires Ferreira de que estava rumando para a uma sociedade diferente, de gente boa, mas atrasada, uma sociedade onde a civilização ainda não tinha chegado. Pires Ferreira alertara de que ela seria uma presa fácil, devido a seu comportamento desprendido e por sua inexperiência, mas principalmente por Teresina ser um ninho de fuxicos. Lili assim descreveu a vida em Teresina no início da década de 1920,

²² CUNHA, 1939, p. 97.

²³ CASTELLO na Casa de Lucídio Freitas. *Discurso de posse de Carlos Castello Branco na Academia Piauiense de Letras*. Teresina: [s.ed.], 1984, p. 11.

Infeliz da criatura que cai nas malhas de uma cidade atrasada, gente desocupada e maldosa, como Teresina dos anos de 1922, que vivi. Só havia uma opção para escapar dos fuxicos: ou ser hipócrita ou totalmente destituída de vaidade, inteligência e beleza. Eu era exatamente a presa preparada para ser focada, tinha todos os requisitos necessários para chamar a atenção e provocar mexericos.²⁴

No livro *Fases do meu passado*, Lili Castelo Branco fez um relato ressentido de seu passado, e da sociedade teresinense que, para ela, era marcada pelo hábito de falar mal da vida alheia. O fato de ter morado no Rio de Janeiro por muito tempo, de ser culta, de o marido ser mais velho e permitir que ela circulasse pela cidade e que cumprimentasse as pessoas, gerava comentários maledicentes e impertinentes que causavam mal estar em Lili. A autora mostrou-se ressentida com a sociedade teresinense da época, e assim a descreveu:

Os dias corriam, eu os achava monótonos e se não tivesse aquela filhinha adorada, pior, não suportaria a vida rotineira de Teresina antiga. Fiscalizavam-me tudo, opinavam sobre o que eu usava ou fazia como se eu fosse um ser à parte.²⁵

A relação entre Lili e sua sogra Dona Candinha fora marcada por conflitos, mas Lili afirma que relevava e aceitava as críticas e observações impertinentes da sogra pela necessidade de preservar a relação com a família e para não desagradar a seu marido. Em suas memórias, assim descreve a sua relação com a sogra:

Ganhei, creio eu, porque nunca lhe dei uma resposta atrevida, jamais lhe desobedei. Era minha sogra, tivesse os defeitos que tivesse, era a mãe de meu marido, a obrigação que tinha era respeitá-la, não desgostar uma senhora de idade que afinal fazia tudo sem intenção de humilhar, era caridosa. E, jamais, procurei fazer desmerecer, com conversinhas queixosas, o prestígio que ela tinha junto ao filho. Por vezes, custava-me aceitar as decisões dela, preponderantes, mas submetia-me e me adaptava a elas.²⁶

Segundo a memorialista, Lilli Castelo Branco, todos os seus passos eram monitorados pela família de seu marido, as roupas adequadas ou não para ocasiões, a quantidade de sapatos, a qualidade de suas roupas íntimas, uso de perfumes e até mesmo hábitos corriqueiros, como os de ler e escrever. A sogra Dona Candinha recriminava Lili por ter

²⁴ CASTELO BRANCO, Lili. *Fases do meu passado*. Teresina: [s.n.], 1983. p. 98.

²⁵ CASTELO BRANCO, 1983, p. 86.

²⁶ CASTELO BRANCO, 1983, p. 83.

escrito um artigo elogiando Celso Pinheiro e que teria despertado falatório geral da sociedade teresinense:

- Soube que vive estudando e isso já não é mais para você. Escreveu um artigo elogiando muito Celso Pinheiro e isso tem dado o que falar. Minha filha, tenha cuidado, aqui de tudo se comenta. Que é que você quer escrevendo sobre homens, ou mesmo mulheres, isso deixe para os poetas. Hoje é só no que se fala, nesse artigo, você tem o nome de seu marido a zelar. Sei que não fez com má intenção, mas foi um ato reprovável. Deixe esses estudos, cuide de seus enteados e filhos e nada mais. Jura Lili, que nunca mais fará esses escritos bestas? Heitor é por que acha tudo bem, mas, francamente, fica muito mal a uma senhora de família andar fazendo artigos de jornal, uma vergonha.²⁷

4.3 Mulheres pobres, decaídas e sem atrativos

A degradação masculina era objeto comum em muitas crônicas, entretanto, quando se tratava da mulher, o posicionamento dos cronistas era mais incisivo e marcado pela crítica exacerbada e crua. Havia crônicas a respeito da nudez, da pobreza, dos crimes, e dos atos de violência sofridos e cometidos por mulheres. Alguns textos relatavam a pobreza e a degradação das mulheres de Teresina. Muitas vezes essas crônicas tinham um caráter de denúncia, realçavam a dimensão grotesca dos fatos, quase sempre relacionados à vida de mulheres pobres:

[...] Há muito tempo assiste à margem do Parnaíba, deste lado, nas alturas da rua S. Antônio, a infeliz mulher Maria José, cujo estado deve fazer comover o coração das próprias feras.
O rosto coberto de feridas, cheia de fome, tendo sobre si miseráveis farrapos que lhe deixam a descoberto as regiões do pudor, - a desgraçada vítima ali se acha implorando a caridade que ainda não lhe ouviu as súplicas doloridas. Apenas fizeram-lhe um cercado onde recolheram-na.[...]²⁸

Em uma crônica da série em *Aos domingos*, Clodoaldo Freitas demonstrou ressentimento com relação às mulheres e a seus novos papéis sociais. Freitas, ao realçar aspectos como a maternidade, o papel da mulher na sociedade e na educação dos filhos evidenciou que o mundo urbano e a modernidade modificaram radicalmente os hábitos femininos, como os de amamentar e de cuidar dos filhos.

²⁷ CASTELO BRANCO, 1983, p. 89-90.

²⁸ INFELIZ Mulher: Moléstia, fome, nudez num cercado. *O Correio*, Teresina, ano 1, n. 6, 18 jul. 1901, p. 3.

Em tese geral, eu sou, em absoluto, contra toda a intervenção estranha na educação da infância, porque penso que o primeiro lapidar desse formoso diamante pertence à mãe, como o primeiro leite. É um dos mais suaves encargos da maternidade essa iniciação da infância no conhecimento exato das coisas.

As mães preguiçosas podem passar o serviço da primeira educação dos filhos aos mestres, que os não amam, como podem passar o serviço do primeiro leite às amas. Mestres e amas mercenários não podem substituir os desvelos próprios de uma mãe e a criança precisa deles para entrar na vida precavida contra os perigos e misérias que a cercam. Nada equivale ao amor materno e, por outro lado, a criança educada artificialmente por estranhos, aprende a desamar a família e a ser hipócrita.

Por mais que o mercantilismo pedagógico crie jardins de infância, eu prefiro a criança no lar, recebendo na família as primeiras noções das coisas.²⁹

Esse ressentimento de Clodoaldo Freitas acerca do papel feminino na sociedade também se relacionava a outras questões como a escolarização das mulheres, a recusa à execução de serviços domésticos, a demora para a realização dos casamentos, mas principalmente, estava relacionado ao incômodo provocado pelas mulheres, devido ao desenvolvimento da vida urbana e à modificação nos costumes como o surgimento do feminismo.

Algumas críticas dos redatores tinham uma preocupação moral, como que condenavam as relações extraconjugais e as que buscavam reforçar o matrimônio. Na crônica Infanticídio, o cronista enfatizou que um dos motivos para a prática do aborto por algumas mulheres era o fato de os filhos serem gerados fora do casamento e, assim, como as mulheres não podiam assumir publicamente sua gravidez, terminavam por praticar tal ato.

Na rua das Pedras, no dia 8 deste, o povo comentava pela manhã, um fato revoltante. No quintal da casa de Maria Rosa de Jesus uns porcos foram encontrados comendo um cadáver de uma criança recém-nascida. O ventre da criança estava dilacerado, o braço direito comido. Avisada a polícia, esta compareceu ao local e transportou os restos do cadáver para o hospital. Lá os seus médicos fizeram a autópsia do cadáver e reconheceram que a criança tinha nascido viva.

Maria Rosa de Jesus é casada e seu marido está na Amazônia. Tendo tido esta criança, fruto de seus amores criminosos, julgou ocultar sua desonra matando o filho ao nascer e colocando-o sob uma pedra no quintal, onde os porcos foram buscá-lo para devorá-lo.³⁰

²⁹ FREITAS, Clodoaldo. Aos domingos. *Pátria*, Teresina, ano 4, n. 268, 4 fev. 1906, p. 1.

³⁰ INFANTICÍDIO. Jesus matou um filho. *O Piauí*, Teresina, n. 1249, 11 dez. 1913, p. 3.

Elogios às mulheres como os recebidos por Amélia Bevilacqua³¹ em crônicas publicadas nos jornais de Teresina, ou elogios a senhoritas pelo aniversário ou pelo casamento, não eram a regra, mas a exceção. Geralmente, as mulheres eram alvos preferenciais dos cronistas e objetos de críticas com relação à não adequação aos novos padrões de comportamento exigidos pela modernidade, ou a mudança de costumes ou mesmo aos maus hábitos praticados em sociedade.

Mulheres sem educação e bêbadas, que perambulavam pelas ruas e faziam algazarras, sem beleza ou quaisquer atrativos, eram alvos constantes das crônicas publicadas nos jornais do início do século em Teresina. Os cronistas denunciavam constantemente atos de distúrbios, problemas disciplinares, violência e infanticídio. As muitas crônicas policiais e notícias quanto à violência, vandalismo e desordens presentes nos jornais de Teresina contrariavam de certa forma as afirmações feitas por Cristino Castello Branco que afirmou que Teresina era uma cidade calma e de pouca crônica policial.³²

Carlos Penna Botto, em sua temporada parnaibana, comentou que inicialmente estranhava os costumes piauienses, especialmente as mulheres e seus comportamentos nas festas. Acostumado ao requinte das festas do mundo europeu e norte-americano, via com estranhamento os hábitos femininos e a forma de elas se comportarem em eventos:

A princípio, nas minhas primeiras festas em Parnaíba, estranhava um pouco os costumes das gentis senhoritas piauienses. [...]
 Poucas moças dançavam o tango argentino, nenhuma o *charleston*; não gostavam de conversar durante as danças, dançavam mudas e com toda a atenção concentrada nos passos e, uma vez finda a música, agradeciam bondosamente aos cavalheiros e os deixavam incontinenti no meio da sala...
 Durante os intervalos das danças as moças se dirigiam para um lado do salão, os rapazes para outro, e assim ficavam separados até que a orquestra tocasse de novo.
 Nada de conversas, nem de misturas de saias com calças...
Similia cum similibus, tal era a senha.³³

³¹ Amélia Carolina de Freitas Bevilacqua. Nasceu em 07-08-1860 – Jerumenha-PI, e faleceu em 17-11-1946 no Rio de Janeiro. Poetisa, contista, cronista, jornalista e romancista, mulher que falava várias línguas, de vasta cultura e inserção social. Fundou a revista literária *O Lírio*, colaborou em diversos jornais do Piauí, do Rio de Janeiro e de Pernambuco. Participou da Academia Piauiense de Letras. A crônica de Clodoaldo Freitas elogiando Amélia a que faço referência é: FREITAS, Clodoaldo. Aos domingos. *Pátria*, Teresina, ano 4, n. 268, 4 fev. 1906, p. 1.

³² Cristino Castello Branco em suas narrativas biográficas ressalta que Teresina era um local calmo, com escassa violência e poucas crônicas policiais. Segundo ele, a cidade era alegre, o povo atencioso, simples e divertido, e entre as pessoas de situação havia a veneração pela inteligência e a valorização dos homens que sabiam coisas, como médicos, engenheiros e poetas. CASTELLO na Casa de Lucídio Freitas. *Discurso de posse de Carlos Castello Branco na Academia Piauiense de Letras*. Teresina: [s. ed.], 1984.

³³ BOTTO, Carlos Penna. *Meu exílio no Piauí*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1931.

Para Penna Botto, a moda adotada pelas mulheres piauienses não ficava distante daquela utilizada nas grandes cidades, com exceção da forma de se vestir adotada pelas Filhas de Maria, que tinham proibições de dançar, de usar trajes modernos, e que deviam rezar muito, confessar-se e comungar com grande frequência. Quanto às moças não pertencentes a essa congregação, o regime era o das saias e dos cabelos curtos.

As mudanças no comportamento das mulheres não passavam despercebidas aos cronistas. No jornal *O Piauí*, a Coluna Social, assinada geralmente por cronistas que utilizavam pseudônimos, criticava o uso de cabelos e saias curtos por parte das teresinenses, a ociosidade das mulheres de classe média, as solteironas, as mulheres melindrosas. Tratava ainda de assuntos ligados ao universo feminino como o ciúme, o amor e a paixão.

Em crônica de 1928, um redator tratou de forma irônica os costumes das mulheres piauienses e os novos usos de cabelos e saias curtos. Para o cronista A.N, as mudanças que estavam ocorrendo na sociedade estavam transformando o comportamento feminino, já que era comum as mulheres copiarem os modelos de roupas e os cortes de cabelo apresentados pelo cinema. Uma mulher guiada pela futilidade:

Pudera parecer que isso deve se enquadrar entre futilidades das meninas educadas em casas de projeções luminosas, mais ou menos esquecidas de uma polícia dos costumes. Fora erro. As ligas com retratos dizem muito. Para as ver, preciso se torna reduzir as vestes. Reduzi-las é desvendar mistérios de corpos. Desvendá-los é acender desejos. Nos acender, a causa de crimes e desventuras.

Depois, as mulheres se enganam em muito no se revelarem tais como as conhecem os mármore das mesas de anatomia e os que sofrem de béguins. Mulheres e mistérios devem ser dois substantivos sinônimos. Voltem ao mistério das saias compridas [...] encobrendo o que não se deveria mostrar.³⁴

A crítica de A.N incidia, sobretudo, na alteração dos costumes. Para ele, as mulheres queriam se assemelhar aos homens tanto em físico quanto em comportamento, eram ousadas na ocupação dos espaços públicos em que suas presenças se tornavam corriqueiras. A redução das saias e das roupas em geral, agredia os bons costumes. Eram mulheres deixavam de ter pudor, já que:

Não bastou, entretanto, cortar os cabelos, na tendência, para se irmanarem com os homens em físico. Encurtam as saias. Elevam-nas aos joelhos. E com a morte de um herói suspeito de cinema, as encurtam, um pouco mais, de

³⁴ CABELOS e saias curtos. *O Piauí*, Teresina, ano 61, n. 8, 12 jan. 1927, p. 4.

modo que a liga, onde figura a cara, em porcelana, do seu ídolo, seja vista, no relance de uma subida ou descida do bonde [...]³⁵

4.4 A modernidade: recusas e ambiguidades

As mudanças do novo século produziam recusas e incertezas quanto à modernidade. Era comum também uma certa desilusão quanto as mudanças de comportamento e rumos da sociedade, a modernidade também estava carregada por muita incompreensão e ressentimento quanto á perda e ao distanciamento da tradição e com a chegada de novos modismos e comportamentos.

Berman designa modernidade como um conjunto de experiências compartilhadas por homens e mulheres em determinado tempo e espaço, onde essas experiências vão ser subjetivadas de diferentes formas pelos indivíduos que passam a perceber a realidade e suas transformações. Para ele ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas ao redor, porém, ao mesmo tempo, ameaça destruir tudo o que temos ou sabemos, tudo o que somos. Já o termo modernização enfatiza, de modo geral, as intensas transformações no espaço e na sociedade. A modernização surge como um “turbilhão” de transformações manifestadas, entre outros aspectos, por meio da urbanização do espaço.³⁶

Sevcenko, ao tratar do processo de urbanização e modernização, no Rio de Janeiro, percebeu a cidade tendo a multidão como centro, com mudanças de ritmo frenético, como espaço de disputa e sobrevivência e detentora de um projeto cosmopolita, com um lugar onde as imagens e representações do progresso em curso se transformaram em obsessão coletiva da nova burguesia, mas também provocaram sentimentos de incompreensão.³⁷

Assim, o início do novo século foi marcado pelo efêmero, por acontecimentos inéditos e que abriam novas possibilidades de vida, já que o moderno se anunciava e era caracterizado pelas transformações e pelo “extraordinário avanço técnico” alterando o ritmo de vida da sociedade. As transformações que marcaram as três primeiras décadas do século XX foram rápidas e revolucionárias. Ao tratar de São Paulo, Sevcenko afirmou que:

³⁵ CABELOS..., 1927, p. 4.

³⁶ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p.15

³⁷ Ver especialmente a inserção do Brasil na Belle Époque. SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

[...] Uma verdadeira febre de consumo tomou conta da cidade, toda ela votada para a ‘novidade, a ‘última moda’ e os artigos *dernier bateau* [...] a aparência elegante, *smart*, torna-se um requisito imprescindível - se acompanhada do título de doutor ou honoríficos correlatos [...].³⁸

Caio Lima fala sobre essas mudanças que estavam ocorrendo na sociedade onde a tradição vai sendo posta de lado em função de novos costumes que são adotados. O progresso trazia benefícios, porém em termos de comportamento, a adoção de costumes norte-americanos provocava o abandono de alguns hábitos salutareos como o das visitas programadas às casas de amigos:

Ainda há pouco, querendo imitar o passado, fiz-me prevenir com 24 horas de antecedência em casa de um amigo. Quando lá cheguei, simplesmente o meu amigo não estava, pois tinha negócios e não podia esperar-me. Isto é o progresso, a febre da vida que avassala o homem, que faz de um minuto uma fonte respeitável de cavação. As formalidades sociais, que outrora eram o gáudio dos nossos ascendentes, vão perdendo o seu brilho, tendo se reduzido a uma positividade yankee.³⁹

O desenvolvimento de uma nova sensibilidade, anunciadora de novos tempos era percebida pelos cronistas. Caio Lima revelou certo desconforto em relação à rapidez das mudanças dos costumes e ao conseqüentemente desaparecimento dos costumes tradicionais. Para ele, a perda da privacidade e as visitas inconvenientes atestavam mudanças radicais na forma de viver. Ao mesmo tempo, Caio Lima vai percebendo a constituição de uma nova sensibilidade com relação aos comportamentos, chega a culpar o progresso pelas mudanças, onde as formalidades passam a ser deixadas de lado e as relações passam a ser mais impessoais. Essa mesma percepção é colocada em pauta por Abdias Neves em *Um manicaca*, ao relatar as transformações que estavam ocorrendo na sociedade.⁴⁰

Um dos escritores piauienses que demonstraram uma escrita ressentida nesse período foi Elias Martins, no seu livro *Fitas*. Ele defendeu a força da tradição como um elemento indispensável para a conservação da pureza dos costumes e para o desenvolvimento da sociedade. A escrita de Martins em *Fitas* e nos seus artigos publicados no jornal *O Apóstolo* está cheia de ressentimentos, que se justificaram por vários aspectos. Destaco dois aspectos principais: o primeiro está ligado às mudanças que estavam ocorrendo em relação aos

³⁸ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 46.

³⁹ LIMA, Caio. De relance. *Correio de Teresina*, Teresina, ano 2, n. 34, p. 2, 29 set. 1913. p. 2.

⁴⁰ NEVES, Abdias. *Um manicaca*. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985.

costumes e à vida social teresinense, e o segundo às questões político-partidárias. Quanto aos costumes, Elias Martins assim iniciou seu discurso:

O florescimento e segurança das nações em todas as épocas tiveram assento na pureza dos costumes. Conservá-los na simplicidade de sua beleza, sob lúcida vigilância, norteadas a atividade individual e coletiva dentro da moral é o caminho para conduzir os povos a gloriosos destinos.⁴¹

A visão de Elias Martins sobre a modernidade e a civilidade era de um inconformismo e ressentimento com as mudanças que estavam ocorrendo, mostrando que nem todos estavam de braços abertos para a modernidade. Martins, em sua escrita, revelou que não suportava os novos comportamentos ligados à civilidade e à modernidade, pois com os novos costumes até as empregadas se transformavam em ladras e as crianças teriam passado a mentir.

Para Martins, as alterações relacionadas aos costumes do seu tempo indicavam um tempo de perda dos referenciais. Martins evidenciou uma dimensão da sociedade teresinense do início do século XX que experimentava muitas mudanças, e para ele isso significava um distanciamento da tradição e do modo de viver característico do século XIX. No que se refere às questões políticas, os ataques constantes a administração de Antonino Freire e de Miguel Rosa deram a tônica de suas crônicas publicadas no jornal *O Apóstolo*.

Quando Martins fala que as moças do balde e os meninos de recado começaram a roubar ou a ficar com o troco das compras para usufruir dos benefícios da modernidade bem como conseguir dinheiro para assistir às fitas, tem como referência a conduta do passado, momento em que as pessoas eram confiáveis. A modernidade modificou os hábitos e as relações entre as pessoas, e a confiança deixava de ser pautada na palavra, nas relações familiares ou nas amizades. Martins, ao narrar esses aspectos, revelou mágoa com a chegada de novos tempos e a mudança de comportamento na sociedade:

Engenhos precoces nos torneios de fraudes, bebem nas fitas inspiração e alento, brilhando em tudo a desonestidade e o dolo; nas compras e nas vendas retiram de ordinário uma porcentagem que lhes assegure a satisfação de seus gozos, recolhendo-a em seguro abrigo.⁴²

Martins, ao questionar o avanço da modernidade e de seus símbolos, lembrou as formas tradicionais de diversão, saudoso dos velhos tempos do violão, do uso da flauta nas

⁴¹ MARTINS, 1920, p. 7

⁴² MARTINS, 1920, p. 19.

serenatas, das brincadeiras ingênuas e dos agradáveis passatempos entre as famílias. Ao mesmo tempo em que evidenciou modificações significativas nas formas de lazer onde festas tradicionais perdiam espaço para o cinema, Martins demonstrou o avanço das alterações nas relações familiares, o enfraquecimento das relações de afetividade e de cordialidade entre as pessoas durante as festividades e folguedos.⁴³

Nas crônicas produzidas por Jônatas Batista, o que mais se destacou foi a crítica aos maus costumes e a hipocrisia dos falsos moralistas, que para ele se instalavam na sociedade. Jônatas, de forma recorrente, se queixou da falta de tema para suas crônicas, devido ao caráter provincial da cidade e à banalização da vida ocasionada pelos novos tempos. Outras temáticas como as prendas, as sentinelas, o exagero das notícias de fora, e ausência de detalhes nas notícias vindas através de telegramas também faziam parte de suas críticas.

Batista ironizou certas práticas correntes em Teresina como o jogo de prendas, Para ele, evento comparado às sentinelas. Para Batista nada poderia ser mais insípido que o jogo de prendas, nada mais ridículo do que chegar e perguntar, se durante o carnaval, se não reconhecia tal pessoa. Batista considerava abominável tanto o hábito de forçar o riso e ser agradável ao ouvir uma prenda quanto o participar de um funeral e chorar de forma exagerada, sem ao menos conhecer o defunto. Ao tratar das prendas, afirmou que a hipocrisia da sociedade era muito irritante. Segundo ele:

Na prenda ou na sentinela o preconceito e a hipocrisia representam sempre os papéis mais importantes e o bico da chaleira vai sempre acariciando com mais ou menos entusiasmo.

Não quero dizer, está claro, que todos sejam hipócritas, que todos finjam. Há muita gente que chora sinceramente, como há muita que rir porque realmente tem a franqueza de achar graça em tão arcaicas pilhérias.

Mas... que coisa insípida uma prenda! [...]

Que coisa mais velha, mais intragável, mais aborrecida, mais sem graça! [...]
É sabe leitor por que rio? Por três motivos, por três razões poderosas – para agradar ao dono da casa, para não ser grosseiro com uma mulher e... para não chorar.⁴⁴

As crônicas de Jônatas Batista eram queixas quanto a falta de civilidade do povo teresinense. No momento em que o cronista falava da cidade e das transformações nos relacionamentos, da educação feminina, do desinteresse dos homens pelo matrimônio, do crescimento dos casamentos por interesse, também dava visibilidade a uma dimensão do atraso e da não adequação aos novos tempos. Batista vai esquadrihando os modos que

⁴³ MARTINS, 1920, p. 21.

⁴⁴ BATISTA, Jonatas. *Poesia e prosa*. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985. p. 110.

estavam se transformando e que mereciam atenção. Para ele o povo teresinense deveria deixar de ser apenas imitador e consumidor de costumes de fora, sobretudo da França, e produzir algo original.⁴⁵

Abdias Neves, em *Um manicaca* fez um inventário dos costumes teresinenses do início do século XX. Ele registrou os festejos do largo do Amparo, as festas de aniversário, os bailes, o São João festivo, as representações teatrais, cenas de casamento, a indiscrição em torno da compra dos móveis, principalmente, os do quarto do casal, a curiosidade das moças sobre os tabus sexuais, a maledicência, as romarias ao cemitério e os modos de vestir masculino e feminino, fazendo dessa forma toda uma caracterização da vida social teresinense.

Neves explora também as transformações culturais como a influência da moda para o aumento das traições e da prostituição, além da indiscrição das pessoas e dos mexericos. Sua obra apresenta também um cunho moralista, na medida em que repudiava comportamentos da sociedade teresinense como a maledicência, o meretrício, o adultério, o amasiamento, além de outras práticas comuns no período em questão.

Ao tempo que *Um manicaca* pode ser considerado como um romance de época, também é um exemplo de escrita ressentida, já que Neves não poupou esforços nas críticas, demonstrando assim ressentimentos advindos talvez do fato de habitar uma cidade provinciana, de poucas diversões e distante da modernidade. Esses ressentimentos estão expressos em todo o romance. O próprio autor do romance parecia não gostar da vida nas acanhadas cidades do interior piauiense, pois o livro foi escrito quando habitava a cidade de Piracuruca, entre 1901 e 1902.

No episódio do casamento de Praxedes e Mundoca, Neves critica a presença constante de outras moças que adentravam a casa, e que ficavam especulando sobre a cama do casal, sobre os objetos pessoais, além de tecerem comentários maldosos sobre a lua de mel:

Desde 11 horas da manhã apareciam visitantes, apesar do sol que escaldava a rua. Entravam sem cerimônia, por toda parte, vendo tudo, dando a procedência de alguns objetos, discutindo o preço de outros, fazendo alusões, abusando da ausência do noivo para não deixarem coisa alguma sem exame rigoroso. A todo o momento estalavam risos pela casa, sonoramente acentuando pilhérias mais ou menos picantes. [...]. Todo mundo, senhoras e moças especialmente, ali entravam e saíam, muito naturalmente, sem pensar na impertinência da visita, desculpadas pela opinião que sancionava esse

⁴⁵ BATISTA, 1985, p. 116-121.

costume. Fazia-se, com o Dr. Praxedes, o que se fazia com os outros noivos.⁴⁶

Os conhecidos que visitavam o novo casal faziam comentários impertinentes sobre as condições financeiras de Praxedes, afirmavam que todos os móveis eram usados, mas que estavam em bom estado de conservação. A cama era um exemplo emblemático da crítica que Abdias fazia da sociedade da época, e que via nesse costume uma atitude de extrema falta de educação, do ponto de vista dos novos modelos de educação e civilidade do início do século XX, que tinham por base o respeito à individualidade, à privacidade, e à vida íntima do casal. Sobre a impertinência e a indiscrição das visitas com relação à cama do casal, Abdias Neves afirmou que:

- [...] Diga-me, você que conhece melhor a terra: para que aquela cama exposta, bem às vistas de todos? Tinham seguido conversando e achavam-se sentados, frente a frente, na alcova.
- [...] Para quê? Diga! [...] – Fica em exposição, defronte das janelas, preparada, cheirosa, à espera dos noivos
- [...] Ontem, quando viemos da igreja, vi duas senhoras sentarem-se aí. Riam-se apalpando os colchões, revolvendo os travesseiros. Que alegria era essa?
- [...] Não são apenas essas duas ou três moças. Os rapazes andam pior. Vi alguns se sentarem-se, aí, fazendo as mais cruas observações.⁴⁷

Um manicaca tratou do ato de viver em Teresina no início do século XX, uma vida caracterizada por Abdias Neves como provincial. Ao analisar *Um manicaca*, José Miguel de Matos⁴⁸ expressou que o romance devia ser articulado à própria vida do autor e aos tipos humanos que deram vida à cidade descrita na obra. Para José Miguel de Matos, Neves descreveu Teresina como:

[...] cidade ainda desumana, suja, sem conforto, impregnada de religiosidade simples, submissa a tabus de vários tipos, vivendo do pequeno comércio, deliciando-se com a intriga e o mexerico. Nela se entrecruzam tipos humanos, quase maledicentes.⁴⁹

⁴⁶ NEVES, Abdias. *Um manicaca*. Teresina: Corisco, 2000. p. 109.

⁴⁷ NEVES, 2000, p. 139-140.

⁴⁸ MATOS, José Miguel de. *Abdias Neves (1876-1928)*. Teresina: EDUFPI, 1984.

⁴⁹ MATOS, 1984, p. 21.

O clima quente do Piauí e de Teresina foi alvo constante de ataques de forasteiros e até mesmo de piauienses. Carlos Penna Botto ao narrar a sua passagem pelo Piauí no livro *Meu exílio no Piauí*⁵⁰, o fez de forma ressentida. Penna Botto acreditava que a ocupação de um cargo de capitão dos Portos do Piauí era uma afronta às suas possibilidades e inteligência. Ao ser destacado para trabalhar no Piauí, o almirante acreditava que estava sendo enviado ao ostracismo, e que estava condenado ao esquecimento total.

Penna Botto fez uma caracterização geral da sociedade da época, e zombou até mesmo da dimensão do tempo no Estado do Piauí que para ele era medido a partir do toque do sino da igreja matriz. Sobre o povo piauiense, Botto o considerava um tipo sofredor e ufanista, e que mesmo com todos os problemas valorizava a sua terra e não a abandonava jamais.

O piauiense pareceu-me ser bem o tipo do sofredor-otimista.
Habita uma terra de clima inóspito e estiolante, doentia, onde a natureza faz guerra sem tréguas ao homem; assolada pelos mosquitos e pelos morcegos; batida pelo impaludismo [...] e, no entanto conserva o sorriso nos lábios e aparenta felicidade e contentamento!
Moureja num Estado atrasado, sem recursos, abandonado e desconhecido do resto do Brasil, e contudo fala da nacionalidade com ufanía, e espera confiante um belo porvir para a nação e para o Piauí!
Vive em vilas e pequenas cidades, mal traçadas, de ruas ou arenosas ou barrentas, sem esgotos, mal servidas de luz, sem boa água, e todavia julga-as belas, atraentes, declara mesmo que não as trocária por outras maiores, de fama e nomeada!⁵¹

Penna Botto, é exemplo de como as pessoas de fora percebiam o Piauí. Ele de forma ressentida descreve a pobreza do Estado e seu atraso em relação aos serviços de infraestrutura como: a falta de água de boa qualidade, ausência de esgotos, o lixo espalhado pela cidade. A proliferação de doenças completava as péssimas condições de vida no Estado:

[...] A cidade de Parnaíba não tem a menor higiene.
Caboclos ébrios perambulam livremente pelas ruas.
Os suínos e os cachorros também...
O lixo foi durante muitos meses amontoado num dos becos vizinhos à rua principal da cidade, até que a exalação pútrida e os mosquitos, baratas, moscas, urubus, etc, fizeram ver – [de modo insofismável...] a conveniência de se procurar melhor lugar para despejo.
Na época das chuvas a cidade fica cheia de poças d'água, de onde nascem muriçocas às legiões.

⁵⁰ Mesmo não sendo ambientado em Teresina, Penna Botto em *Meu Exílio no Piauí* nos dá uma dimensão de como os viajantes observavam o Piauí no início do século passado. Justifico a escolha dessa obra devido a proximidade das condições sócio-econômicas de Teresina e Parnaíba nesse período.

⁵¹ BOTTO, 1931, p. 117.

Não há água encanada, nem esgotos, nem calçamento [...].⁵²

Nogueira Tapety, de certa forma, também reproduziu o discurso dos estrangeiros sobre o Piauí referindo-se à alta temperatura da região. Ao narrar seu exílio forçado na Ilha da Madeira para tentar a cura para a tuberculose, produziu poemas exaltando a referida ilha e suas características naturais.⁵³ Tapety, doente, viajou por acreditar na esperança de dias melhores e terminou por exaltar as belezas naturais do local.⁵⁴

Entretanto, no mesmo texto, Tapety falou de sua terra com um tom melancólico, e assim, incorporou em sua fala uma ideia bem difundida e repetida: o clima quente e tórrido de sua terra natal. Depreciava, portanto, Teresina. Ao comparar o clima do Piauí ao da ilha da Madeira afirmou em um de seus poemas que o sol que iluminava sua terra natal era o mesmo que aquecia o inferno de Dante. Tapety, ao caracterizar as condições climáticas de Teresina como ruins e infernais, isso em comparação às da Ilha da Madeira, o fez por acreditar que a temperatura amena da ilha diminuiria o avanço da doença de que ele era acometido, e dessa forma chegaria à cura:

Madeira! Foi assim que te sonhei:
Uma linda montanha,
Toucada de jardins, magnífica, risonha,
E és como imaginei...

Ergue-te sob um céu sempre claro e brilhante,
Onde o sol que flutua,
Sendo prodigamente fecundante,
Não tem aquela luz torrefacente, crua
“Que faz de minha terra outro inferno de Dante”⁵⁵

Carlos Castello Branco, em seu discurso de posse na Academia Piauiense de Letras, lembrando a cidade de Teresina ao tempo de sua infância, no final dos anos 20, refere-se de forma queixosa da falta de artefatos urbanos na cidade, como água, luz, esgotos e calçamento:

⁵² BOTTO, 1931, p. 19.

⁵³ Entre poemas mais famosos temos Ode à Madeira, que depois foi publicado na Revista da Academia Piauiense de Letras, com o título de Janua Coeli, poema dedicado a D. Laura Veras, dona do hotel em que se hospedara e que o recebera como um filho.

⁵⁴ FILHO, Celso Pinheiro. *Nogueira Tapety*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1990.

⁵⁵ FILHO, 1990, p. 13.

A Teresina que nós deixamos – eu já me antecipara deslocando-me para Belo Horizonte, onde fui estudar Direito – era uma pequena cidade, com ruas sem calçamento ou com calçamento apenas iniciado, sem esgotos, com iluminação fraca, água corrente das 7 às 11 da manhã, sem instalações internas que permitissem a construção de banheiros. Eram raros os chuveiros na cidade. Lembro-me do que havia, no fundo do quintal, na casa de seu Aarão Parentes e o de um pequeno hotel, que o incluía como novidade no anúncio que fazia publicar nos jornais da terra.⁵⁶

Carlos Castello Branco também fez uma caracterização geral do teresinense e dos homens de letras que atuavam na cidade. Para ele, apesar da falta de infraestrutura e do provincianismo, havia aspectos positivos, como os pequenos índices de violência. O povo era visto como simples e divertido:

A cidade era alegre, o povo atencioso, simples e divertido, poucas brigas, escassa crônica policial e, entre as pessoas de situação havia veneração pela inteligência e a valorização dos homens que sabiam coisas, como médicos, engenheiros e poetas.⁵⁷

O discurso de Elias Martins demonstrou o assombro da vida provinciana ameaçada pela modernidade, e pelas novas sociabilidades que estavam se constituindo na cidade de Teresina. Para Martins a mudança radical dos comportamentos implicava na perda dos referenciais de moral e bons costumes que organizavam aquela sociedade. Para ele era preferível o modo de vida conservador da cidade, à ruptura rumo ao desconhecido progresso que servia apenas para corromper bons costumes.⁵⁸

Já Jônatas Batista mostrou-se surpreso com a vida moderna e em alguns momentos exaltou o progresso, e em outras, viu com desconfiança o avanço das transformações sociais em curso. Se no discurso de Elias Martins em Fitas ficava evidente o assombro da vida rural ameaçada pela modernidade. Em Jônatas Batista estavam presentes as estupefações com a vida moderna, a desconfiança com o avanço do progresso. Batista também demonstrou sentimentos de incompreensão com os novos tempos que se configuravam, e em muitas de suas crônicas estavam presentes o espanto e o assombro com a vida moderna. O próprio Jônatas, de forma irônica, chegou a comemorar a demora do progresso, afirmando “viva o nosso atraso, a nossa primitividade, o nosso costume. Nada de progresso [...]”⁵⁹

⁵⁶ Discurso de posse da cadeira n. 13 na Academia Piauiense de Letras, que fora de seu pai Cristino Castello Branco. CASTELLO..., 1984.

⁵⁷ CASTELO..., 1984.

⁵⁸ Sobre a degeneração dos costumes provocada pela modernidade, ver: MARTINS, 1920.

⁵⁹ BATISTA, 1985, p. 119.

O avanço do progresso produzia encanto devido ao desenvolvimento material que a sociedade da época estava presenciando. Porém, os mesmos discursos, caso de Areolino Abreu⁶⁰, apresentam-se contraditórios, ora exaltam as virtudes da modernidade, ora vêm com desesperança os rumos que a sociedade vai tomando com os novos tempos. O avanço do século XX mostrava-se como um momento de muitas incertezas. Segundo Abreu, os homens estavam diante de um futuro incerto: “Um homem sentado à beira de um tumulto fitando apreensivo a vastidão interminável do espaço – eis como simbolizamos na tela a data que hoje passa”.⁶¹

Hobsbawm,⁶² que em *A era dos extremos* estabeleceu uma vista panorâmica do século XX, afirma que a transição do século XIX para o século XX terminou sem satisfação, e sem confiança no futuro devido às incertezas advindas principalmente do progresso científico, do rápido desenvolvimento material, e da destruição gradativa do passado em termos de memória e do medo da eminência e/ou proximidade das guerras.

Hobsbawm fez uma comparação entre os séculos XIX e XX a partir da Europa, evidenciando que o primeiro era caracterizado como um tempo de melhoria nas condições de vida civilizada, isto é, do progresso material, intelectual e moral; já o segundo era visto como um período de rápida regressão dos padrões então tidos como normais e civilizados nos países desenvolvidos e que as pessoas acreditavam que se espalharia para as regiões mais atrasadas do mundo.⁶³

Areolino de Abreu em discurso na sessão literária realizada no dia 1º de janeiro de 1901, no Teatro 4 de Setembro, ao tratar das comemorações da chegada do século XX, destacou os avanços das ciências e os problemas advindos do progresso da sociedade. Enfatizou também os benefícios decorrentes do desenvolvimento do sistema capitalista. Para ele, o novo século mostrava-se promissor, pois:

[...] a água, a luz, a eletricidade, o magnetismo – desvendam a cada dia novos horizontes, a imprensa eterniza e propaga as ideias, o telégrafo leva o pensamento através dos montes, oceanos e vales, o fonógrafo perpetua o som, o telefone transmite a voz, o vapor zomba das distâncias como tormenta e do mar bravo, os raios x burlam os segredos da opacidade, o telégrafo sem

⁶⁰ Areolino Antônio de Abreu. Nasceu em União - PI a 08-08-1866 e faleceu em Teresina-PI, em. 31-05-1908. Médico, jornalista, professor e político. Fez carreira política, foi deputado provincial, presidente do Conselho Municipal de Teresina e do Tribunal de Contas do Estado. Elegeram-se vice-governador e chegou a assumir o Governo do Estado devido à morte do governador. Colaborou em vários jornais de Teresina.

⁶¹ ABREU, Wladimir. *Discursos do Dr. Areolino de Abreu*. Teresina: Imprensa Oficial, 1913. p. 5.

⁶² HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 11-12.

⁶³ HOBBSAWM, 1995, p. 22.

fios e o gramofone são enfim os últimos anéis dessa interminável cadeia de sucessos do engenho humano – enquanto o aeróstato dirigível não campeia garboso e soberbo pelo espaço a fora – novo condor e símbolo perfeito das aspirações humanas![...] ⁶⁴

Contudo, Areolino de Abreu mostrava-se bastante ressentido com os rumos da sociedade com a chegada da modernidade e pelas novas sociabilidades que estavam se constituindo em Teresina no início do século passado,

Diante desse século que agonizou e findou-se – vasto cenário iluminado pelos clarões da civilização – onde a humanidade se revelou o eterno fascista aprimorado e representou a eterna comédia do egoísmo, da ambição e da mentira; diante desse século – imenso anfiteatro umedecido de lágrimas e salpicado de sangue, por onde vaguearam sem guarita a justiça e o direito como o Ashaverus da lenda, e onde a força esmagou a razão, o vício afrontou a virtude, a impostura suplantou o mérito, o dinheiro eclipsou a inteligência – e a fome, a guerra, a peste, as opressões e tiranias alastraram infortúnios, empilharam cadáveres e conclamaram liberdades, não tem por certo muito de que desvanecer-se o orgulho humano e o júbilo é uma pungente aos desiludidos e um sarcasmos atroz aos que padecem e sofrem! ⁶⁵

Abreu destacou os benefícios dos novos tempos, mas de forma ressentida, destacou suas dúvidas com os novos tempos, e com os novos modelos de vida. Narrou com certo saudosismo o passado e rapidez das transformações que segundo ele não levariam a nada e ainda alteravam os costumes do povo piauiense. Abreu fez diversas ressalvas a respeito da constituição da civilização da época. Ele falou sobre as questões relacionadas à mudança do século XX e demonstrou certa desilusão quanto às mudanças de comportamento que estavam ocorrendo naquele momento, principalmente por influência norte-americana.

Concebemos, criamos, investigamos, descobrimos – e quanto mais subimos na escala da perfectibilidade – mais vemos distanciar-se, fugir e recuar a felicidade – como as miragens diante do caminheiro do deserto; mais nos convencemos de que desbota e amortece a crença na realização desse ideal sublime de paz, conforto, amor, progresso e fraternidade dos povos![...] ⁶⁶

Biografias e autobiografias de escritores do período mostram que a trajetória de vida de alguns homens das letras estava marcada por uma escrita ressentida. No início do século XX muitos escritores emergiam como modelos de civilidade em Teresina. Eram homens letrados,

⁶⁴ ABREU, 1913, p. 8.

⁶⁵ ABREU, 1913, p. 3.

⁶⁶ ABREU, 1913, p. 7.

possuíam uma nova forma de ver o mundo, afirmavam e divergiam sobre vários símbolos da modernidade.

Teresina se modificava, mas também conservava hábitos simples, e considerados provincianos. Os embates entre os cronistas com a prescrição de hábitos civilizados e o combate aos maus costumes foi a tônica das três primeiras décadas do século passado. Os discursos produziam eco, nas duas direções, a favor e contra os novos costumes que estavam se consolidando. Assim, atravessando o desejo de edificação de uma sociedade moderna, temos a tensão com a cidade concreta.

6 CONCLUSÃO

A construção dessa dissertação, que tem como temática principal a constituição da civilidade em Teresina no início do século XX, está diretamente ligada à escrita dos cronistas. Durante a pesquisa exploratória, o objeto inicial era a cidade, as suas transformações, a conjuntura, o macro; mas aos poucos o trabalho foi ganhando outra forma, e os elementos do dia-a-dia, os mais simples, que antes passavam despercebidos, foram dando o tom da narrativa, esta que buscou na crônica da cidade os costumes que estavam encobertos.

De forma geral, a escrita de Caio Lima – como a de muitos outros cronistas que atuaram nos jornais que circulavam na cidade de Teresina, nas três primeiras décadas do século XX –, registrou a cidade em movimento e sua relação com o processo modernizador, uma vez que existia o desejo claro de evidenciar uma cidade repleta de contradições, de símbolos modernos, com novas sociabilidades modernas, e composta por uma elite de hábitos civilizados, mas havia também, sobretudo na escrita de Caio Lima, o embate entre a civilidade e os maus costumes, em que os comportamentos não aceitos ganhavam visibilidade, eram questionados e ridicularizados.

O olhar de relance de Caio Lima, marcado pela subjetividade, é uma escrita que se destaca por quatro características: primeiro, pela exaltação do estranho e do absurdo; segundo, por uma sintonia com os fatos; terceiro, pelo uso de uma ironia leve, mas permeada por uma linguagem ácida; e por último pela realidade dos fatos cotidianos descritos nas crônicas. Esses quatro elementos evidenciam o ridículo, que muitas vezes é mostrado com o exagero, a condição de caos e abandono em relação à pobreza que acompanhava o crescimento da cidade, e principalmente a efetivação do processo civilizador em Teresina.

O olhar dos cronistas estava voltado para o cotidiano. Tudo era observado atentamente por eles. Aspectos ligados a uma educação adequada para as crianças e aos lugares adequados para elas na sociedade, diferentes dos espaços dos adultos, as proibições de levar crianças para festas à noite, que línguas estrangeiras ensinar a elas nas escolas, aprendizagens como as de se servir à mesa, indicavam quais hábitos deveriam adotados e quais eram os maus costumes.

Esses maus costumes eram percebidos como elementos que caracterizavam um povo não civilizado e atrasado. Os cronistas ratificavam que a população de Teresina, através de suas práticas, burlava as regras impostas, como o Código de Posturas, mostrando, assim, a não adaptação aos novos códigos de comportamento prescritos e desejados.

Um dos desafios dessa pesquisa foi perceber como os símbolos do moderno e do novo chegavam à cidade, como esses símbolos eram consumidos e de que forma as pessoas vivenciavam a modernidade que estava se constituindo. Percebi que existiam propagandas, discursos, desejos sobre o moderno, mas que esse moderno não se efetivava de forma rápida e contínua. Nessa perspectiva, o discurso de civilidade passou a ser a temática central desse trabalho.

A construção de um comportamento civilizado articulado às transformações da cidade, e às condições de existir da época, está diretamente relacionado a vários aspectos como: as condições econômicas, os símbolos modernos que chegavam à cidade, os consumos dos espaços públicos, as mudanças da infraestrutura da cidade como o calçamento, a iluminação pública, o abastecimento d'água. De certa forma, essas questões demonstravam as dificuldades para efetivação da modernização de Teresina

Os textos produzidos por Higino Cunha sobre educação feminina, as campanhas contra as touradas, o salão como fator cultural, as diversões familiares salutaras, o cinematógrafo, e o regime conjugal descrevem as sociabilidades da época e possuem um aspecto comum que os entrecorta, que é a questão da civilidade, com suas dificuldades de se efetivar na sociedade teresinense do início do século XX.

Este trabalho não tratou do embate entre o que é conservador versus o que se diz civilizado, já que a reação dos cronistas no combate aos maus costumes não estava associado somente à valorização do conservadorismo e da tradição. Dessa forma, o objetivo foi perceber a civilidade e o combate aos maus costumes com a prescrição de comportamentos através dos discursos dos cronistas, ratificando como se deveria viver em Teresina, e quais os comportamentos salutaras que deveriam fazer parte do cotidiano. A construção de uma sociedade única, com a homogeneização dos costumes, é disso que tratam os discursos sobre os comportamentos civilizados, e os não civilizados, estes que deveriam ser combatidos.

O cotidiano da cidade mostrado pelos cronistas e escritores da época, a prescrição de hábitos que deveriam ser consumidos e exercidos pela população, os hábitos civilizados, e em contrapartida, o combate dos cronistas, de forma muito severa aos comportamentos que eles consideravam grosseiros e não civilizados, foram objetos desta pesquisa.

Outros aspectos comuns na escrita de literatos e cronistas era o medo quanto aos riscos de degeneração da sociedade, a modificação gradativa dos comportamentos, a superação do modelo tradicional patriarcal, a prescrição de comportamentos civilizados e a crítica aos maus costumes e ao provincianismo, além do ressentimento, em que a modernidade era vista através de seus avanços, mas também por suas ambigüidades. Um exemplo disso são as

diversões modernas e civilizadas que se popularizavam e entusiasmavam o público, como o cinema, que era visto como um elemento moderno, mas também nefasto.

A minha pretensão também foi fazer um inventário sobre os ressentimentos existentes na escrita de literatos e escritores piauienses no início do século XX. Observei alguns tipos de ressentimentos que se destacaram, como os relacionados à cidade, que era vista como um lugar sem aparatos caracterizadores de uma cidade moderna. Como exemplo, cito o caso do escritor Clodoaldo Freitas, que valorizou a chegada da luz elétrica, porém, de forma sutil, criticou que só existia iluminação até certa hora.

Outro tipo de ressentimento comum era advindo das alterações dos costumes, como expresso nas memórias de Buggy Britto e no romance de Abdias Neves, *Um manicaca*. Através da escrita ressentida dos cronistas e literatos piauienses no início do século XX, percebi como esses escritores estavam sentindo a cidade e suas transformações, especialmente aquelas relacionadas ao modo de vida existente.

As crônicas produzidas nas três décadas iniciais do século XX estavam visivelmente repletas de ressentimentos, resultando, assim, em uma escrita sentimental, marcada pelo debate das dificuldades da constituição da civilidade e dos ideais da modernidade na cidade de Teresina. Esta perspectiva de uma nova sensibilidade sobre a capital do Piauí estava relacionada às modificações dos costumes, e à reação das pessoas que passaram a ver de forma negativa as modificações que estavam ocorrendo na sociedade.

Assim, os discursos produzidos pelos cronistas buscavam normatizar comportamentos e criar um padrão de civilidade na sociedade teresinense. Havia dificuldades na construção da civilidade em Teresina, sobretudo, por ela representar uma nova sensibilidade, que muitas vezes não era compreendida e aceita pelas pessoas. Ao mesmo tempo em que os costumes se modificavam, através dos discursos de parte da população teresinense, havia um desejo de superação da tradição, vista como sinônimo de atraso, ignorância e limitação.

As relações com as pessoas de fora da cidade, os usos dos novos equipamentos urbanos, como o do bonde, não saber se comportar nos lugares, cuspir fora da escarradeira, falar da vida alheia, pisar a grama, todas essas situações demonstravam, para os cronistas, falta de sintonia com o processo civilizador que estava ocorrendo na sociedade teresinense.

Tratavam-se de coisas corriqueiras, mas quem não se adequava aos novos costumes era criticado, e ainda servia de motivo para chacotas e pilhérias. Vários aspectos caracterizaram essa dificuldade no processo civilizador, como a forma ressentida de os cronistas perceberem os viajantes e as críticas às pessoas que vinham do interior para participar dos festejos, por não saberem como se comportar na cidade.

A constituição da civilidade foi analisada como ponto chave na inter-relação com o projeto modernizador de Teresina no início do século XX. A euforia da modernidade era contida por uma série de dificuldades, como a falta frequente de recursos da administração pública e a ausência de interesse da iniciativa privada. Ao mesmo tempo, os discursos buscavam a superação do velho e do antigo que representavam o atraso e legitimavam a formação de uma imagem de uma cidade civilizada.

O discurso acerca da saúde, que era nacional, entrecortava a questão da civilidade, e considerava as cidades no início do século XX como locais com muitos problemas estruturais, que contribuía para o agravamento da saúde da população. Assim, havia uma articulação entre os discursos sobre a saúde e sobre o urbano, na tentativa de incidir sobre certos hábitos da população que deveriam ser combatidos, emergindo uma cidade praticada.

O combate seria feito a partir de vários discursos, como o modernizador, que estava articulado à questão da modernidade. Muitos cronistas caracterizavam a cidade com muitos problemas e provinciana, asseverando que a modernidade era mais um discurso que não se efetivava na prática. Assim, neste trabalho, procurei evidenciar a tensão existente entre os costumes ditos tradicionais e os novos modelos introduzidos pela modernidade em Teresina, o distanciamento, o estranhamento, a falta de posturas, o ressentimento, o constrangimento em relação a modelos e apropriações de comportamentos. Exemplos disto estavam nas falas de muitos intelectuais que iam estudar fora, e que, quando retornavam, não se conformavam com os velhos costumes e com o provincianismo da cidade.

Apesar de os discursos de alguns cronistas defenderem o moderno como símbolo do novo, percebi que eram lentas as mudanças propostas, e que havia uma demora na chegada dos artefatos que caracterizassem Teresina como uma cidade moderna no início do século passado, como abastecimento d'água, fornecimento de energia elétrica e a construção de calçamento. Antonino Freire expressou bem tal pensamento, na medida em que planejou embelezar a cidade; mas o que se percebeu é que apenas as ações de Freire não foram capazes de conseguir realizar tal intento, talvez devido aos poucos recursos disponíveis, tanto públicos quanto privados. A realidade é que existia uma distância muito grande entre o sonho da modernidade e aquilo que era possível fazer, entre o real e o que é dito sobre ele, distância que se torna maior ainda quando se observa o que esse real era na prática.

Em síntese, neste trabalho pretendi demonstrar que a Teresina Belle Époque, desejada como cidade moderna e civilizada, era mais um discurso do que uma cidade na prática. Era uma cidade múltipla e não homogênea, como os cronistas buscavam edificar combatendo os maus costumes. Os discursos sobre o cotidiano produzidos pelos cronistas ratificaram os

modos de viver em Teresina no início do século XX, mostrando, dessa forma, que a cidade era plural, dinâmica e que as práticas das pessoas estavam relacionadas ao consumo do seu espaço gerando, assim, novas possibilidades de viver e novas sociabilidades.

FONTES E REFERÊNCIAS

1 FONTES

1.1 JORNAIS

- A ACADEMIA. *Correio de Teresina*, Teresina, ano 6, n.205, 17 jan. 1918, p. 2.
- A CIÊNCIA e o matrimônio. *Diário do Piauí*, Teresina, ano 4, n. 187, 18 ago. 1914, p. 3.
- A HIGIENE de Teresina. *O Norte*, Teresina, ano 11, n. 417, 30 jun.1909, p. 1.
- A LIMPEZA da cidade. *O Piauí*, Teresina, n. 863, 11 ago. 1906, p. 1.
- ARBORIZAÇÃO. *O Monitor*, Teresina, ano 5, n. 179, 10 mar. 1910, p. 4.
- ANTÔNIO. *Litericultura*. Teresina, ano 1, n. 1, 1 jan. 1912, p. 59.
- ANÚNCIO da alfaiataria moderna. *Gazeta*, Teresina, ano 7, n. 280, 30 nov. 1910, p.9.
- ANÚNCIO de Chapéus. *Gazeta*, Teresina, ano 4, n. 131, 29 jan. 1908, p. 3.
- ANÚNCIOS do Comércio. *O Tempo*, Teresina, ano 1, n. 5, 23 mar. 1905, p. 4.
- ANÚNCIO Empresa Fontenelle e Cia. *Gazeta*, Teresina, ano 4, n.154, 12 ago. 1908, p. 7.
- ANÚNCIOS. *A Semana*, Parnaíba, ano 1, n. 2, 26 nov. 1916, p. 1.
- ANÚNCIO Café Avenida. *O Piauí*, Teresina, ano 62, n. 22, 28 jan. 1927, p. 4.
- A SECA. *O Piauí*, Teresina, ano. 30, n. 277, 27 abr. 1919, p. 2.
- ASILO de Velhice e Mendicidade. *Diário do Piauí*, Teresina, ano 2, n. 67, 4 ago. 1912, p. 3.
- BARBARIDADE. *O Tempo*, Teresina, ano 2, n. 48, 11 jan. 1906, p. 2.
- CABELOS e saias curtos. *O Piauí*, Teresina, ano 61, n. 8, 12 jan. 1927, p. 4.
- CÃES vadios. Ecos e fatos. *Gazeta*, Teresina, ano 4, n. 165, 23 dez. 1908, p. 1.
- CAFÉ familiar. *O Piauí*, Teresina, n. 1281, 31 mai. 1914, p. 2.
- CANALHACRACIA. *O Apóstolo*, Teresina, ano 4, n. 190, 9 abr. 1911, p. 2.
- CRIAÇÃO de um jardim público. *O Piauí*, Teresina, ano 2, n. 37, 11 out. 1905, p. 1.

- CRITÉRIO de César. *O Apóstolo*, Teresina, ano 4, n. 186, 8 jan. 1911, p. 1.
- C. G. As crianças. *Pátria*, Teresina, ano 4, n. 267, 2 fev. 1906, p. 1.
- COM a Polícia. *Jornal de Notícias*, Teresina, ano 1, n. 20, 17 mar. 1918, p. 1.
- CUNHA, Higino. A educação feminina e o regime conjugal. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, [s.n.], p. 37-52, maio 1924.
- CUNHA, Higino. Ainda as touradas do centenário. *Correio do Piauí*, Teresina, ano 2, n. 282, 1 out. 1922, p. 1.
- CUNHA, Higino. Diversões familiares. *O Piauí*, Teresina, ano 30, n. 323, 16 out. 1919, p. 1.
- CUNHA, Higino. O Cinematógrafo. *O Piauí*, Teresina, ano 33, n. 502, 28 set. 1921, p. 3.
- CUNHA, Higino. Proteção aos animais. *O Piauí*, Teresina, ano 60, n. 236, 26 out. 1926, p. 1.
- DEVIA ser melhor. *Gazeta*, Teresina, ano 3, n. 77, 23 dez. 1906, p. 1.
- ECOS e fatos. *Gazeta*, Teresina, ano 4, n. 171, 4 nov. 1908, p. 2.
- FÁBRICA de bebidas. *A Imprensa*, Teresina, ano 3, n. 380, 3 maio 1928, p. 7.
- FESTAS cívicas. *Correio de Teresina*, Teresina, ano 5, n. 245, 14 nov. 1917, p. 1.
- FREITAS, Clodoaldo. Aos domingos. *Pátria*, Teresina, ano 4, n. 268, 4 fev. 1906, p. 1.
- FREITAS, Clodoaldo. Dor de pai. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, v. 3, [s.n.], 1921, p. 136.
- FREITAS, Clodoaldo. Mãe dolorosa. *Correio do Piauí*, Teresina, ano 1, n. 61, 15 dez. 1921.
- FREITAS, Lucídio. Gisando. *Diário do Piauí*, Teresina, ano 2, n. 247, 10 nov. 1912, p. 2.
- IDEIA grandiosa. *O Tempo*, Teresina, ano 2, n. 59, 29 mar. 1906, p. 2.
- INFELIZ mulher: moléstia, fome, nudez num cercado. *O Correio*, Teresina, ano 1, n. 6, 18 jul. 1901, p. 3.
- ILUMINAÇÃO pública. *O Piauí*, Teresina, ano 63, n. 105, 8 jul. 1928, p. 2.
- INFANTICÍDIO: Jesus matou um filho. *O Piauí*, Teresina, n. 1249, 11 dez. 1913, p. 3.
- INAUGURAÇÃO dos Jardins. *O Piauí*, Teresina, ano 2, n. 139, 3 jul. 1912, p. 1.
- IMPRESSÕES: terra da Fome. *Correio de Teresina*, Teresina, ano 3, n. 113, 12 abr. 1915, p. 2.
- HOTEL do Norte. *O Piauí*, Teresina, ano 39, n. 485, 23 jun. 1921, p. 4.

- JARDIM público. *O Piauí*, Teresina, ano 30, n. 365, 25 mar. 1920, p. 1.
- LIMA, Caio. De relance. *Correio de Teresina*, Teresina, ano 1, n. 34, 29 set. 1913, p. 2.
- LIMA, Caio. De relance. *Correio de Teresina*, Teresina, ano 1, n. 35, 6 out. 1913, p. 2.
- LIMA, Caio. De relance. *Correio de Teresina*, Teresina, ano 1, n. 37, 20 out. 1913, p. 2.
- LIMA, Caio. De relance. *Correio de Teresina*, Teresina, ano 2, n. 40, 10 nov. 1913, p. 2.
- O JOGO do bicho. *Correio de Teresina*, Teresina, ano 4, n. 184, 2 set. 1916, p. 3.
- O PIAUÍ. Teresina, ano 30, n. 279, 4 maio 1919, p. 2.
- MÃO negra. Atentado contra a Igreja do Amparo. *O Apóstolo*, Teresina, ano 4, n. 198, 2 abr. 1911, p. 1.
- MOVIMENTO Social. Filmes XIV. *O Piauí*, Teresina, ano 30, n. 283, 18 mai. 1919, p. 3.
- MOVIMENTO Social. Filmes. XV. *O Piauí*, Teresina, ano 30, n. 284, 29 mai. 1919, p. 3.
- NA FEIRA. *A Palavra*, Teresina, ano 1, n. 4, 15 jun. 1902, p. 2.
- NOÇÕES de civilidade - costumes. *Gazeta*, Teresina, ano 3, n. 64, 1 ago. 1906, p. 2.
- OS NOSSOS filhos são os homens de amanhã. *O Piauí*, Teresina, ano 61, n. 682, 26 fev. 1927, p. 2.
- PELA CIDADE. *Gazeta*, Teresina, ano 4, n. 138, 18 mar. 1908, p. 2.
- PELA CIDADE. *Gazeta*, Teresina, ano 4, n. 140, 1 abr. 1908, p. 3.
- PELA COMUNA. *O Piauí*, Teresina, ano 20, n. 1076, 2 set. 1910, p. 1.
- PELO JARDIM. *Correio de Teresina*, Teresina, ano 1, n. 22, 7 jun. 1913, p. 2.
- PELO JARDIM. *Correio de Teresina*, Teresina, ano 1, n. 26, 4 ago. 1913, p. 3.
- PROPAGANDA Torpedo Erskine Six. *A Praça*, Parnaíba, ano 1, n. 2, 1 nov. 1927, p. 1.
- QUANDO nos vem comprar uma Victor-Vitrola? *Correio de Teresina*, Teresina, ano 1, n. 8, 31 mar. 1908, p. 3.
- SEMANA Elegante. *O Nordeste*, Teresina, n. 24, 8 mai. 1920, p. 3.
- SERVIÇO d'água. *O Piauí*, Teresina, ano 63, n. 155, 31 jul. 1928, p. 3.
- SOCIEDADE Anônima do Clube dos Diários. *O Piauí*, Teresina, ano 50, 25 maio 1925, p. 3-4.
- SOCIAL: urge providências. *Gazeta*, Teresina, ano 2, n. 12, 1 jan. 1905, p. 2.

REBATENDO. *O Piauí*, Teresina, ano 20, n. 1120, 28 mai. 1911, p. 1.

ROSÁRIO. Meu caro João da Roça. *Correio de Teresina*, Teresina, ano 3, n. 130, 9 ago. 1915, p. 1.

TELEGRAMA Iluminação elétrica. *Gazeta*, Teresina, ano 1, n. 14, 24 jan. 1905, p. 3.

UM MAU costume. *Correio de Teresina*, Teresina, ano 4, n. 186, 10 set. 1916, p. 1.

UMA NECESSIDADE. *Gazeta*, Teresina, ano 5, n. 200, 26 maio 1909, p. 2.

1.2 REVISTAS

LITERICULTURA – 1912 e 1913.

1.3 MENSAGENS GOVERNAMENTAIS

PIAUI. Governo. 1900 – 1904 (Nogueira). *Mensagem apresentada à Câmara Legislativa do Estado do Piauí pelo governador Arlindo Francisco Nogueira, em 1 de julho de 1902*. Teresina: Tip. do Piauí, 1901. 6 p.

PIAUI. Governo. 1900 – 1904 (Nogueira). *Mensagem apresentada à Câmara Legislativa do Estado do Piauí pelo governador Arlindo Francisco Nogueira, em 1 de julho de 1902*. Teresina: Tip. do Piauí, 1902. 21 p.

PIAUI. Governo. 1904 – 1908 (Mendes). *Mensagem apresentada à Câmara Legislativa do Estado do Piauí pelo governador Álvaro de Assis Osório Mendes, em 1 de junho de 1905*. Teresina: Tip. do Piauí, 1905. 30 p.

PIAUI. Governo. 1904 – 1908 (Mendes). *Mensagem apresentada à Câmara Legislativa do Estado do Piauí pelo governador Álvaro de Assis Osório Mendes, em 1 de junho de 1906*. Teresina: Tip. do Piauí, 1906. 16 p.

PIAUI. Governo. 1910 – 1912 (Silva). *Mensagem apresentada à Câmara Legislativa do Estado do Piauí pelo governador Antonino Freire da Silva, em 1 de junho de 1910*. Teresina: Tip. do Piauí, 1910. 42 p.

PIAUI. Governo. 1910 – 1912 (Silva). *Mensagem apresentada à Câmara Legislativa do Estado do Piauí pelo governador Antonino Freire da Silva, em 1 de junho de 1911*. Teresina: Imprensa Oficial, 1911. 70 p.

1.4 DECRETOS E DOCUMENTOS DIVERSOS

CÓDIGO de Posturas do Conselho Municipal de Teresina – 1912. Teresina: APeCH/UFPI. 1998.

PIAUI. Decreto N.º 42. Normas para o estabelecimento do sistema de viação férrea no Estado, fazendo revisões em decretos anteriores. Piauí, 28 jan. 1891.

PIAUI. Decreto N.º 72. Normas para a autorização do abastecimento de água potável na capital piauiense. Piauí, 20 maio 1891.

RELATÓRIO Cadeia Pública de Teresina. Teresina: [s.ed.], 23 jul.1906.

RELATÓRIO Cadeia Pública de Teresina. Teresina: [s.ed.], 1 jul 1906.

RELATÓRIO Cadeia Pública de Teresina. Teresina: [s.ed.], 4 jul. 1906.

TERESINA. Intendente Municipal. 1910-1916 (Paz). *Relatório do Intendente de Teresina Tersandro Gentil Paz na abertura da assembléia da Intendência Municipal em 26 de outubro de 1916*. Teresina: Imprensa Oficial, 1916.

2 REFERÊNCIAS

ABREU. Wladimir. *Discursos do Dr. Areolino de Abreu*. Teresina: Imprensa Oficial, 1913.

ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoíno de. *Cotidiano e pobreza: a magia da sobrevivência em Teresina (1877 -1914)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.

ARIÉS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.

BASTOS, Cláudio de Albuquerque. *Dicionário Histórico e Geográfico do Estado do Piauí*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves/PMT, 1994.

BATISTA, Jonatas. *Poesia e prosa*. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985.

BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BOTTO, Carlos Penna. *Meu exílio no Piauí*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1931.

BRESCIANNI, Maria Stella Martins. Metrôpoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX). *Revista Brasileira de História*. São Paulo, Editora Marco Zero, v. 5, n. 8/9, set. 1984/abr. 1985.

BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Org.). *Memória e (re) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

BRITTO, Bugyja. *Narrativas autobiográficas*. Rio de Janeiro: Folha Carioca, 1977.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASTELLO na Casa de Lucídio Freitas. *Discurso de posse de Carlos Castello Branco na Academia Piauiense de Letras*. Teresina: [s.ed.], 1984.

CASTELO BRANCO, Lili. *Fases do meu passado*. Teresina: [s.n.], 1983.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres plurais: a condição feminina em Teresina na Primeira República*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. Desejos, tramas e impasses da modernização (Teresina 1900/1930). *Scientia et spes*, Teresina, Instituto Camilo Filho, v. 1, n. 2, 2002.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. Famílias e escritas: a prática dos literatos e as relações familiares em Teresina nas primeiras décadas do século XX. 2005. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. v. 1.

CHALHOUB, Sidney. *História em cousas miúdas: capítulos de história social do Brasil*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2005.

CHAVES, Monsenhor. *Obra completa*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

CÓDIGO de Posturas do Conselho Municipal de Teresina - 1912. Teresina: APeCH/UFPI, 1998.

CORRÊA, Roberto Lobato. *O espaço urbano*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000.

CUNHA, Higino. *Memórias: traços autobiográficos*. Teresina: Imprensa Oficial, 1939.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v. 1.

FILHO, Antônio Melo. *Teresina: a condição da saúde pública na primeira República (1889-1930)*. 2000. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.

FILHO, Celso Pinheiro. *Nogueira Tapety*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1990.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2001.

- FREITAS, Clodoaldo. *História de Teresina*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1988.
- FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.
- FREITAS, Lucídio. *Poesia completa*. Teresina: Convênio APL/UFPI, 1995.
- GAY, Peter. *O cultivo do ódio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HALBWACHS, Maurice. Memória coletiva e Memória Individual. In: _____. *Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990. p. 25-52.
- HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MACHADO, Roberto. *Danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977.
- MARTINS, Elias. *Fitas*. Teresina: Tipografia do Jornal de Notícias, 1920.
- MATOS, José Miguel de. *Abdias Neves (1876-1928)*. Teresina: EDUFPI, 1984.
- MONTEIRO, Orgmar. *Teresina descalça: memória desta cidade para deleite dos velhos habitantes e conhecimentos dos novos*. Fortaleza: Edições Ioce, 1987. v. 1
- MONTEIRO, Orgmar. *Teresina descalça: memória desta cidade para deleite dos velhos habitantes e conhecimentos dos novos*. Fortaleza: Edições Ioce, 1988. v. 4.
- NEVES, Abdias. *Um manicaca*. 3. ed. Teresina: Corisco, 2000.
- OCTAVIO, Paz. *Labirinto da solidão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- PINHEIRO, Áurea Paz. *As ciladas do inimigo: As tensões entre clericais e anticlericais no Piauí, nas duas primeiras décadas do século XIX*. 1999. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Campinas, Campinas, 1999.
- PINHEIRO, Celso. *História da imprensa no Piauí*. Teresina: COMEPI, 1972.
- PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza belle époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/ Multigraf Editora Ltda, 1993.
- QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*. 2. ed. Teresina/João Pessoa: EDUFPI/EDUFPB, 1998a.
- QUEIROZ, Teresinha. *História, literatura, sociabilidades*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998b.

QUEIROZ, Teresinha. *As diversões civilizadas em Teresina. 1880- 1930*. Teresina: FUNDAPI, 2008.

REZENDE, Antonio Paulo de Moraes. *(Des)encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Recife: FUNDARPE, 1997.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

TITO FILHO, Arimatéia. *Crônica da cidade amada*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1977.

TITO FILHO, Arimatéia. *Praça Aquidabã, sem número*. Teresina: Artenova, 1975.

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças e atitudes em relação às plantas e aos animais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

WEBER, Eugen. *França fin-de-siècle*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.